



Linguagem e intensidade no discurso freudiano

Cláudia Braga de Andrade

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dr. Joel Birman

Rio de Janeiro

Fevereiro / 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Linguagem e intensidade no discurso freudiano

Cláudia Braga de Andrade

Joel Birman

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Prof. Dr. Joel Birman (Orientador)

Prof. Dr. Chaim Samuel Katz

Prof. Dra. Regina Alice Neri

Prof. Dra. Maria Isabel Fortes

Prof. Dra. Regina Herzog

Rio de Janeiro
Fevereiro / 2008

Andrade, Cláudia Braga de.

Linguagem e intensidade no discurso freudiano/ Cláudia Braga de Andrade - Rio de Janeiro: UFRJ/ IP, 2008.

ix, 177f.

Orientador: Joel Birman

Tese (Doutorado) – UFRJ/ IP/ Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 170-177.

1. Linguagem. 2. Intensidade. I. Birman, Joel. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de

Agradecimentos

Ao professor Joel Birman por ter acompanhado este trabalho de pesquisa e por poder contar com a sagacidade de seu pensamento que me sinalizou caminhos inéditos.

Ao professor Alain Vanier por ter me recebido na Universidade Paris 7 para um estágio de doutorado.

A professora Monique David-Ménard, pela riqueza do seu pensamento e acolhimento as questões da minha pesquisa no seu seminário.

A professora Evelyne Grossman e Monique Schneider pela recepção em seus seminários e pelo espaço a discussão.

A professora Regina Herzog, pelo proveitoso debate em seu seminário, além da generosa oferta de indicações bibliográficas.

A Regina Néri pela questão inquietante lançada ao fim do mestrado que me fez buscar a pesquisa.

A Isabel Fortes pelo valioso encorajamento.

A Maria Sônia pela cuidadosa e delicada retaguarda e pela grandeza deste aprendizado.

As parceiras ‘diadorins’, Aninha e Tetê, pela abençoada alegria e leveza, sem falar na atenciosa revisão de texto.

A Luciana, por compartilhar das intensidades deste texto e pela preciosa e carinhosa torcida.

A Regina Maciel, pelo gesto amigo na disposição e prontidão a leitura e bem-vindas sugestões.

Ao programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ que acolheu o meu percurso acadêmico.

A CAPES pelo financiamento da pesquisa no Brasil e no exterior.

RESUMO

Linguagem e intensidade no discurso freudiano

Cláudia Braga de Andrade

Orientador: Joel Birman

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

A linguagem é um tema central na psicanálise e está inserida no projeto freudiano através de duas vertentes relacionadas entre si: na fundamentação do método terapêutico, realizado através do discurso, e na formulação do aparelho psíquico.

O questionamento sobre a dimensão intensiva da linguagem no inconsciente e a implicação entre o propósito da prática clínica e sua concepção de linguagem são os principais eixos deste trabalho.

A nossa pesquisa demonstrou diferentes perspectivas e possibilidades de abordagens da linguagem no discurso freudiano que, ao privilegiar o campo das representações ou a dinâmica pulsional, interferem diretamente no encaminhamento do tratamento clínico, e sinalizam posições distintas em relação à lógica metafísica das representações. Partimos do pressuposto que admitir o poder de afetação da linguagem não significa, contudo, considerar o afeto como parte integrante da linguagem.

No pensamento pós-freudiano, a abordagem de Freud sobre a linguagem é alvo de confrontações. Em especial, a teoria de Jacques Lacan e a filosofia de Jacques Derrida e Gilles Deleuze permitem traçar um panorama sobre as consequências teóricas e clínicas na definição de linguagem a partir do modelo da fala ou do modelo da escrita.

Palavras-chave: Psicanálise, linguagem, intensidade, representação.

Rio de Janeiro

Fevereiro / 2008

RÉSUMÉ

Linguagem e intensidade no discurso freudiano

Cláudia Braga de Andrade

Orientador: Joel Birman

Résumé da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Le langage est un thème central dans la psychanalyse et est inscrit dans le projet freudien à travers deux aspects imbriqués: dans le fondement de la méthode thérapeutique, réalisée à travers le discours, et dans la formulation de l'appareil psychique.

Le questionnement sur la dimension intensive du langage dans l'inconscient et l'implication entre le propos de la pratique clinique et sa conception de langage sont les principaux axes de ce travail.

Notre recherche a démontré différentes perspectives et possibilités d'approche du langage dans le discours freudien qui, en privilégiant le champ des représentations ou la dynamique pulsionnelle, interfèrent directement dans l'acheminement du traitement clinique, et signalent des positions distinctes en relation à la logique des représentations. Nous partons du présupposé qu'admettre le pouvoir d'affectation du langage ne signifie cependant pas considérer l'affect comme partie intégrante du langage.

Dans la pensée post-freudienne, l'approche de Freud sur le langage est sujette à des confrontations. Particulièrement, la théorie de Jacques Lacan et la philosophie de Jacques Derrida et Gilles Deleuze, permettent de tracer un panorama sur les conséquences théoriques et cliniques dans la définition du langage à partir du modèle de la parole ou du modèle de l'écriture.

Mots-clé: Psychanalyse, langage, représentation, intensité.

Rio de Janeiro

Fevereiro/ 2008

ABSTRACT

Linguagem e intensidade no discurso freudiano

Cláudia Braga de Andrade

Orientador: Joel Birman

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Language is a central issue in psychoanalysis and – as far as the Freudian project is concerned – it can be found in two ways which are related to each other: in the evidence of the therapeutic method, accomplished through the speech, and in the formulation of the psychic apparatus.

Some inquiries concerning the intensive dimension of the language in the unconscious and the implication regarding the purpose of the clinical practice and its conception of language are the main axes of this research.

Our research has shown different perspectives and possibilities concerning the approach to the language in the Freudian speech – which whenever grants special privilege to either representation or to the dynamic pulsation – directly interfere when it comes to making one's way to a clinical treatment and also signalize distinct positions concerning the metaphysical logic of representation. We assumed that the fact of acknowledging the power of the language concerning affectation does not mean to consider affect as a constituent part of the language.

As far as post-Freudian thoughts are concerned, the Freudian approach to language is the target of several confrontations and particularly the theory of Jacques Lacan and the philosophy of both Jacques Derrida and Gilles Deleuze allow us to outline a panorama on the theoretical and clinical consequences concerning the definition of language based on either the speaking or the writing model.

Keywords: Psychoanalysis, language, representation, intensity

Rio de Janeiro

Fevereiro/ 2008

Sumário

Introdução	i
Capítulo I – A função da palavra na clínica psicanalítica	
1.1 ‘Bem-ditas’ palavras.....	7
1.2 A relação simbólica	13
1.3 De que linguagem se trata?.....	21
1.4 A linguagem na articulação corpo-psiquismo	25
1.5 A passagem da interpretação à construção	32
Capítulo II - A especificidade da noção de representação na psicanálise	
2.1 Um encontro inaugural com a linguagem.....	37
2.2 A linguagem na construção do aparelho psíquico	44
2.3 A língua estrangeira da ‘máquina de sonhar’	51
2.4 A disjunção entre palavras e coisas	59
2.5 A pulsão e seus representantes psíquicos	65
Capítulo III - Dimensão intensiva da palavra	
3.1 As representações sob o aspecto das intensidades.....	76
3.2 Signos sem representação	83
3.3 Os ‘sentidos’ na linguagem	90
3.4 A lógica dos contrários	98
3.5 Uma economia subjetiva corpórea	107
Capítulo IV – Freud a posteriori	
4.1 Linguagem e a crise da representação	111
4.2 Lacan e o retorno à linguagem	114
4.3 A escrita de Derrida	121
4.3.1 <i>A linguagem e o logocentrismo</i>	121
4.3.2 <i>O pensamento do traço</i>	128
4.3.3 <i>A escrita metafonética, não-linguística e a-lógica</i>	136
4.4 A cartografia de Deleuze	142
4.4.1 <i>Um mapa de intensidades ou um álbum de fotos de família?</i>	145
4.4.2 <i>Devir linguagem</i>	151
4.4.3 <i>A escrita e a clínica</i>	157
Considerações finais	165
Referências Bibliográficas	170

*nessas tão minhas lembranças
eu mesmo desapareci.
A gente deve de esperar
o terceiro pensamento.
Guimarães Rosa.*

Introdução

Esta pesquisa ganhou inspiração na possibilidade de compreender a linguagem como experiência que, através do seu potencial disruptivo, é capaz de criar novas formas de subjetivação. Para introduzir o leitor no percurso do nosso tema de trabalho - linguagem e intensidade -, tomo a liberdade de recorrer a Guimarães Rosa, mestre maior no desbravamento das intensidades da linguagem.

Rosa, em uma conversa com a tradutora Harriet Onís, utiliza uma expressão poética de forte alcance para nossa questão. O escritor declara seu desejo de que o leitor tenha de enfrentar o texto, ‘como a um animal bravo e vivo’. A proposta de pensar sobre linguagem e intensidade ou, em um risco ainda maior, uma linguagem intensiva, nasce do inesperado encontro com este ‘animal bravo e vivo’. Mais que uma mera intenção, Rosa demonstra literalmente no seu texto a torção radical da linguagem. Na ‘estória’ “Meu tio, o Iauaretê”, através da relação entre um onceiro e uma onça, a linguagem se metamorfoseia e pouco a pouco a expressão ‘onça’ invade intensamente todo o espaço do texto, promovendo um atravessamento *na* e *através* da linguagem, diluindo as fronteiras entre homem e animal; cultura e natureza.

Este recorte nos parece singular para introduzir como a problemática da linguagem, sob a perspectiva do plano das intensidades, fundamenta-se em uma outra lógica, diferente do modelo da dicotomia metafísica. Nosso trabalho pretende examinar como este ‘animal bravo e vivo’ comparece na fundamentação teórica da psicanálise, tendo como eixo principal de pesquisa a análise sobre o modelo de linguagem que fundamenta a clínica psicanalítica.

A tradição filosófica atribui à linguagem a organização lógica do pensamento na qual a função de expressão se associa à produção de sentido. No entanto, podemos notar uma transformação no uso da linguagem no século XX, momento em que ocorre uma ruptura da forma totalizante de narrativa, traço característico do realismo literário – que tinha como principal característica retratar e explicar o mundo. A atenção se desloca para o ato de criação e para a realidade própria da narrativa. É neste contexto que surge a concepção de literatura, não como uma forma de pertencer ao mundo, mas como

experiência fundadora da própria realidade, que coloca em questão algumas noções filosóficas, tais como: a unidade do 'eu', a morte do autor e da literatura como expressão de uma interiorização e de um intimismo.

É possível realçar diferentes abordagens sobre a linguagem. A forma mais evidente é a linguagem associada à produção de sentido e vinculada ao modelo da representação que opera sob a lógica metafísica da oposição: sentido (representável) *versus* o irrepresentável (não apreensível à ordem da representação). Uma outra perspectiva é inserir a linguagem no plano das intensidades. Neste caso, a própria linguagem se torna uma experiência e, sob o plano do sensível, passa a abranger a dimensão do não-lingüístico, a-lógico, a-gramatical e a-significante. Uma outra lógica, na qual a ordem discursiva e a não-discursiva não estão em relação de oposição. O não-lingüístico não se coloca como limite exterior, mas como parte constituinte da linguagem. A partir destes dois paradigmas, nossa investigação pretende refletir sobre como a abordagem da linguagem interfere diretamente no contexto da clínica psicanalítica.

É inquestionável a centralidade da questão da linguagem na psicanálise. É através da linguagem que Freud fundamenta seu método terapêutico propondo, efetivamente, a clínica da psicanálise e formalizando a estrutura do psiquismo. A teoria psicanalítica inaugura uma nova discursividade sobre o exercício clínico, trazendo um novo significado para a função da linguagem. O tratamento psíquico será sustentado no uso da linguagem, principalmente sobre a atividade de verbalização. Este ponto suscita uma série de desdobramentos.

Nas últimas décadas, surgiu um forte questionamento sobre a suposta omissão do lugar do corpo e do afeto na clínica psicanalítica. Muitos comentadores da psicanálise sinalizam a imensa contribuição do ensino de Lacan neste contexto, em decorrência do privilégio conferido ao campo dos significantes. A questão do corpo e do afeto desperta a atenção para a enorme contingência de sintomas que supostamente o aparelho conceitual da psicanálise poderia não dar conta. A questão que se desdobra é como lidar com o não simbolizável no espaço analítico. Uma das respostas, neste cenário contemporâneo, é a tentativa de recuperar a esfera corporal em uma

substancialização dos aspectos sensíveis e de convocar a ‘presença’ do analista. Ao analisarmos a questão, sob o prisma da linguagem, o esforço de representar o impronunciável não apresenta nenhuma diferença em relação ao modelo da produção de sentido e ainda traz o problema de confrontar com uma noção fenomenológica de corpo e afeto.

A problemática sobre a concepção de linguagem é a principal questão em jogo quando tratamos das controvérsias entre os fundamentos de uma análise calcada sobre o discurso, agindo pelos efeitos de significantes, e de uma análise sobre a dinâmica pulsional. Na psicanálise encontramos leituras que privilegiam o campo da representação e outras que vão privilegiar o campo da intensidade pulsional. Entendemos que o eixo fundamental na sustentação da prática analítica está na diferença entre uma linguagem capaz de provocar afetos e uma linguagem, ela mesma afetada.

Nosso propósito é analisar como a problemática da linguagem aparece na obra freudiana e seu papel decisivo na definição teórica e clínica da psicanálise. Freud não se restringe a um modelo lingüístico baseado em uma dimensão semântica ou significante que exclui o registro intensivo da linguagem. No entanto, a obra freudiana é marcada por inúmeros paradoxos que tornam possíveis diferentes interpretações. A pergunta central é: a psicanálise teria conseguido incluir a questão da intensidade na linguagem do inconsciente? Admitir que o impacto afetivo possa propiciar o trabalho ideativo através da linguagem, não equivale reconhecer que o próprio afeto seja parte integrante da linguagem. Encontramos no discurso freudiano diferentes perspectivas e possibilidades de abordagem sobre a linguagem.

No primeiro capítulo, procuramos problematizar a questão da linguagem na fundamentação da clínica psicanalítica. A lógica singular da histeria indica um novo caminho a Freud - ‘escutar’ um corpo que se expressava psiquicamente através dos excessos pulsionais. Apontamos como este caminho é marcado por uma apresentação dualista dos fenômenos, uma vez que o conflito psíquico é compreendido a partir da oposição representação-afeto. A questão suscitada é até que ponto o destaque dado ao aspecto intensivo na formação do sintoma pode ser interpretado como uma positivação do afeto no âmbito da clínica.

Também buscamos realçar como a clínica da histeria permite uma original abordagem sobre a linguagem. Considerando sua dimensão corporal e afetiva, a linguagem é definida como uma ‘ponte’ entre o psíquico e o somático. Este lugar intermediário da linguagem permite supor que a verbalização não se restringe a uma operação racional, mas também a uma ação resultante de uma descarga. Destacaremos algumas iniciativas de Freud que demarcam esta perspectiva: a formulação do processo de simbolização, a equivalência entre ato e linguagem, a implicação entre sentimentos e pensamentos e, principalmente, a hipótese de ligação entre a atividade intelectual e as descargas energéticas.

No Capítulo II, abordamos a função essencial da linguagem na construção do aparelho psíquico. O eixo central da discussão se concentra na metapsicologia e na especificidade da noção freudiana de representação que permite uma nova abordagem sobre a linguagem. Como nosso propósito é discutir a especificidade da representação e sua relação na formação do aparelho psíquico, analisamos, neste percurso, a ‘monografia sobre as afasias’. Apesar de ser considerado um texto pré-psicanalítico, é um marco do encontro inaugural de Freud com o problema da linguagem e apresenta uma nova formulação de representação - que será retomada posteriormente ao longo da construção teórica da psicanálise.

Também fazem parte deste percurso dois textos fundamentais para a construção do aparelho psíquico: o ‘Projeto’ e a ‘Interpretação de sonhos’, que permitem realçar a articulação entre linguagem e as atividades de pensamento e de percepção e, principalmente, expor a noção de linguagem como uma zona intermediária entre o inconsciente e o consciente - decisiva na construção do método de tratamento psicanalítico. Analisaremos como a perspectiva da linguagem, um ‘meio’ que torna possível a tradução dos conteúdos traumáticos, se insere no projeto inicial de Freud - de tornar consciente o inconsciente.

Na análise dos ensaios metapsicológicos, procuramos destacar como a construção da noção de representante pulsional traz um novo horizonte para a discussão sobre a especificidade da noção de representação e sua vinculação à noção de intensidade. Abordamos a conexão do discurso freudiano com a lógica metafísica e as

dificuldades decorrentes da formulação do conceito ‘fronteiriço’ da pulsão. A fim de refletir sobre a linguagem em relação aos representantes e afetos, examinamos o mecanismo do recalque, retomando a noção de que o recalque impede que a representação de coisa seja traduzida em palavras. Finalizamos o capítulo examinando o critério da linguagem nos processos inconscientes e pré-conscientes, destacando a complexidade da relação predominante na metapsicologia entre o processo secundário e o pensamento verbal, uma vez que no regime representacional, proposto por Freud, há um descompasso entre palavra e coisa.

O Capítulo III se destina a discutir algumas posições presentes no discurso freudiano que possibilitam uma articulação da linguagem em um plano intensivo. O ponto principal deste debate fundamenta-se na ‘mudança teórica dos anos 20’, que acarreta em uma nova formulação do aparelho psíquico e passa a considerar, em primeiro plano, seu substrato pulsional. Procuramos evidenciar o importante papel que a linguagem ocupa nesta discussão, tendo em vista que as motivações para repensar a teoria das pulsões e a estrutura do aparelho psíquico se relacionam aos limites do poder da linguagem, percebidos nos efeitos da compulsão à repetição e da resistência.

Destacamos como a perspectiva da pulsão de morte permite reconhecer que a linguagem, além da sua operação intelectual, relacionada ao processo secundário, também está ligada aos impulsos pulsionais primários. A partir da impossibilidade de assimilar as atividades intelectuais inteiramente ao processo secundário, procuramos demonstrar a conexão entre o registro do pensamento e o registro energético, e a hipótese de que todas as atividades representativas estão sujeitas a descarga.

Além da retomada da dimensão intensiva na formulação da pulsão de morte, destacamos outras duas reflexões de grande importância no discurso freudiano que permitem novas articulações para a abordagem da linguagem. Primeiro, a noção de erogeneidade como excesso pulsional, que implica na idéia de um corpo intensivo resistente à representação. Trata-se de um caminho especialmente valorizado, por alguns pensadores da psicanálise, a fim de pontuar o aspecto econômico - de excesso pulsional - na experiência subjetiva.

A segunda importante reflexão freudiana se refere à noção de ‘signo de percepção’, exposta na famosa ‘Carta 52’. Levantamos algumas consequências teóricas decorrentes da hipótese freudiana de que nem todas as percepções são traduzidas em representações. A suposição de que signos ‘sem representação’ possam se inscrever no psiquismo, implica na consideração de um registro psíquico que não está regido pelo inconsciente e que se constitui independentemente do recalque.

O Capítulo IV pretende situar a discussão sobre a abordagem freudiana da linguagem no ‘após Freud’. Com o propósito de apresentar o debate suscitado sobre a questão da linguagem na obra freudiana, destacamos dois diferentes modelos de constituição da linguagem: o modelo fonético e o modelo da escrita.

Buscamos sublinhar a contribuição de Jacques Lacan na revalorização do lugar da linguagem no campo psicanalítico, apontando os riscos da sua abordagem quando toma como pressuposto a organização simbólica e a transcendência da linguagem. Nosso intuito é apontar como o modelo lacaniano de linguagem centrado na fala desconsidera o plano das intensidades. Por fim, apresentamos algumas confrontações da filosofia com a psicanálise em relação à abordagem da linguagem. Abordamos o trabalho de dois filósofos, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, que propõem um diálogo direto com a psicanálise e defendem um modelo de linguagem como escrita que implica, sobretudo, na dimensão intensiva da linguagem e tem como princípio a impossibilidade de separar sentido e força.

Capítulo I – A função da palavra na clínica psicanalítica

*A linguagem e a vida são uma coisa só.
Guimarães Rosa.*

1.1 ‘Bem-ditas’ palavras

A linguagem é uma questão central na psicanálise. A principal evidência é o seu papel na prática clínica. A partir da linguagem ou, mais precisamente, dos seus efeitos, Freud propõe um método de tratamento que tem como instrumento fundamental a fala. O tratamento psíquico está relacionado a distúrbios mentais ou físicos que se iniciam em primeiro lugar na mente humana. Para abordá-los, Freud propõe retomar o antigo poder mágico das palavras. A palavra é então consagrada como o recurso terapêutico mais apropriado devido à influência imediata na vida psíquica. A expressão verbal dos pacientes ganha importância especial no tratamento da neurose. Isso é revelado através das técnicas utilizadas por Freud: o uso da hipnose, a técnica de concentração, o método catártico e, sobretudo, o método da associação livre.

Em ‘Estudos sobre a histeria’, os distúrbios da linguagem são trabalhados extensivamente, começando pelo caso da Anna O. que batiza com sua expressão - cura pela palavra - a especificidade do método clínico psicanalítico. A forma como a linguagem é abordada na clínica psicanalítica traz uma singularidade: sua implicação com a dimensão corporal e afetiva. Em primeiro lugar, vamos observar como a representação se opõe à noção de afeto nos primeiros escritos freudianos e como neste estágio da obra freudiana é difícil evitar uma apresentação dualista dos fenômenos.

O problema do afeto aparece muito cedo na obra freudiana. Nas investigações sobre a clínica da histeria, é revelada uma lógica singular do afeto.¹ Foi ‘escutando’ o

¹ Existem dois registros diferentes em relação ao termo afeto na obra freudiana. Uma leitura econômica que utiliza a expressão ‘quantum de afeto’ como quantidade e intensidade e uma leitura tópica que implica o afeto como ‘estado afetivo’, como qualidade presente na consciência (Birman, 2001a). No *Vocabulário de psicanálise*, Laplanche e Pontalis (1986) definem o afeto como a tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional e ressaltam que há uma clara distinção entre o aspecto subjetivo do afeto e os processos energéticos que o condicionam.

corpo que a psicanálise teve seu início. Um corpo que se expressava psiquicamente através dos excessos das excitações corpóreas. Trata-se de uma perspectiva que insere o psiquismo no corpo e implica, portanto, em considerar a presença de intensidades no psiquismo. A dimensão econômica se torna essencial na compreensão freudiana sobre a histeria, bem como no método utilizado para o seu tratamento. Como veremos, o destino das intensidades ocupa um lugar central tanto na eclosão como no desaparecimento da neurose. É incontestável o relevo dado ao aspecto intensivo do psiquismo sob a consideração do afeto. Por outro lado, é questionável se a proeminência da intensidade energética pode ser interpretada como uma positivação do afeto no âmbito da clínica. Sob determinados aspectos, o afeto acaba submetido à racionalidade do dinamismo da representação.

Nos ‘Estudos sobre a histeria’, as razões do desenvolvimento dos sintomas histéricos são investigados na esfera da vida psíquica. O núcleo da descoberta freudiana está na hipótese de que todo adoecer histérico está relacionado a um trauma. Os sintomas têm uma ‘história’, eles remetem a uma experiência afetivamente marcante, vivida pelo paciente. A experiência traumática presente na histeria tem a peculiaridade de estar associada não a uma experiência única, mas a uma série de impressões afetivas que constituem o trauma psíquico. A famosa constatação freudiana de que as ‘histéricas sofrem de reminiscências do passado’, parte do pressuposto que a histeria era resultante de uma experiência traumática na qual o afeto permanecia retido.

Freud esclarece que qualquer experiência que evoque emoções afetivas – susto, ansiedade, vergonha ou dor física – pode atuar como trauma. O trauma psíquico está relacionado a um acontecimento. No entanto, ele não é simplesmente um *agent provocateur* do surgimento do sintoma, pois sua ação tem efeito continuado. Freud propõe uma analogia do trauma com a idéia de um corpo estranho no organismo.² O trauma, tal como um corpo estranho, passa a ter vida independente funcionando como

² A comparação entre o sintoma e a ação de um corpo estranho no organismo será questionada por Freud no artigo “Psicoterapia da histeria”. A partir do momento em que se passa a considerar o fator de ‘resistência’ dos pacientes esta analogia é reconsiderada. Freud sugere pensar a organização patogênica mais como um infiltrado que exatamente como um corpo estranho. O que é assinalado nesta retificação é que o tratamento não consiste em extirpar algo, mas em fazer com que a resistência se dissolva (Freud, 1893-5: 347-8).

agente que continua em ação estimulando a doença. Uma vez retirada a causa, o efeito seria eliminado (1893c: 47).³

A contínua ação do trauma decorre do fato de que as lembranças não perdem sua intensidade com o tempo. A lembrança do trauma é preservada com tanta intensidade por causa do seu ‘colorido afetivo’. Os sintomas histéricos são como resíduos e símbolos mnêmicos de traumas psíquicos e esses símbolos são comparados aos monumentos da cidade destinados a conservar a recordação de um fato (Freud, 1909b). Desta forma, era possível explicar a permanência dos sintomas de forma intensa ao longo de anos, pois a lembrança, ligada a um afeto, não sofria o desgaste do tempo. O fator mais importante na influência do esmaecimento de uma lembrança é a reação energética ao fato que provoca a emoção (Freud, 1893c).

Podemos perceber que o modelo explicativo do mecanismo da neurose encontra fundamento nos movimentos de ‘ação’ e ‘reação’ à intensidade. O valor conferido ao fator intensivo é expresso, por exemplo, na hipótese de uma proporcionalidade entre a intensidade dos traumas e a intensidade dos sintomas por eles produzidos. Parte-se do pressuposto de que é necessário que a reação a uma emoção ocorra em um grau suficiente. Quanto maior a intensidade do trauma, maior será a reação adequada. Sob o termo de ‘reação’ é compreendida toda classe de reflexos - das lágrimas a atos de vingança – nos quais a experiência demonstra que as emoções são descarregadas (Freud, 1893-5). É interessante notar que o afeto aparece sob diferentes aspectos nos primeiros escritos de Freud. De um lado, o excesso de afeto se apresenta como causa de um efeito traumático de caráter patogênico. Por outro lado, a expressão do afeto pode constituir-se como uma ab-reação reparadora. Portanto, o afeto aparece igualmente como o mal e como o remédio para curar o mal (Schneider, 1994: 14; Assoun, 1995:155).

³ Ao longo de sua obra, Freud faz reformulações a respeito da sua teoria do trauma. Nesse momento inicial o trauma é associado ao recalado, e por isso declara que as histéricas sofrem de reminiscências (1893-5:48). Freud revê esta idéia quando descobre que não se existe uma única lembrança do trauma, mas uma série delas. Mesmo considerando a substituição da realidade factual dos traumas pela realidade psíquica dos desejos e fantasias inconscientes, o corpo estranho não é assimilado em sua totalidade. Freud retorna a noção do trauma quando formula, em 1920, o conceito da pulsão de morte. Essa noção passa a corresponder a um excesso pulsional irredutível ao mundo das representações (Lejarraga,1996).

No mecanismo da neurose, o fator intensidade ou, mais precisamente, o grau de intensidade tem um caráter determinante na condição de saúde e doença. Freud supõe a existência de uma tendência geral a descarregar o afeto e manter constante a quantidade de excitação. Quando ocorre excesso de excitação se produz o trauma psíquico. Atingido esse aumento da soma de excitação, haveria em seguida uma inclinação para diminuí-la, ou seja, seria buscada uma maneira de descarregá-la. Neste momento, vinculado a uma concepção adaptativa do sujeito, Freud considera que em “todo indivíduo existe uma tendência a diminuir essa soma de excitação, a fim de preservar a saúde” (1893b: 48). Na discussão sobre o caso Elizabeth, já havia sido destacada a importância do fator quantitativo e o seu interesse na questão sobre “o grau máximo de tensão emotiva dessa natureza que o organismo pode tolerar” (Freud, 1893-5: 223). Nesta lógica, a doença é instaurada quando a emoção produzida não pôde ter uma exteriorização normal. Enquanto em um comportamento saudável a ‘expressão das emoções’ nada mais é que um fluxo energético que corre normalmente do psíquico para a inervação somática, no caso da histeria há um exagero na descarga (Freud, 1909b). O impedimento da expressão do afeto decorre da recusa de uma idéia em se tornar consciente, fazendo com que o afeto seja separado da representação. Neste sentido, o mecanismo de recalque indicaria um controle da representação e uma diminuição da carga afetiva. No momento em que o afeto ganha expressão, assinala a ação retroativa da reminiscência indicando, desta forma, um sinal pontual do recalque (Assoun, 1995). Parte-se do pressuposto que as lembranças correspondem ao trauma que não teria sido suficientemente ab-reagido.

Considerando que a ab-reação de um afeto não se dá somente através de uma ação corporal, a expressão verbal ganha um lugar privilegiado no tratamento psicanalítico. A idéia central é que a lembrança do trauma está ligada a um afeto que, quando expresso verbalmente, resulta no desaparecimento do sintoma. Nesse sentido, a doença é resultado de um afeto que não foi ab-reagido. Encontra-se então o fundamento do uso do método catártico, que consiste em fazer com que o paciente possa reviver o afeto ligado à lembrança do trauma e receber expressão verbal. “O processo psíquico que originalmente ocorreu deve ser levado de volta ao seu *status nascendi* e então receber expressão verbal”(1893-5: 47). O trauma psíquico tem seu efeito cortado quando o paciente fala sobre ele, ou seja, quando traduz a emoção em palavras.

Efetivamente, o método catártico, ao provocar uma ab-reação secundária, “permite ao doente rememorar e objetivar pela palavra o acontecimento traumático e libertá-se assim do quantum de afeto que a tornava patogênica” (Laplanche e Pontalis, 1986: 22). Este encaminhamento freudiano concebe a cura como uma via de acesso à lembrança, o que significa um movimento de liberação frente a uma afetividade alienante. Uma posição que produz uma visão dualista facilmente encontrável na obra freudiana: o perigoso e paralisante afeto *versus* o valor salvador na evocação das representações. Neste caso, o tratamento se realiza em um campo de luta entre duas tendências. De um lado, a paralisação no mórbido excesso de afeto e, do outro, o distanciamento pelo meio da fala objetivante (Schneider, 1994).

No momento inicial da sua clínica, Freud manifesta claramente o objetivo do tratamento: ‘dominar’ o excesso de afeto através da expressão verbal, afirmação que implica em dar um significado ao afeto. No ‘Projeto’, o termo ‘lembrança investida’ de afeto é utilizado como uma ‘lembrança indomada’. Dominar a lembrança significa, portanto, esgotar o afeto (Freud, 1895:394). Na “Conferência sobre os fenômenos psíquicos”, o trauma é apresentado como uma ‘lembrança domada pelo afeto’ que deve ser eliminado.

“Conseguindo suscitar a lembrança com toda realidade original, observaremos que está completamente dominado por algum afeto. E se o compelimos a exprimir verbalmente esse afeto, verificaremos que, no mesmo momento em que está manifestando este afeto violento, o sintoma crônico acaba desaparecendo” (Freud, 1893b: 47-8).

Esta perspectiva caracterizaria a dinâmica do tratamento exclusivamente circunscrita na promoção da significação do afeto que comparece como excesso. Decifrar o sintoma, portanto, torna-se dar um sentido ao afeto. Neste enfoque, se estabelece uma oposição entre a indeterminação do afeto e a determinação da representação. Trata-se de um aspecto que coloca em evidência um forte vínculo da concepção clínica freudiana com a lógica das representações. Nosso questionamento é: como podemos definir a concepção da linguagem nesta determinada perspectiva

freudiana? Será que Freud se restringe a um modelo lingüístico baseado numa dimensão semântica ou significante que exclui o registro afetivo na linguagem? Evidentemente, esta questão não pode ser respondida de forma definitiva. A obra freudiana é marcada por inúmeros paradoxos que torna possível diferentes interpretações. Alguns pontos deste percurso inicial ilustram este paradoxo, a começar pela questão da simbolização.

1.2 A relação simbólica

A teoria da simbolização ganha especial relevo a partir da obra freudiana na análise de casos clínicos e no exame da formação dos sonhos.

A forma mais recorrente de simbolização nos sonhos apresenta a idéia de símbolo como algo que permanece constante ao longo do tempo. A ‘simbólica’ de Freud designa um conjunto de símbolos de significação constante que podem descobrir-se em variadas produções do inconsciente, acentuando, prioritariamente, a relação que une o símbolo com aquilo que representa (Laplanche e Pontalis, 1986). Este modo de representação se distingue principalmente pela constância da relação entre o símbolo e o simbolizado inconsciente. Na conferência sobre “Simbolismo nos sonhos”, encontramos a afirmação: “uma relação *constante* desse tipo entre um elemento onírico e sua versão, nós a descrevemos como ‘relação simbólica’, e o elemento onírico propriamente dito, como um ‘símbolo’ do pensamento onírico inconsciente” (Freud, 1915-6:181). Afirmar que os símbolos possuem um significado constante corresponde não apenas que há uma relação fixa e constante entre o significante e o significado, mas aceitar a tese de significados primordiais. Neste caso, o símbolo funcionaria como um equivalente ao objeto, permitindo conceber a idéia de uma língua primeira e natural (Garcia-Roza, 1991b).

A análise da presença do simbolismo nos sonhos exige a formulação de duas espécies de interpretação. Uma, apoiando-se nas associações daquele que sonha e, outra, independente delas, a interpretação dos símbolos. Esta última sugere a existência de uma língua fundamental. Freud utiliza como exemplo os sonhos típicos que lançam mão de símbolos já existentes, presentes no inconsciente e que apresentam uma relação constante entre o símbolo e o simbolizado.

Na formulação freudiana, os sintomas da histeria e as formas de linguagem são ligados por um terceiro termo comum: uma linguagem primitiva na qual a estrutura pode ser decifrável através da interpretação dos sintomas (Forrester, 1980). No livro *Interpretação dos sonhos*, Freud deduz da particularidade das imagens e dos sintomas

uma espécie de língua fundamental universal, ainda que a sua atenção incida mais no que ela diz do que na sua articulação.⁴

É recorrente a formação de símbolos, mas no caso da histeria eles se produzem de forma singular. É possível, exemplifica Freud, que um soldado se sacrifique por um farrapo multicolor preso a um mastro somente porque aquele tinha se transformado em um símbolo da sua pátria. E isto não o faz neurótico. A diferença é que, no caso do símbolo histérico, a conexão entre o símbolo e o que ele representa permanece oculta. Freud indica como a constituição dos sintomas é determinada por símbolos que estão relacionados à ordem do signo e da linguagem. O símbolo está sempre relacionado a outros elementos (David-Ménard, 2000b).

“O símbolo histérico porta-se de outra maneira. O cavaleiro que se bate pela luva de sua dama sabe, em primeiro lugar, que a luva deve toda a sua importância à dama; e, em segundo lugar, sua veneração pela luva não o impede, de modo algum, de pensar na dama e de servi-la de outras formas. O histérico, que chora por causa de A, não percebe que isso se deve à associação A—B, sendo que B não desempenha o menor papel em sua vida psíquica. Neste caso, a coisa foi completamente substituída pelo símbolo” (Freud, 1895:365).

Outra importante característica da teoria da simbolização nos sintomas neuróticos é que ela estabelece uma ligação entre o estado corporal e uma figura de linguagem. Desde o início, a teorização psicanalítica coloca em questão a natureza e a origem deste processo, reconhecendo sua importância tanto no plano terapêutico como no teórico. Inclusive, é através de um paradigma simbólico em contraposição às

⁴ Freud também aproxima a simbolização da noção de deslocamento. No ‘Capítulo VI’, da *Interpretação dos Sonhos* há um exemplo bastante ilustrativo: uma jovem estava habituada a receber um buquê de flores do marido em seu aniversário. Certo ano, esse símbolo da afeição dele deixou de se manifestar e ela irrompeu em pranto. O fato em questão passou a significar sua menos valia ao marido (Freud, 1900:180).

explicações fisiológicas e anatômicas que Freud passa a compreender o fenômeno histérico como eminentemente de estatuto simbólico.⁵

A questão da simbolização, no estudo da histeria, surge pela necessidade de oferecer uma explicação sobre a etiologia das neuroses. Na investigação clínica, Freud observa que o aparecimento da histeria não podia ser compreendido exclusivamente pela relação causal estabelecida entre os sintomas e o trauma desencadeante. Em muitos dos casos analisados era evidente a formação de uma ‘relação simbólica’. O termo simbólico aparece pela primeira vez na obra freudiana nos ‘Estudos sobre a histeria’ propondo uma aproximação entre o simbolismo que se manifesta na histeria e o tipo de relações entre os pensamentos que se manifestam nos sonhos.

“Em outros casos, a conexão causal não é tão simples. Consiste somente no que poderia ser denominado uma ‘relação simbólica’ entre a causa precipitante e o fenômeno patológico – uma relação tal como as pessoas saudáveis formam nos sonhos (...) uma espécie de simbolização” (Freud, 1893-5:45).

Procurando estabelecer uma conexão direta entre a causa determinante (trauma psíquico) e o sintoma histérico (conversão), Freud reconhece que esta conexão freqüentemente só se encontrava como uma relação ‘simbólica’. Esta podia ser observada nas simbolizações produzidas por pacientes principalmente no que se referiam às dores. É “como se houvesse a intenção de expressar o estado mental através de um estado físico; o uso lingüístico constitui uma ponte para o cumprimento desse objetivo” (Freud, 1893b: 46).

O simbolismo ou símbolo mnêmico, como é designado em todo o ‘Estudo sobre a histeria’, torna explícita a ligação entre símbolo e afeto. No caso, uma expressão verbal ou um encadeamento de pensamento funciona como intermediário do afeto (Forrester, 1980). Na obra freudiana, o símbolo mnêmico, equivalente ao sintoma mnêmico, se refere ao símbolo de um traumatismo patogênico. Portanto as

⁵ Freud também faz referência ao termo simbólico quando procura distinguir os processos de construção da realidade na neurose e na psicose. Enquanto na psicose a construção do novo e do imaginário mundo externo se coloca no lugar da realidade externa, no caso da neurose esta construção “está apta, como o brinquedo das crianças, a ligar-se a um fragmento da realidade (...) e empresta a esse fragmento uma importância especial e um significado secreto que nós chamamos de *simbólico*” (Freud, 1924a:234).

reminiscências que fazem sofrer as histéricas nada mais são que resíduos de símbolos mnêmicos de experiências traumáticas. O mecanismo de defesa da histeria consiste justamente em livrar-se da contradição que se realiza através de uma sobrecarga do símbolo mnêmico alojado na consciência (Freud, 1894). Freud, ao apresentar o caso Elizabeth, escreve que poderíamos supor “que a paciente fizera uma associação entre as suas impressões mentais dolorosas e as dores corporais que sentia ao mesmo tempo, e que agora, em sua vida de lembranças, estava *usando suas sensações físicas como símbolo das mentais*” (1893-5:193, *grifos nossos*).⁶ O determinismo associativo e o determinismo simbólico dos sintomas são facilmente distinguidos. Por exemplo, a paralisia de Elizabeth é motivada por caminhos associativos pela sua ligação com diversos acontecimentos traumatizantes e simboliza, por outro lado, certas características da situação moral da paciente (Laplanche, 1986).

A formulação da conversão histérica por simbolização introduz uma nova apreensão da linguagem na clínica psicanalítica. Se compararmos os dois tipos de conversão podemos notar que, na teoria da conversão associativa, Freud procurava pela ‘primeira incidência’ do sintoma, ou seja, a passagem do psíquico para o somático. É uma concepção que permanece tributária do dualismo entre duas séries heterogêneas: a história psíquica e as perturbações motoras. Já a conversão histérica por simbolização torna impraticável a mesma associação dualista e começa a se destacar a história, ou melhor, o discurso do paciente.⁷

O mecanismo de simbolização coloca em ato o sentido literal de uma expressão figurada. Sua importância não é secundária e, em alguns casos, apenas através da simbolização é possível provar a gênese dos sintomas histéricos. Freud descreve em

⁶ Em ‘Psicopatologia da vida cotidiana’, Freud descreve o ‘ato simbólico sintomático’. Neste caso o emprego da noção de símbolo se distancia da idéia de símbolo mnêmico. Freud ilustra com o exemplo de um amigo que, no restaurante, ao comentar uma suposta perda de emprego deixa um pedaço de bolo cair. Freud diz ao amigo ‘Você perdeu um bom bocado’, o amigo concorda sem perceber seu ato sintomático. Freud conclui que “o significado do ato sintomático nem precisa de explicação. (...) o pensamento intrometido disfarçou-se em ato sintomático que exprimiu simbolicamente aquilo que estava para permanecer oculto, e dessa maneira lhe deu alívio proveniente de fontes inconscientes” (Freud, 1901:246).

⁷ Pelo que podemos observar, na conversão por simbolização já se anunciava o que, anos mais tarde, seria formalizado como conceito de fantasia. A partir da consideração do papel da linguagem e da fantasia é possível uma nova articulação entre psíquico e somático.

detalhes a construção simbólica do sintoma na análise de Cäcilie: sofrendo de neuralgia facial extremamente violenta, a paciente, durante o tratamento, reproduz alguns dos seus acessos histéricos do passado e, com isso, permite descobrir que a origem dos sintomas remetia a uma conversa com seu marido que tinha deixado nela a sensação de ‘áspero insulto’. Nesta cena traumática, o insulto do marido soava como ‘*uma bofetada no rosto*’. Mas de fato, ela sentia como se *realmente* tivesse recebido uma bofetada no rosto, que assumiu formas manifestas de neuralgia do trigêmeo (Freud, 1893-5: 228). Uma série de outras simbolizações são relatadas: a sensação de apunhalamento na região do coração (simbolizando ‘apunhalou-me até ao coração’); pregos cravados na cabeça (‘alguma coisa me entrou na cabeça’); uma sensação na garganta (‘tereí que engolir isso’). A dor ‘penetrante’ que sentia na testa entre os olhos se relacionava ao olhar vigilante e ‘penetrante’ da avó rigorosa. A farta coletânea de simbolizações na análise de Cäcilie leva Freud a seguinte dedução: “Ao tomar uma expressão verbal literalmente, (...) após uma observação desatenta como um fato real, o histérico não toma liberdade com as palavras, mas simplesmente revive as sensações às quais a expressão verbal deve sua justificativa” (Freud, 1893-5:230).

Podemos observar através da clínica da histeria que o afeto não está relacionado somente ao excesso de uma representação inconciliável, mas também como tradução de uma atividade de simbolização substituta, ou seja, podemos aproximá-lo ao efeito de simbolização (Assoun, 1995).

Monique Schneider (1994) lembra que é possível encontrar, na obra freudiana, vários exemplos de simbolizações que confirmam a teoria lacaniana da prioridade do significante. Neste enfoque, a mediação do afeto não torna mais compreensível a maneira como a histérica se expressa através do seu corpo. O sintoma se insere no circuito da linguagem, mas o sentido está atrelado unicamente ao significante. Por meio da conversão, o sintoma se expressa através de uma ‘máscara’ e pode retornar a sua posição original a partir do significante. Segundo a autora, a teoria freudiana não sustenta a idéia que o significante está numa ordem que remete somente a si mesmo. Freud se esforça para unir este significante a um significado não-verbal. Uma operação que para a teoria lacaniana seria impossível, já que entende o afeto e o significante

como duas ordens diferentes.⁸ Neste sentido, destacamos a intenção freudiana de pensar em um modelo de linguagem que não corresponde a uma gênese intelectualista da linguagem (Schneider, 1994).

Mesmo que por meios questionáveis, Freud procura reservar um lugar ao aspecto da emoção na linguagem. Esta idéia comparece, por exemplo, na sua tentativa de relacionar a expressão das emoções à teoria darwiniana. A teoria de Darwin correlaciona o evento motor à significação expressiva: aquilo que é aparentemente insignificante se impõe como signo a se interpretar. O afeto apresenta-se como uma expressão em movimento e como um movimento expressivo (Assoun, 1995). Seria o caso de questionarmos até que ponto esta preocupação freudiana reflete uma tentativa de integrar o sentido motor da expressão de afeto à linguagem. Vejamos como esta questão é exposta.

Freud encontra na histeria uma ilustração das leis darwinianas. Cita como exemplo a expressão das emoções do caso Emmy: seu jogo facial e a maneira pela qual estendia as mãos diante dela com os dedos separados e retorcidos expressava horror. Os sintomas motores estavam relacionados com suas dores. Brincava incansavelmente com os dedos ou esfregava as mãos uma na outra a fim de impedir-se a si mesma de gritar. Estes movimentos expressivos são associados aos princípios formulados por Darwin para explicar a expressão das emoções – o princípio do extravasamento da excitação que justifica alguns comportamentos animais. Freud estabelece uma relação muito direta: todos nós estamos acostumados, quando somos atingidos por estímulos dolorosos, a substituir o grito por outras espécies de inervações motoras (Freud, 1893-5:136-7).

Podemos destacar, nesta abordagem freudiana, uma tentativa de vincular a concepção de linguagem ao processo da inervação motora derivado das excitações dolorosas. A articulação entre linguagem e o aspecto motor encontra, a princípio, sua argumentação teórica nas idéias de Darwin. O ponto de partida de Darwin é sustentar uma teoria que explique a expressão das emoções no homem e nos animais, com o

⁸ A problemática do afeto e do significante na teoria lacaniana é analisada mais detalhadamente no Capítulo IV, 4.2 *Lacan e o retorno à linguagem*.

intuito de verificar a continuidade comportamental entre ambos. A noção de linguagem das emoções confere ao evolucionismo seu fundamento psicológico para o pressuposto da derivação dos comportamentos de uma espécie a outra. Assim o movimento afetivo surge como a revivescência de uma situação que teve sua utilidade em algum momento (Assoun, 1995). Partindo da suposição que as expressões encontram uma correlação numa ‘coleção’ de experiências vividas, Freud discute a possibilidade de uma fonte comum da linguagem.

“Todas as sensações e inervações pertencem ao campo de ‘The Expressions of Emotions’, que como Darwin nos ensinou, consiste em ações que originalmente possuíam um significado e serviam a uma finalidade. Estas podem, na sua maior parte, terem se enfraquecido tanto, que a sua expressão em palavras nos parece um quadro figurativo das mesmas, ao passo que, com toda a probabilidade, a descrição foi tomada em seu sentido literal; e a histeria está certa em restaurar o sentido original das palavras, ao retratar suas inervações inusitadamente fortes. *Na realidade, talvez seja errado dizer que a histeria cria essas sensações através de simbolização. Talvez ela não tome absolutamente o uso da língua como seu modelo, mas que tanto a histeria, como o uso da língua, extraíam seu material de uma fonte comum*” (Freud, 1893-5:230-1, *grifos nossos*).

A inferência de uma fonte comum para a linguagem sugere algumas indagações importantes para nossa pesquisa. Além desta dependência entre sintoma e linguagem, Freud procura encontrar uma fonte da linguagem que reduza a aparente arbitrariedade do significante. É neste contexto que ele redescobre o lugar da emoção como

fundamento da linguagem quando as expressões históricas são tomadas em seu sentido literal (Schneider, 1994).⁹

Apesar da desatualização da teoria darwiniana nos dias de hoje consideramos importante sublinhar a preocupação freudiana na problemática da articulação da emoção na linguagem. Uma perspectiva que sinaliza um possível caminho para escapar à dualidade afeto e representação. Este caminho se encontra na própria obra freudiana, quando o autor se refere a experiência de dor e satisfação na qual é estabelecida uma ligação entre a emoção assimilada como expressão e a linguagem verbal (Freud, 1895). Aparece ainda na aproximação entre as noções de pensamento e percepção que permitem comparar a linguagem a um processo de descarga e não simplesmente a uma atividade intelectual (Freud, 1900, 1895). Neste caso a verbalização não se restringe a uma operação racional, mas a linguagem, ela própria, é um ato resultante de uma descarga pelas palavras. Assumir o aspecto da linguagem como um modo de descarga traz a vantagem de aproximá-la à circulação de campos heterogêneos: representativo e motor. Mas, resta a questão sobre como conceber a linguagem que seja capaz não somente de significar, mas ainda de efetuar.¹⁰

⁹ No campo da lingüística, a teoria de Roman Jakobson procura situar a emoção no seio do processo de expressão. Contra a corrente habitual da lingüística, Jakobson procura pensar o impacto afetivo na linguagem, colocando o afeto como parte integrante da linguagem. Paralelamente à polêmica entre algumas correntes na psicanálise que procuram reservar um lugar para o afeto, o texto de Jakobson convida a uma posição mais radical do problema na medida em que se recusa a fazer da afetividade um lugar do indizível, do inarticulado ou do inqualificado (Schneider, 1994).

¹⁰ A questão da linguagem reedita a polêmica entre a posição de Lacan e outras correntes na psicanálise que se preocuparam em reservar um lugar para o afeto. Green (1973), por exemplo, procurou reintegrar o afeto no domínio da psicanálise, tratando o próprio afeto como significante e não como um efeito de um trabalho significante. Discutiremos o tema no Capítulo II, item 2.5 *A pulsão e seus representantes psíquicos*.

1.3 De que linguagem se trata?

Uma reflexão importante é como Freud se apropria da linguagem na psicanálise e que concepção de linguagem está sendo considerada. Contemplar que o impacto afetivo pode propiciar o trabalho ideativo através da linguagem não equivale a reconhecer que o próprio afeto é parte integrante da linguagem. Ou seja, admitir o poder de afetação da linguagem não significa, contudo, considerar a linguagem como intensidade. De fato, as primeiras aproximações da experiência clínica da histeria exigem uma consideração do plano das intensidades. Apesar da suposta simplicidade da descoberta inicial freudiana há uma grande complexidade na concepção da trama representacional e afetiva. Pode-se observar que Freud expõe seu método de tratamento valorizando nitidamente a exploração da concepção de linguagem numa dimensão semântica que excluiria a dimensão das intensidades. No entanto, Freud não deixa de indicar alguns caminhos que mostram uma singular articulação da linguagem em um plano afetivo.

Como vimos, a hipótese central da etiologia das neuroses se define como a produção de um trauma resultante de um afeto retido. E, neste momento inicial, a direção do tratamento consiste em fazer com que este afeto seja ab-reagido. Esta ação de liberação do afeto está, a princípio, ligada a uma ação corporal. Mas o método catártico apresenta uma outra possibilidade de ab-reação através da expressão verbal, ou seja, da evocação das representações. Isto permite considerar que a linguagem pode funcionar como um substituto desta ação corporal, e que com a sua ajuda uma emoção pode ser ab-reagida quase com a mesma eficácia. Freud não deixa de sinalizar que, muitas vezes, as palavras são as únicas ‘substitutas das façanhas humanas’ e que através da observação do cotidiano é possível exemplificar como a linguagem pode ‘substituir uma ação’ (Freud, 1893b: 49; 1893-5: 48-9). É comum o uso de frases como: ‘desabafar através do pranto’ ou ‘desabafar através de um acesso de cólera’. Ou ao contrário, situações em que se sofre uma agressão em silêncio, a qual produz uma ‘mortificação’, que literalmente ‘torna doente’ o sujeito. No caso de não haver uma reação em ações ou em palavras, a lembrança do fato mantém sua ‘tonalidade afetiva’. A reação corresponde a uma ação que promove alterações corporais, tais como o choro, o desacato ou a raiva. (Freud, 1893-5: 48-9).

Na ab-reação há um esgotamento do excedente de afeto e a linguagem, neste caso, equivale a um ato que permite que o afeto seja ab-reagido. A linguagem apresenta duas funções: primeiro como evocadora de uma ação que se situa para além do lugar onde se efetua o discurso e também sendo ela própria instrumento de uma operação.¹¹ Freud procura conceber a linguagem não como um reflexo articulado de coisas ou de atos exteriores, mas um local de ação, real ou substitutiva. Neste sentido, “a linguagem não somente pronuncia as coisas, mas as muda” (Schneider, 1994 :20-1).

A perspectiva da linguagem como ação não é a única forma de intervenção da atividade representativa e verbal. Freud comenta: “ab-reação, contudo, não é o único método de lidar com a situação criada para uma pessoa normal que tenha experimentado um trauma psíquico. (...) uma pessoa normal é capaz de provocar o desaparecimento da emoção acompanhante do processo de associação” (Freud, 1893-5:49). A proposição freudiana é que uma lembrança traumática que, por ventura, não tenha sido ab-reagida participa do complexo de associações e, desta forma, ficam sujeitas a retificação por outras idéias. No momento em que a ab-reação não ocorra de modo imediato, uma outra forma de terapêutica da linguagem é buscada pela via da associação. Portanto, a linguagem também pode ‘agir’ na liquidação da situação traumática através de um processo de associações, a lembrança entra em confronto com outras experiências e passa a ser retificada tornando possível o ‘desaparecimento’ da emoção. Desta forma, a direção do tratamento consiste em buscar através da associação um ‘esgotamento’ do afeto, a perda de sua intensidade (Freud, 1893-5: 49; 1893b: 50).

Esta distinção entre a linguagem equivalente ao ato ou vinculada à associação não modifica a perspectiva do tratamento clínico, voltado, nos dois casos, para atividade representativa e verbal que permite a liquidação do excedente de afeto. Enquanto a evocação representativa apresenta-se como o único processo desalienante, o afeto

¹¹ Remetemos o leitor à obra de J.L.Austin, filósofo da linguagem de Oxford. Austin se opõe as teorias da linguagem influenciadas pelo positivismo lógico que considerava a linguagem primeiramente descritiva ou constativa. O filósofo supõe que a linguagem é utilizada para realizar atos. Neste sentido a linguagem estaria no lugar do *próprio ato* e não como propõe Freud um *equivalente ao ato*. Uma interessante discussão sobre o tema se encontra no livro de Forrester: *Seduções da psicanálise*. Nesta obra o autor analisa a relação entre a concepção de atos de fala criados por Austin e as articulações da noção de fala e linguagem em Lacan, desenvolvidas na mesma época.

aparece sob a forma de um hóspede indesejável que se deseja expulsar (Schneider, 1994).

O maior problema na concepção freudiana do mecanismo histérico aparece quando a atividade de tornar-se consciente é compreendida apenas ao plano intelectual reduzindo o corpo e a afetividade a elementos passivos neste processo. Schneider propõe pensarmos a tomada de consciência associada a uma apreensão corporal. Neste caso, apreender uma representação significa também integrar o movimento corporal que lhe é correlativo. Este movimento se converte em afeto e torna-se suscetível de uma aceitação psíquica. Este enfoque remete à compreensão da terapêutica como uma realização de um ato psíquico irrealizado.¹² Freud convida a entender o trabalho catártico não apenas como uma tomada de consciência, mas uma realização de respostas corporais e afetivas. Nesta perspectiva, o afeto não seria o equivalente a uma pura ‘impressão’, na qual o sujeito sofreria passivamente a marca da realidade ou dos movimentos orgânicos. Este pólo de impressão representaria um dos aspectos do afeto, o outro pólo, seria constituído pelo poder de expressão, de tradução da própria emoção. Schneider propõe que, ao invés de focalizar o dualismo afeto-linguagem, se pense numa superposição de duplas antagônicas, na qual a passagem da impressão à expressão se efetue tanto no plano da linguagem quanto no do desenvolvimento afetivo. “Se o trabalho que permite transmutar o orgânico em afetivo pudesse ele mesmo ser olhado como uma primeira transcrição, não teria mais sentido opor afeto e expressão verbal. A expressão afetiva participaria no que constitui a essência da linguagem” (Schneider, 1994:80).

A dificuldade que Freud encontra na utilização do seu método catártico suscita importantes questões clínicas. Sua clínica demonstra que não é suficiente a recordação da lembrança traumática. A ligação do afeto à representação pode, em alguns casos, não produzir um efeito de diminuição do desprazer correspondente à intensidade excessiva.

¹² A concepção de que o sintoma é uma ação psíquica no corpo foi introduzida em 1890, no artigo “Tratamento psíquico”. Anos mais tarde, na “Conferência XXIII”, Freud retoma a idéia do sintoma como resultado de uma ação que ao ser inibida voltou para o próprio corpo. “Em lugar de uma modificação no mundo externo, essas satisfações substituem-na por uma modificação no próprio corpo do indivíduo: estabelecem um ato interno em lugar de um externo, uma adaptação em lugar de uma ação” (Freud, 1916-7:428).

O efeito de evocar a enunciação pode, em alguns casos, produzir um efeito contrário, de reforçar o estrangulamento do afeto. E, em contrapartida, a liberação do afeto não teria necessariamente um caráter prazeroso. O que desencadeia a paralisação do sujeito não é somente a intensidade da experiência, mas o fato desta experiência se dar em um 'escuro' tanto representativo como afetivo. Pois esta experiência, como assinala Schneider, está 'além' ou 'aquém' do experimentado e do representável. Nesta perspectiva, a autora presume certa prevalência do afeto sobre a representação e recoloca o conflito psíquico em primeiro lugar na dinâmica de movimentos passionais incompatíveis do que entre representações incompatíveis. Este seria o sentido de Freud não optar apenas por revelar o afeto, mas por desperta-lo (Schneider, 1994).

A idéia de 'despertar o afeto' e não 'liquidar o afeto' mostra um interessante caminho para pensar uma atividade verbal que inclua os aspectos afetivos e corporais. Cria-se, desta forma, uma via possível de articulação entre linguagem e o afeto.

1.4 A linguagem na articulação corpo-psiquismo

O passo inaugural de Freud foi deduzir que nas crises histéricas as dores do corpo eram símbolos das dores da alma. Mas esta descoberta implicou em um difícil problema: como explicar a passagem do psíquico para o somático? O que se transportava de um registro a outro? Afinal, o que se transformava em dor física? São interrogações que remetem ao mecanismo da conversão histérica. Esse é o enigma que Freud procura responder, em 1894, no artigo “Neuropsicoses de defesa”. Para isso, parte da hipótese física de que o afeto tem acesso livre entre o psíquico e o somático. Sob o termo de ‘neuropsicoses de defesa’, Freud agrupa neuroses que apresentam um aspecto comum: “seus sintomas emergiam através do mecanismo psíquico de defesa (inconsciente) – isto é, emergiam como uma tentativa de reprimir uma idéia incompatível que se opunha aflitivamente ao eu do paciente” (Freud, 1896:187). Quando o ‘eu’ é ameaçado por alguma representação procura afastá-la do trabalho associativo e, para tal, a priva do seu fator afetivo. Contudo, essa soma de excitação retirada da idéia precisará ser utilizada e, no caso da histeria, ocorre o processo que Freud chama de conversão: “transformações da soma de excitação em alguma coisa somática” (1894: 61).

A conversão designa a expressão de uma representação inconciliável através de uma transformação corporal. O ‘dano’ corporal se torna expressão da economia da representação incompatível. E traduz o destacamento de uma energia oriunda da tensão representativa (Assoun, 1995). Neste sentido, poderíamos concluir que o que se converte é o afeto (a soma de excitação), transferindo-se do campo psíquico (representações) para a inervação somática. Uma forma de compreender este processo é que “não há uma ‘passagem’ do psiquismo para o somático; há uma representação desvitalizada que passa para o inconsciente e uma excitação liberada que passa para os nervos”(Trillard,1991: 236). A conversão assinala difíceis problemas teóricos na psicanálise, pois trata-se de um mecanismo que pressupõe uma transferência do afeto por domínios heterogêneos do campo psíquico para a inervação somática.

O sintoma histérico designado como a expressão psíquica no corpo coloca em cena o diálogo metafísico entre corpo e psiquismo. Este problema chave na psicanálise

ganha uma maior atenção e conceitualização na reflexão metapsicológica da pulsão. Mas, com efeito, a definição da pulsão como um conceito limite entre força e representação não conclui a questão. Uma das grandes dificuldades deve-se ao caráter fronteiro deste tema, situado entre a psicanálise e a filosofia.

Freud declara abertamente que pretende, com a teoria psicanalítica, iluminar uma relação que fora, por muito tempo, omitida tanto pelo campo médico como filosófico: a relação psiquismo-corpo. Nas ‘Conferências introdutórias’, em um ato de ousadia Freud esclarece a posição da psicanálise neste cenário.

“Nem a filosofia especulativa, nem a psicologia descritiva, nem o que é chamado de psicologia experimental, tal como são ensinadas nas universidades, estão em condições de dizer-lhes algo de utilizável pertinente à relação entre corpo e mente, ou de lhes proporcionar uma chave para a compreensão dos possíveis distúrbios das funções mentais.(...) Essa seria a lacuna que a psicanálise procura preencher. Procura dar a psiquiatria a base psicológica de que esta carece. Espera descobrir o terreno comum em cuja base se torne compreensível a consequência do distúrbio físico e mental”
(1915-6:33)

Um dos maiores problemas presentes na articulação entre corpo e psiquismo, segundo Freud, está na definição do psiquismo como aquilo que é consciente. A psicanálise insere o psiquismo em um novo plano conceitual na medida em que não identifica psiquismo à consciência. Ser consciente não passa de uma qualidade, e uma qualidade inconstante do psíquico. Para Freud, o psíquico seja qual for sua natureza, é em si mesmo inconsciente (1938a:317). Com este argumento, sinaliza que a consciência não é um atributo que pode ser utilizado como referência absoluta para a compreensão da vida psíquica. Muito além do campo da racionalidade, a vida psíquica compreende processos como o sentir, o pensar e o querer. Assim, é possível supor a existência do pensar inconsciente e do desejar não apreendido (Freud,1916-7:34). Numa passagem do

texto ‘Esboço de psicanálise’, Freud expõe a questão fazendo um contraponto com a visão filosófica.

“Ademais, a igualação do que é mental ao que é consciente tem o resultado incomodo de divorciar os processos psíquicos do contexto geral dos acontecimentos no universo e de colocá-los em completo contraste com todos os outros. Mas isso, não serviria, de uma vez que não se pode desprezar por muito tempo o fato de que os *fenômenos psíquicos são em alto grau dependentes das influências somáticas e o de que, por seu lado, possuem os mais poderosos efeitos sobre os processos somáticos*. Se alguma vez o pensamento humano se encontrou num *impasse*, foi aqui. Para descobrir uma saída, *os filósofos, pelo menos, foram obrigados a presumir que haviam processos orgânicos paralelos aos processos psíquicos conscientes, a eles relacionados de uma maneira difícil de explicar, que atuavam como intermediários nas relações recíprocas entre corpo e mente* e que serviam para reinserir o psíquico na contextura da vida. Mas essa solução permaneceu insatisfatória” (Freud, 1938a:317, *grifos nossos*).

Alguns questionamentos sobre a forma como o campo médico tratou à relação corpo-psiquismo são também são levantados. Freud chama atenção para a evolução da medicina na segunda metade do século XIX, sob a influência das ciências naturais, ressaltando, no entanto, que todos os progressos e descobertas estão relacionadas exclusivamente ao lado físico do homem.¹³ Embora não faltasse razão para o estudo da incontestável ligação entre corpo e alma, a medicina moderna nunca deixou “de representar os acontecimentos mentais como determinados por acontecimentos físicos e deles dependentes” (Freud, 1905b: 298). Apesar da evidente relação de reciprocidade, o

¹³Freud faz menção a evolução da medicina em relação: a observação de que o organismo é constituído de elementos microscopicamente pequenos (as células), a compreensão da física e da química dos vários processos vitais (funções), a identificação de um grande número de microrganismos, entre outros (Freud, 1890: 297).

efeito do psíquico sobre o corpo parece ter sido omitido por parte dos médicos. Segundo Freud, o temor de perder a base científica fazia com que os médicos relutassem em aceitar certa autonomia do psiquismo.

Ler os sintomas a partir da posição do paciente em relação à própria enfermidade era seguir um caminho contrário ao da tradição da clínica médica. Constituída na passagem do século XVIII para o século XIX, a clínica teve como modelo o método anatômico-clínico que procurava relacionar os fenômenos visíveis – os sintomas – a uma inscrição anatômica nos corpos. Numa divisibilidade espacial, buscava-se uma descrição e localização anatômica. Assim, o conhecimento que se alcançava ao se penetrar nas entranhas do corpo, ultrapassando sua superfície visual, ficava restrito a uma interpretação objetiva dos sintomas. Desta forma, construiu um saber objetivo sobre o corpo que anulava qualquer consideração sobre sua singularidade (Foucault, 1963: 141-68). O olhar objetivo da prática médica, que excluía a experiência subjetiva da enfermidade, tinha como referencial o paralelismo psicofísico – fundado na concepção do dualismo cartesiano – que polarizava o registro somático e psíquico.¹⁴ Foi somente no final do século XIX, com a experiência clínica, que essa relação unilateral da medicina em relação ao corpo foi afetada.

As histéricas foram emblemáticas para questionar a prática médica vigente, exigindo uma concepção funcional do seu distúrbio. A novidade da clínica da histeria é que os sintomas eclodem nos corpos. No entanto, não estão relacionadas a uma causa orgânica e sim psíquica. Esta mudança exige uma observação do ‘corpo representado’ das histéricas, ou seja, a representação psíquica que elas faziam de seus corpos. Distanciando-se do modelo do corpo anatômico e do corpo fisiológico, Freud pede ‘permissão’ para passar para a área da psicologia – que, como ele mesmo assume, é uma passagem que “difícilmente se pode evitar, em se tratando de histeria”(1893a: 189). Freud verifica que o adoecer histérico está relacionado a uma anatomia própria, vulgar.

¹⁴ A expressão ‘paralelismo psicofísico’ foi inventada por Fechner. Segundo o *Dicionário de Filosofia* organizado por Nicola Abbagnano (2000), ela designa a doutrina segundo a qual os eventos psíquicos e os físicos constituem duas séries paralelas, que não agem uns sobre os outros, mas são causalmente determinados somente pelos eventos homogêneos: os mentais pelos mentais, e os físicos pelos físicos. Esta doutrina era sugerida pela exigência (ou pelo desejo) de não submeter os eventos mentais à causalidade dos eventos físicos pela impossibilidade de considerar estes últimos dependentes dos primeiros.

O corpo é tomado pelo sentido trivial e popular, dos nomes que tem: “a perna é a perna até sua inserção no quadril, o braço é o membro superior tal como aparece visível sob a roupa”(Freud, 1893a: 188).

A variedade de sintomas não permite uma classificação e nem uma definição com base na lesão orgânica. Freud examina que no desenrolar desta investigação verificou-se que, em muitos casos, “os sinais da doença se originam simplesmente de uma *alteração na ação psíquica sobre seus corpos* e a causa imediata desse distúrbio deveria ser buscada em suas mentes” (Freud, 1905b: 300). A empreitada freudiana foi retomar o lado esquecido dessa relação mútua entre mente e corpo e, finalmente, considerar a influência do psíquico sobre o somático. Com essa perspectiva foi possível perceber que a copiosidade e variedade dos sintomas neuróticos, seu aparecimento, deslocamento ou desaparecimento eram influenciados pela excitação, emoção, preocupação - entre outros fatores.

A relação entre corpo e psiquismo é amplamente analisada no artigo ‘Tratamento psíquico’, publicado em 1905. A originalidade do artigo consiste em pensar as conseqüências clínicas da hipótese freudiana de que a linguagem é uma forma de acesso ao psiquismo e uma possível articulação entre os registros psíquico e somático. Esta hipótese já havia sido esboçada no estudo sobre as afasias que, apesar de ser considerado um trabalho pré-psicanalítico, indica algumas coordenadas básicas para pensar a apropriação da linguagem na clínica psicanalítica.¹⁵

Freud analisa a desestabilização que a histeria promove à lógica do saber médico, destacando a importância da influência do psíquico sobre o somático e o papel da fala do paciente. A ênfase dada à linguagem permite uma nova articulação entre os registros somático e psíquico em um outro nível de complexidade. Ao invés de considerá-los polaridades absolutas e excludentes, eles passam a ser vistos como uma relação de implicação. Freud procura criticar o dualismo entre corpo e psiquismo, afirmando que o registro do psiquismo é antes de mais nada linguagem e que esta tem efeitos sobre o corpo. Freud realça a incidência da linguagem sobre o corpo e sobre as

¹⁵ Analisaremos a abordagem da linguagem no estudo sobre afasias no Item 2.1 *Um encontro inaugural com a linguagem*.

representações distanciando-se da tradição do dualismo cartesiano. Com isto, desloca o registro do psíquico do campo da consciência e o inscreve no registro da linguagem. Aparece, então, a primeira crítica do discurso freudiano em relação às concepções do dualismo psicofísico da psicologia científica da época. (Birman, 1993; 2001b).

Freud explora ainda o fenômeno da influência dos pensamentos nos estados afetivos e levanta a hipótese de processos de pensamento afetivos: “estritamente falando todos os estados mentais, incluindo os que normalmente consideramos ‘processos de pensamento’, são até certo ponto ‘afetivos’ e nenhum deles passa sem suas manifestações físicas ou é incapaz de modificar processos somáticos” (1905b: 302). Para discorrer sobre o assunto, Freud procura demonstrar como são inúmeras e corriqueiras as situações em que o corpo é afetado pela mente. É interessante notar que seus exemplos evidenciam a influência do psíquico tanto em estados patológicos quanto em normais. Ele observa também que o exemplo mais comum e que pode ser visto em todos é a expressão de sentimentos. Quase sem exceção, os estados mentais do homem são manifestados “nas tensões e relaxamentos de seus músculos faciais, nas adaptações dos olhos, na quantidade de sangue nos vasos da pele, nas modificações do aparelho vocal e nos movimentos dos membros, particularmente as mãos” (Freud, 1905b: 300). Além dessas evidentes manifestações, Freud sublinha o fato de que o papel desempenhado pelo corpo em alguns sentimentos se torna tão óbvio que faz com que psicólogos considerem que a essência destes sentimentos consiste apenas em suas manifestações físicas. Assim como também os estados de alegria ou tristeza produzem outros resultados físicos.

“Em estados mentais persistentes de natureza penosa ou ‘depressiva’, tais como tristeza, preocupação ou mágoa, reduzem o estado de nutrição de todo o corpo, embranquecem os cabelos, fazem desaparecer a gordura e causam alterações doentias nas paredes dos vasos sanguíneos. Por outro lado, sob a influência de sentimentos de alegria, de ‘felicidade’, verificamos que todo o corpo floresce e mostra sinais de renovação e juventude” (Freud, 1905b: 301).

O que caracteriza os sentimentos é uma ligação ‘bastante especial’ com os processos somáticos. Há uma ênfase na idéia de que psíquico e somático estão

implicados. Portanto, não haveria, pensamento sem uma ação no somático. A linguagem, neste contexto, é pensada a partir de uma implicação com os afetos. As palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens (Freud, 1915-6). Esta problemática também é considerada quando Freud analisa o efeito de simbolização na histeria. Nos ‘Estudos sobre a histeria’ é considerada a hipótese de que as sensações físicas e idéias corriam paralelamente umas às outras. Desta forma, volta a enfatizar o aspecto da interferência mútua: por um lado a sensação pode evocar a idéia no intuito de expressá-la, e por outro, a idéia pode criar a sensação por meio da simbolização (Freud, 1893-5).

No artigo ‘Tratamento psíquico’ Freud formaliza um passo decisivo em relação às abordagens teórica e clínica. Os registros psíquicos e somáticos estão implicados através da linguagem. O tratamento psíquico está relacionado a distúrbios mentais ou físicos que se iniciam em primeiro lugar na mente humana. A abordagem psicanalítica da linguagem permite, portanto, uma releitura da implicação do registro psíquico e do somático.

1.5 A passagem da interpretação à construção

É pelo viés do discurso que Freud propõe uma clínica da histeria. A fala possibilita a tradução da dor psíquica ou somática e é por isso que o tratamento psíquico, tal qual definido por Freud, se inscreve, sobretudo no registro da linguagem. A eficácia da psicanálise é conferida ao ‘poder das palavras’.

“Agora, também, começamos a compreender a ‘mágica’ das palavras. As palavras são o mais importante meio pelo qual um homem busca influenciar outro; as palavras são um bom método de produzir mudanças mentais na pessoa a quem são dirigidas. Nada mais existe de enigmático, portanto, na afirmativa de que a mágica das palavras pode eliminar os sintomas de doenças, e especialmente daquelas que se fundam em estados mentais” (Freud, 1905b:306).

A ‘magia das palavras’ no dispositivo de cura encontra seu fundamento na hipótese: “a psicoterapia não pode seguir outro caminho senão colocar o inconsciente sob domínio do pré-consciente” (Freud, 1900:616). A descoberta das leis próprias de funcionamento do inconsciente possibilitou o trabalho de decifração, que visava alcançar o domínio do consciente sobre o inconsciente. Julia Kristeva compreende que este enfoque freudiano corresponde a um modelo otimista da linguagem no qual parte da suposição do inconsciente articulado como língua possível de decifração. Na medida em que o conteúdo inconsciente tem um sentido, ele pode ser interpretado. Nesta concepção teórica, o inconsciente se identifica a ‘terra prometida’ do processo de análise (Kristeva, 2000:71-4).

A decifração do inconsciente tem como ferramenta técnica principal a interpretação. O termo interpretação, no sentido técnico, em geral, está presente desde a origem da psicanálise. Em ‘Estudos sobre a histeria’, Freud estabelece que o objetivo principal da clínica é fazer ressurgir as recordações patogênicas inconscientes, mas a ação terapêutica da interpretação ainda não é seu modo de ação principal. Através da

investigação da formação dos sonhos é que Freud constrói o modelo de interpretação baseado na hipótese de que os sonhos portam um significado. (Laplanche&Pontalis,1986).

Ao longo da obra freudiana, a interpretação é inserida em um conjunto de regras da psicanálise. Assim, psicanálise e interpretação aparecem como termos indissociáveis. O trabalho de análise chega a ser definido como uma arte da interpretação. O entusiasmo inicial com a eficácia da técnica é bastante evidente: “Com a ajuda do método de associação livre e da arte correlata de interpretação, a psicanálise conseguiu alcançar uma coisa que parecia não ser de importância prática alguma, mas que de fato conduziu necessariamente a uma atitude totalmente nova e a uma nova escala de valores no pensamento científico” (Freud, 1924b:57). Com a técnica da interpretação, Freud desenvolve o método da associação livre, que vão constituir as regras fundamentais da psicanálise para o trabalho de tornar consciente o inconsciente. À interpretação compete a tarefa, por assim dizer, de extrair do minério bruto das associações não-intencionais o metal puro dos pensamentos recalçados. O dispositivo de tratamento será baseado na técnica da associação livre, que tem como objetivo levar até a consciência o material reprimido que era retido por resistências. (Freud, 1903).

A psicanálise tem seu fundamento como prática clínica na atividade interpretativa, estando esta relacionada à emergência de sentido que se produz a partir da revelação do conteúdo inconsciente. O primeiro ponto a ser realçado é que não há como dissociar a interpretação da questão da linguagem. Outro ponto que se desdobra desta articulação é a intrínseca relação entre a produção de sentido e a técnica da interpretação.¹⁶ O processo de trazer para a consciência o que se encontra no inconsciente está inserido em um plano de produção de sentido que se realiza, prioritariamente, através da interpretação. Lembramos ainda que a questão da produção de sentido tem grande projeção na teoria psicanalítica, a ponto de estar vinculada à *cura* compreendida como um alargamento da consciência.

¹⁶ Hans salienta uma interessante nuance do termo alemão *Deutung*: “a palavra ‘interpretação’, em português, tende a se referir a materiais cujo significado ainda não está claro e aos quais se procura ‘dar sentido’, enquanto a *Deutung* tende a ‘acionar um novo sentido’ além do sentido já evidente que o material já possui” (1996:288).

O valor semântico da interpretação também se configura como um ponto problemático. É a partir do ‘texto’ que a prática analítica é constituída. A psicanálise tem como principal material de trabalho a palavra e é sob este terreno que se desenrola a atividade interpretativa. De acordo com Ricoeur, é no campo da palavra que a experiência analítica é processada, “e, no interior deste campo, o que emerge é uma outra linguagem, dissociada da linguagem comum, e que se permite *decifrar* através dos seus efeitos de *sentido*: sintomas, sonhos, formações diversas, etc” (Ricoeur , 1965:386).¹⁷

Na medida em que Freud se depara com alguns impasses clínicos, seu otimismo com relação ao poder das palavras é remanejado no plano teórico. Aos poucos, sua atenção vai se deslocar das descobertas das representações para a dinâmica pulsional. Podemos constatar este deslocamento quando Freud retoma a questão do direcionamento da análise e declara que a psicanálise não é uma arte de interpretação. A orientação da interpretação desenvolvida na *Traumdeutung* não respondia à necessidade de reconstituição das cadeias associativas.

“Se nas descrições da técnica analítica se fala tão pouco sobre ‘construções’, isso se deve ao fato de que, em troca, se fala nas ‘interpretações’ e em seus efeitos. Mas acho que ‘construção’ é de longe a descrição mais apropriada. ‘Interpretação’ aplica-se a algo que se faz a algum elemento isolado do material, tal como uma associação ou uma parapraxia. Trata-se de uma ‘construção’, porém, quando se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva” (Freud, 1937b:295).

A noção de construção traz uma interessante disjunção com a idéia de realidade. Neste texto, Freud enfatiza a concepção que os sintomas e inibições constituem um substituto para algo que foi ‘esquecido’. O comentário de Freud é como recuperar as

¹⁷ A noção de sentido também pode estar associada a algo que está perdido, ou ausente. Ricoeur (1965) valoriza a hipótese de que através do domínio do objeto ausente e da discriminação entre a sua presença e a sua ausência se atesta no próprio nascimento da linguagem.

lembranças perdidas. O trabalho de construção não visa reencontrar o fato ocorrido, portanto, não haveria o intuito de encontrar o fato em si. Freud reconhece que com bastante frequência “não conseguimos fazer o paciente recordar o que foi reprimido. Em vez disso, se a análise é corretamente efetuada, produzimos nele uma convicção segura da verdade da construção, a qual alcança o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança capturada” (Freud, 1937b: 300). O paradigma nesta abordagem freudiana não se relaciona mais a ‘tornar consciente o inconsciente’, uma vez que o inconsciente não pode ser apreendido em sua totalidade. Assim, a construção permitiria o abandono da crença de que o conteúdo inconsciente como um todo seria passível de resgate. Freud considera que o trabalho de construção:

“consistiria em libertar o fragmento de verdade histórica de suas deformações e ligações com o dia presente real, e em conduzi-lo de volta para o ponto do passado a que pertence. A transposição de material do passado esquecido para o presente, ou para uma expectativa de futuro, é, na verdade, ocorrência habitual nos neuróticos, não menos do que nos psicóticos”.

(Freud, 1937b: 303).¹⁸

Esta compreensão leva Freud a se confessar ‘tentado’ a propor uma analogia entre construção e delírio, na medida em que ambas são ‘tentativas de explicação e de cura’. A eficácia da construção consiste em recuperar um fragmento de experiência perdida, e o do delírio, em se inserir no lugar da realidade rejeitada (Freud, 1937b).¹⁹

Em certa medida, é possível associar o trabalho de construção ao Id, ao não representado, ao passo que a interpretação estaria referida ao campo da representação. Este deslocamento sinalizado a partir da reformulação da teoria das pulsões implica em

¹⁸ Freud parte da suposição que quando uma lembrança retorna com intensidade em direção ao sistema perceptivo pode assumir uma intensidade alucinatoria. Esta lembrança revivida assume o valor de atualidade histórica na medida em que a ‘verdade histórica’ do passado invade o presente (Assoun, 1989).

¹⁹ O conceito de construção pode facilmente remeter à idéia de fantasia. Uma idéia que relaciona estas duas noções é sua indistinção com o plano da realidade e sua relação ‘móvel’ em relação aos tempos presente, passado e futuro. Na ‘Conferência XXIII’, Freud comenta com muita clareza que se as fantasias “não encontram apoio na realidade, são agregados a partir de determinados indícios e suplementados pela fantasia. O resultado é o mesmo, e, até o presente, não conseguimos assinalar, por qualquer diferença nas conseqüências, se foi a fantasia ou a realidade aquela que teve a participação maior nesses eventos da infância” (Freud, 1916-7: 432).

uma outra concepção de tratamento. Inicialmente, a psicanálise se aproxima da concepção de uma ciência do determinismo psíquico cuja base é o conceito de inconsciente. Nesta perspectiva, o trabalho analítico consistia em promover um domínio das representações inconscientes e torná-las conscientes. Considerando exclusivamente o aspecto qualitativo das pulsões, estas se inscrevem de imediato no registro da interpretação. Esta vertente clínica começa a sofrer uma alteração quando Freud postula o conceito de pulsão como uma força constante, pois a consideração do seu aspecto quantitativo promove uma desvinculação do conceito da pulsão e da representação. Em 1920, quando Freud formula o conceito de pulsão de morte, afirmando a existência de uma pulsão como pura intensidade e sem representação, se supõe que o trabalho de inscrição da força no campo da representação, ou seja, o trabalho de simbolização pode ou não ocorrer. Neste novo contexto teórico, o ato analítico é especialmente marcado por um indeterminismo do trabalho psíquico de encontrar destinos para as forças pulsionais (Birman, 1996).²⁰

Como apropriadamente assinala Monique Schneider (1994), podemos encontrar na psicanálise a coexistência de linhas conceituais que privilegiam o campo da representação ao lado de outras que privilegiam o campo da intensidade pulsional o que implica em diferentes destinos de subjetivação. Acreditamos que a problemática sobre a concepção de linguagem é a principal questão em jogo quando tratamos das controvérsias entre os fundamentos de uma análise calcada sobre o discurso e agindo pelos efeitos de significantes, e de uma análise sobre a dinâmica pulsional.

Encontramos dois caminhos para desenvolver esta questão. Considerar a subjetividade em sua dimensão intensiva a partir da hipótese freudiana da autonomia pulsional - que significa uma concepção da pulsão não submissa ao campo da representação - e investigar de que forma a questão da intensidade é articulada à linguagem na clínica psicanalítica.

²⁰ O aspecto econômico da subjetividade passa a influenciar de forma decisiva a leitura freudiana dos fenômenos psíquicos. Em 'Análise terminável interminável', Freud comenta: "Nos confrontamos com a importância do fator quantitativo e somos lembrados de que a análise só pode valer-se de quantidades de energia definidas e limitadas que têm de ser medidas contra as forças hostis. E aparece como se a vitória, de fato, via de regra esteja do lado dos grandes batalhões" (1937a: 273).

Capítulo II - A especificidade da noção de representação na psicanálise

*Via de regra, sabe-o o senhor, é a superstição
fecundo ponto de partida para a pesquisa.
Guimarães Rosa.*

2.1 Um encontro inaugural com a linguagem

Como vimos, no Capítulo I, a linguagem ocupa um lugar fundamental na construção da clínica psicanalítica. A partir da linguagem, ou mais precisamente dos seus efeitos, Freud propõe um método de tratamento que tem como instrumento principal a fala. A questão da linguagem se insere no projeto freudiano através de duas vertentes relacionadas entre si: na fundamentação do método terapêutico, realizado através do discurso, e na formulação do aparelho psíquico.

O encontro inaugural de Freud com a problemática da linguagem se realiza no seu estudo sobre as patologias da fala. As investigações sobre o mecanismo da afasia levam Freud a uma nova abordagem sobre a linguagem. O elemento central que confere a originalidade da construção freudiana do modelo de aparelho de fala é a sua reformulação do conceito de representação. Esta posição será decisiva no distanciamento das concepções vigentes da época. Como veremos adiante, a especificidade da concepção freudiana de representação, deste primeiro estudo, contém rudimentos de uma metapsicologia da estruturação do psiquismo em torno da linguagem.

A noção de representação esboçada por Freud, em 1891, se insere no contexto de uma discussão mais ampla sobre as afasias. No final do século XIX, as patologias da fala assumem uma posição estratégica no conjunto de discursos teóricos, tais como a neuropatologia, a filosofia, a psicologia e o estudo da linguagem. As pesquisas, nestes diferentes campos de saber, procuravam delinear a linguagem e seu funcionamento (Birman, 1993). Neste quadro, destaca-se a teoria localizacionista de Wernicke que tem como hipótese a correlação entre a lesão cerebral e o distúrbio lingüístico. Desta proposição, se deduz a existência de centros de linguagem anatomicamente localizados

no cérebro, responsáveis por funções específicas, tais como a compreensão e a produção da fala. A teoria de Wernicke foi fortemente influenciada pelas idéias de Meynert, principalmente na suposição da relação entre a anatomia e a fisiologia do sistema nervoso. Nesta perspectiva, compreende-se que a periferia do corpo é representada no córtex através de uma projeção aferente, ponto por ponto, e, quando a excitação dos centros periféricos é encaminhada ao cérebro, se produz uma projeção unívoca.

Freud compreende a linguagem essencialmente como um modelo da representação em seus diferentes níveis e, neste sentido, reformula e distingue as categorias de representação e projeção. Enquanto as relações do corpo com a medula podem ocorrer sob a forma de uma projeção, as relações da medula com o córtex devem ser de outro tipo, de representação (Araújo, 2003).²¹

As teses localizacionistas são vinculadas a um conjunto de doutrinas psicológicas comumente designadas como associacionismo. Neste cenário salienta-se a formulação do atomismo psicológico, de James Mill, que tem como pressuposto que todo conhecimento vem da experiência, opondo-se a concepção de mente como um centro de atividade organizadora e sintética dos processos psíquicos. No modelo associacionista, toda a impressão corresponde a uma representação simples, significando que cada modificação da substância nervosa corresponde a uma representação elementar. O princípio associacionista define que todas as propriedades já estão presentes em suas partes constituintes. Segundo esta perspectiva, a representação está contida nas células nervosas e todo processo neuronal culmina em uma representação.

Freud recusa a idéia da representação contida na célula nervosa e critica fortemente a distinção anatômica entre os centros corticais de linguagem e os feixes associativos que os interligam. Neste sentido, a representação não é considerada como um efeito mecânico da estimulação externa. O processo psicológico é entendido como paralelo ao fisiológico, e não como uma duplicação mecânica ou um efeito secundário.

²¹ Esta mesma idéia é exposta, em 1893, no texto “Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas”. Neste trabalho, Freud diferencia as paralisias de projeção das paralisias de representação.

O correlato fisiológico de uma representação não é o neurônio, mas a natureza de um processo. Freud propõe a substituição da noção estática de localização pela noção dinâmica de processo. Neste caso, a representação não pode ser concebida independentemente das associações (Garcia-Roza, 1995).

A formulação freudiana de representação encontra, argumentação teórica, em pressupostos do campo da neurologia de Hughlings Jackson. O estudo das afasias apresenta novas exigências que implicam na reformulação da relação entre a natureza do psíquico e o sistema nervoso. Nesta perspectiva, a intenção de Jackson em desfazer os equívocos entre concepções neurofisiológicas e psicológicas, se torna alvo de interesse nas investigações freudianas. O passo decisivo de Freud foi construir uma concepção de representação que se desvia dos impasses da psicologia da consciência e rompe com a identificação entre psiquismo e consciência (Birman, 1993).

O eixo central da crítica de Freud ao localizacionismo consiste na introdução de uma concepção funcional dos distúrbios da linguagem. Este ponto de vista está na origem de uma nova concepção sobre a natureza do psiquismo e, em particular, da representação. Questionando a abordagem patológico-anatômica fundada exclusivamente nas hipóteses da teoria das localizações cerebrais, as afasias são examinadas a partir da hipótese funcional que relativiza o papel do órgão na etiologia da patologia. O termo perturbação funcional designa uma série de efeitos que devem ser relacionados com o funcionamento global do aparelho e não exclusivamente pela relação mecânica entre o clinicamente observado e o anatômico. A estrutura cerebral é analisada no seu modo de funcionamento como um todo. Qualquer substrato fisiológico da atividade mental é considerado como o resultado de uma série de processos que abarcam o cérebro em toda a sua extensão não se limitando a uma determinada parte do cérebro. Nesta atitude freudiana de repensar a relação entre funções e localizações encontra-se a originalidade de sua investigação: a construção de um aparelho de linguagem que se articula com toda a atividade cerebral.

A teoria freudiana das afasias, fundada na ordem da linguagem, consiste em uma crítica à concepção da teoria anatômica, que procurava explicar a patologia através de termos de localizações elementares, sem distinguir as concepções de linguagem automática e linguagem espontânea. Para Freud, não é a dimensão repetitiva que define

a linguagem em sua totalidade, o essencial da linguagem é justamente sua possibilidade de elaboração de novos sentidos e novas formas semânticas. A linguagem, portanto, é pensada sob uma perspectiva holística, onde os elementos da palavra não são concebidos isoladamente. A formulação do aparelho de linguagem como totalidade e como sistema sugere a idéia de que o psiquismo é representando basicamente sob a forma do funcionamento da linguagem (Birman, 1993).

Freud propõe um esquema hipotético – o aparelho da fala - para descrever o funcionamento neurológico da linguagem no processo de aprendizagem da fala, da leitura e da escrita. Seu interesse não é sobre a linguagem enquanto sistema, mas em processos envolvidos na atividade de falar e compreender. A aquisição da linguagem é concebida como uma aprendizagem que integra o motor e o sensorial em uma unidade indivisível. A aprendizagem é descrita em etapas neurológicas de formação do aparelho de linguagem e o ponto de partida é a representação de palavra. Toda a construção e funcionamento do aparelho de linguagem é sustentada a partir da clivagem das representações segundo a ordem da palavra e a ordem de objeto.²² A partir deste par de representações, Freud define a classificação de três espécies de perturbações da fala: a) a afasia verbal que apresenta uma perturbação nas associações entre os elementos separados da representação da palavra; b) a afasia assimbólica resultado de uma perturbação na associação entre a representação da palavra e a representação do objeto; c) a afasia agnóstica que ocorre em casos de lesão bilateral, causando perturbações na fala.

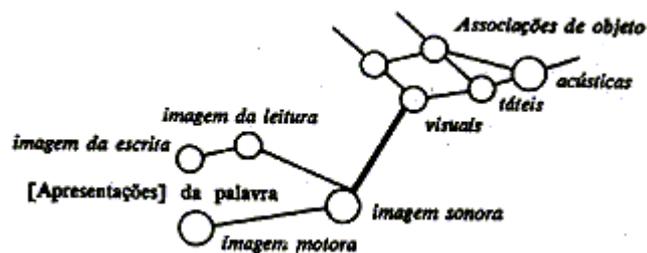
A investigação freudiana sobre as perturbações da linguagem, parte da unidade de função da fala - a palavra - uma representação complexa que combina diversos elementos sensoriais distintos. Luiz Alfredo Garcia-Roza (1991a) observa que uma ‘representação complexa’ não significa o efeito da ‘unidade’ da ‘impressão’ - como seria uma concepção elementarista – mas que sua unidade implica em diversos elementos que se situam em lugares diferentes do território da linguagem. Afirmar que a palavra é uma representação complexa significa que, qualquer operação da linguagem

²² A distinção entre as representações (palavra e objeto) será retomada ao longo da obra freudiana principalmente nas suas reflexões metapsicológicas, onde será associada à estrutura do psiquismo como operadora da teoria do inconsciente.

implica em uma intervenção simultânea de funções relativas com mais de um ponto do território de linguagem. A linguagem é constituída por um processo de associação onde as representações constituem-se como conteúdos do aparelho de linguagem.

A construção teórica do aparelho de linguagem é fundamentada na oposição entre representação palavra e representação objeto. A representação de palavra se constitui por uma série de quatro registros elementares que indicam canais sensoriais do corpo: a imagem sonora, a imagem visual da letra, a imagem motora da fala e a imagem motora da escrita. Já a representação de objeto é um complexo de associações formado por uma variedade de representações que se vinculam ao campo sensorial: a representação visual, a representação tátil e a representação acústica.

A partir da análise patológica das perturbações da fala, Freud constrói a hipótese de ligação da representação da palavra através da sua extremidade sensorial (por imagens sonoras) à representação de objeto. A unidade da função da fala é a ‘palavra’, uma representação complexa que se constitui numa combinação de elementos auditivos, visuais e sinestésicos. Sendo a imagem sonora da palavra o ponto de interseção dos dois complexos associativos. Em 1891, é proposto este diagrama seguido da seguinte descrição.



“A representação palavra apresenta-se como um complexo representativo fechado, ao passo que a representação objeto se apresenta como um complexo aberto. A representação de palavra não está ligada a representação de objeto por todas as suas partes constituintes, mas apenas pela imagem acústica. Entre as várias associações de objeto, são as visuais que representam o objeto, da mesma forma que a imagem acústica

representa a palavra. As ligações da imagem acústica da palavra com as demais associações de objeto, não são aqui indicadas” (Freud, 1891:127).

A hipótese freudiana é que o complexo de representação de palavra remete necessariamente ao representante de objeto que, por sua vez, se constitui por um complexo de associações formado por uma grande variedade de representações visuais, acústicas, táteis, sinestésicas, entre outras. O efeito de significação é produzido através da associação de vários elementos da representação de objeto com a representação de palavra. Portanto, uma palavra só adquire significado quando se liga a um representante de objeto. Desta forma, quando estabelecida a ligação da palavra com a representação de objeto, o aparelho de linguagem articula representações que produzem um sentido. Conclui-se que, a compreensão freudiana sobre o discurso afásico proporciona a formulação da linguagem como efeito do funcionamento deste aparelho. Nesta perspectiva, a linguagem não tem somente uma função de codificação, mas uma função expressiva e criativa.

Kristeva (2000) sublinha que o modelo freudiano de aparelho de fala contempla o aspecto energético, na medida em que, os tipos de figurabilidade (ou de representação) são tratados como deslocamentos da linguagem. Segundo a autora, este primeiro modelo freudiano da linguagem é caracterizado pela heterogeneidade, presente nos dois registros de representação. Nas representações de palavras, a imagem sonora depende de outras imagens sensórias da palavra e, por esta razão, não podem ser assimiladas a um significante puro; e nas representações de coisa é evocado algo pictórico e investido energicamente.

A distinção entre complexo representativo aberto (representação de coisa) ou fechado (representação de palavra) foi alvo de algumas considerações. Joel Birman (1993) acentua o fato de que a representação de palavra remete necessariamente para a representação de objeto. Nesta perspectiva, o principal enfoque não está na idéia do aparelho de linguagem fechado ao pólo da representação de palavra, e sim na amplitude do pólo de representação de objeto. Esta proposição possibilita a identificação de uma abertura fundamental da ordem da linguagem para a ordem do corpo. Segundo o autor, esta é a grande inovação teórica introduzida no ensaio sobre as afasias: considerar a linguagem como um sistema de representação das coisas e do corpo. Para Garcia-Roza

(1991a), a indicação de caráter fechado ou aberto diz respeito ao complexo e não propriamente à representação. As associações de objeto constituem um complexo associativo, e, no caso, o ‘representado’ não é um objeto, mas diferentes séries de associações. A representação de objeto não designa o referente ou a coisa em si. A significação não é inerente ao objeto (ou de umas das suas imagens visual, tátil, acústica, etc.), pertence à relação da representação de objeto e da representação de palavra. Portanto, a ligação entre representação de palavra e representação de objeto não indica nenhuma semelhança natural entre os dois complexos. No caso, a linguagem é a condição para que as associações se organizem em uma representação de objeto.²³

Podemos concluir que, através de uma escuta singular sobre as afasias, Freud constrói um modelo de aparelho de linguagem que servirá como uma espécie de embrião para a construção da concepção de aparelho psíquico alguns anos mais tarde. De fato, na época, Freud não tinha nenhuma intenção declarada de oferecer um modelo de aparelho psíquico. Desta forma, seria igualmente inadequada qualquer tentativa de transportar o modelo do aparelho de fala para a metapsicologia. Contudo, referente à linguagem abre-se um caminho para a discussão sobre o inconsciente. Forrester (1980) acentua a importância do trabalho sobre as afasias para posterior constituição da teoria e da experiência psicanalítica fundada na linguagem. São idéias que servirão de base para a construção do aparelho psíquico esboçado no ‘Projeto para uma psicologia científica’ e desenvolvido no livro sobre a ‘Interpretação de sonhos’, nos artigos metapsicológicos e no texto sobre ‘O Ego e o Id’.

²³ Alguns comentadores sinalizam a consonância entre a formulação freudiana de representação e a concepção de signo lingüístico exposta por Saussure por volta da mesma época no *Curso de lingüística geral*. Certamente há uma tentação de promover a aproximação entre a lingüística e a psicanálise, na medida em que, as duas disciplinas compartilham o mesmo objeto ‘a linguagem’. No entanto, cabe lembrar que a estrutura formal do sistema da língua descrito pelos lingüistas em pouco coincide com as idéias freudianas. A psicanálise e a lingüística apesar de alguns pontos de encontros não compartilham as mesmas perspectivas e propostas (Kauffman, 1996).

2.2 A linguagem na construção do aparelho psíquico

A função da linguagem é essencial na formulação do aparelho psíquico. Em 1895, no 'Projeto para uma psicologia científica', são acrescentados elementos decisivos para a reflexão sobre a concepção da linguagem na experiência psicanalítica. A linguagem é articulada ao processo de pensamento e procura-se elucidar a problemática do pensar no discernimento das representações. Freud retoma a expressão de 'associação da fala', - exposta anteriormente na monografia sobre afasias -, ressaltando a importância e o papel desempenhado pela linguagem nos processos psíquicos.

Para examinarmos o papel da linguagem e sua articulação com o ato de pensar, faremos uma breve recapitulação do modelo de aparelho psíquico proposto em 1895. Freud constrói um modelo teórico hipotético para explicar a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico a partir de duas idéias: neurônios e quantidade. A quantidade se refere à excitação, energia que circula pelos neurônios, capaz de deslocamento e descarga. Os neurônios são considerados partículas materiais de igual natureza que formam uma rede de conexões. A diferença que se apresenta entre os neurônios se deve a quantidade com que eles têm que lidar. O desenho do aparelho psíquico torna-se complexo justamente quando a atividade neuronal é articulada com a quantidade e busca-se esclarecer a origem da qualidade.

Ao combinar a descrição do neurônio com a concepção da teoria da quantidade, chega-se à noção de *neurônio investido* - um neurônio cheio de determinada quantidade. Mas, se é possível um acúmulo de quantidade em um aparelho que tende a descarga é porque algo pôde funcionar como resistência à descarga total. Este conceito leva Freud a admitir a hipótese das barreiras de contato, a resistência nos contatos entre os neurônios. Os neurônios, no entanto, não oferecem de forma uniforme uma resistência à descarga e, para distingui-los, são definidas duas classes de neurônios: os permeáveis e os impermeáveis. A partir desta primeira distinção são determinados diferentes sistemas de neurônios.

O sistema ϕ serve ao processo perceptivo. Como não é detentor de quantidade, suas barreiras de contato permanecem inalteradas após a passagem de excitação.

O sistema ψ é impermeável e pode reter quantidade. O fato dos neurônios se alterarem com a passagem de excitação, permite que esta estrutura se organize como memória. O sistema ψ se divide em dois grupos: os ψ palliuns estão expostos indiretamente à fonte exógena e são protegidos pelo sistema ϕ e os ψ nucleares estão diretamente expostos às vias das quantidades endógenas de excitação.

O sistema ω é responsável pela percepção-consciência e tem como característica fundamental transformar quantidade em qualidade (aspectos sensíveis da percepção). Ele registra a qualidade proveniente de estímulos exteriores. O aparelho da consciência se mantém em permanente permeabilidade. Ele recebe informações do ϕ e fornece informações à ψ através dos signos de qualidade e realidade. Não é capaz de receber quantidades, mas se aproximam do período de excitação, ou seja, da diferença entre as quantidades, da sua freqüência tornado possível fornecer ao sistema ψ as sensações de prazer e desprazer. São considerados por Freud como “o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, isto é, dos processos de consciência” (1895:330). Esta engrenagem é decisiva no aparelho psíquico. Caso contrário seria impossível reconhecer as quantidades de energia oriundas do mundo externo e as cargas de desejo interno que desencadeiam o mesmo sinal de consciência.

O modelo proposto por Freud estabelece que o organismo não está em relação direta com o mundo exterior. Desta forma torna-se importante a separação entre a consciência e a percepção. A partir dos signos de qualidade o aparelho psíquico pode distinguir as imagens lembrança das imagens percepção. Para que a representação não seja investida com a mesma intensidade da percepção, o sistema ψ precisa ser informado para inibir a descarga até que se estabeleça a distinção entre o objeto real e o alucinado. Uma das funções do sistema ψ é inibir a descarga na ausência do objeto real. Como o ego (sistema ψ) e as percepções (sistema ϕ) pertencem a sistemas diferentes é necessário um mecanismo que induza o ego a influir sobre as percepções. Freud compreende este mecanismo como ‘atenção psíquica’ que consiste que toda a percepção produz uma excitação em ω e também uma descarga que é transmitida à ψ . Esta indicação de descarga ocorrida em ω funciona como índice de qualidade.

O aparato construído por Freud se baseia na suposição de que o evento da experiência de satisfação promove uma facilitação nos neurônios ψ entre a imagem do objeto de satisfação e a imagem da descarga (pela ação específica). Ao reaparecer um estado de desejo se dará um investimento das imagens mnêmicas, reativando-as a fim de repetir a satisfação. Neste caso, se produz uma percepção idêntica à percepção original, ou seja, uma alucinação. Como o objeto não está presente ocorre um desapontamento e o desprazer.

Como inicialmente o sistema ω é incapaz de fazer a distinção entre a imagem-percepção e a imagem-mnêmica ele precisa de signos de realidade provenientes do sistema ω . Neste funcionamento está presente o princípio de realidade que permite que seja inibido o princípio de prazer que conduz a alucinação. Freud chama a atenção para diferentes possibilidades que se apresentam a partir do investimento de desejo no processo de distinção entre a imagem-percepção e a imagem-mnêmica:

1. Elas podem coincidir inteiramente. Neste caso, a coincidência da imagem-percepção e da imagem-mnêmica conduz à descarga eficaz. Um caso que Freud praticamente desconsidera já que esta igualdade entre as imagens não é factível na experiência do sujeito.
2. Coincidem parcialmente. No caso há uma semelhança, mas não a identidade. Os investimentos perceptivos não se dão em neurônios isolados, mas em complexos de neurônios.
3. Em nada coincidem. Neste caso, surge a atividade do pensamento, processo pelo qual a quantidade segue as conexões de neurônios, fazendo novos investimentos até que encontre o acesso a identidade e conseqüentemente à descarga.

É no terceiro caso que podemos evidenciar o processo de pensamento. Os signos de qualidade fornecidos pela linguagem permitem ao ego enviar uma quantidade até os neurônios que são indispensáveis ao processo de pensamento. Além dos signos de qualidade provenientes de ω , existem também os signos de descarga lingüística decorrentes das associações verbais que também funcionam como indicadores do pensamento. Freud declara que as associações verbais ‘tornam possível o

conhecimento’, pois a linguagem possibilita o conhecimento e permite inscrever o pensamento.

As associações verbais são constituídas por um sistema circunscrito e exclusivo de neurônios perceptivos (imagem acústica) e motor (imagem verbal).

“... as associações da fala que consistem na vinculação de neurônios ψ com neurônios utilizados nas representações sonoras que, por sua vez, se encontram intimamente associadas com as imagens verbais motoras. Essas associações têm sobre as demais a vantagem de possuir outras duas características: são limitadas e exclusivas. Em todo o caso, a excitação passa da imagem-sonora para a imagem verbal e desta para a descarga. Por conseguinte, quando as imagens mnêmicas são de tal natureza que uma corrente parcial pode partir delas para as imagens sonoras e para as imagens verbais, a catexia das imagens mnêmicas é acompanhada por informações de descarga, o que constitui uma indicação de qualidade e também, conseqüentemente, indicação de que a lembrança é consciente” (Freud, 1895:379).

Portanto, no sistema ψ formam associações entre os neurônios que servem à representação de objetos e aqueles que servem à representação de palavra. Essas associações se estabelecem, em primeiro lugar, entre os neurônios ψ e os neurônios correspondentes a imagem acústica da palavra, associada por sua vez a imagem motora da palavra. Neste enquadre podemos observar que as associações verbais indicam a posição da linguagem no limiar entre o fator energético e o fator psíquico.

Kristeva (2000) reconhece, no texto freudiano, um esforço para atribuir à linguagem um papel intermediário, na medida em que, se busca conciliar a dualidade - energia e representação - sem esvaziar nenhum dos campos. Com este propósito, as ‘associações verbais’ são introduzidas como uma possibilidade de junção entre o quantitativo (energético) e o psíquico (representação). Através das associações o pensamento pode investir em certos restos mnêmicos e viabilizar o conhecimento. Neste caso, a linguagem poderia ser considerada como eixo entre o pensamento e a energia.

Forrester (1980) sintetiza a função das associações verbais em três aspectos: primeiro a palavra torna possível uma outra realidade, sobre o mesmo plano que a realidade reconhecida da percepção: a realidade do pensamento ou a realidade psíquica. Esta perspectiva leva a hipótese da equivalência entre pensamento e percepção. O segundo ponto levantado é que a palavra torna possível a lembrança consciente. Neste caso, o sistema de lembranças tem acesso a um sistema no qual o investimento e a descarga são de caráter perceptivo, sem estar relacionado com o externo. E, por fim, a palavra permite evitar o prazer e a dor de maneira que todas as partes do aparelho psíquico são acessíveis a todo instante aos processos de pensamento.

O aspecto 'motor' da linguagem

Na parte III do 'Projeto', Freud retoma a questão da linguagem valorizando o aspecto motor através de sua articulação com a percepção e a consciência. Como vimos a descarga produzida em ω fornece um signo de qualidade ao sistema ψ . O problema, no entanto, está no fato de que os processos psíquicos são, em princípio, incapazes de percepção e de promover índices de qualidade. Em função destas características, eles são associados a imagens sonoras e motoras da fala. As imagens de palavra, por formarem um sistema fechado e permitirem a indicação de qualidade através de uma descarga motora, possibilitam a consciência do pensamento.

Algumas considerações sobre o aspecto motor, indicado por Freud, merecem nossa atenção. A descarga não está relacionada simplesmente ao fator quantitativo do aparelho psíquico. Monique David-Ménard (2000b) sinaliza que a motricidade no 'Projeto' faz parte do funcionamento do aparelho psíquico. A descarga é sempre considerada como descarga motora, mesmo quando não diz respeito a movimentos corporais, e sim a representações. Esta perspectiva está presente, por exemplo, na consideração das imagens motoras que, como elementos da representação, fazem parte da seqüência da experiência de satisfação e, por sua vez, implicam sempre em um movimento. As imagens motoras são os traços, como o próprio Freud descreve "a informação sobre a descarga reflexa surge porque cada movimento através de seus resultados subsidiários torna-se uma oportunidade de novas excitações sensoriais

(provenientes da pele e dos músculos) que produzirem em ψ uma imagem motora cinestésica” (Freud, 1895:336).

A inervação da fala é uma via de descarga para ψ . Ela atua como válvula de segurança, servindo para regular as oscilações de quantidades. O aparelho psíquico também adquire a função secundária de comunicação ao atrair a atenção da pessoa que auxilia para o estado de anseio da criança. Esta via de descarga passa a servir ao propósito da comunicação, fazendo parte da ação específica (Freud, 1895). Ao valorizar a imagem motora da fala está se valorizando também a importância dada ao outro na constituição do aparelho da fala. Portanto, a ação específica, exposta por Freud, comporta duas versões: uma modificação ao redor do sujeito e a suspensão momentânea da excitação interna.

“O organismo é a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quanto a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (Freud, 1895:336).

Como o organismo humano não é capaz de realizar sozinho uma ‘ação específica’, ele depende de *uma pessoa experiente* para realizá-la. Na medida em que a alteração interna ganha a atenção, através do auxílio de uma *ajuda alheia*, torna-se possível o objetivo de uma alteração no mundo externo. Acentuando esta *importantíssima* função da *comunicação*, Freud insere um outro registro. O choro da criança ganha o valor de demanda e passa a fazer parte de uma troca simbólica. A ajuda externa não significa somente a satisfação de uma necessidade de alimento, mas, sobretudo a introdução do sujeito na ordem simbólica.²⁴ O grito da criança, como uma primeira forma de comunicação, nasce de uma necessidade de descarga. Freud sublinha

²⁴ Lacan, em ‘Função e campo a fala e da linguagem em psicanálise’, valorizou esta passagem freudiana para indicar a inscrição simbólica do sujeito a partir da linguagem.

dois aspectos da expressão verbal: objetos (percepções) que fazem gritar e provocam sofrimento e uma associação do som com uma percepção. Freud declara que daí “pouco resta a fazer para descobrir a linguagem” (1895:381).

Depreende-se deste modelo como a linguagem promove a junção necessária entre investimentos e percepções para que o aparelho funcione.

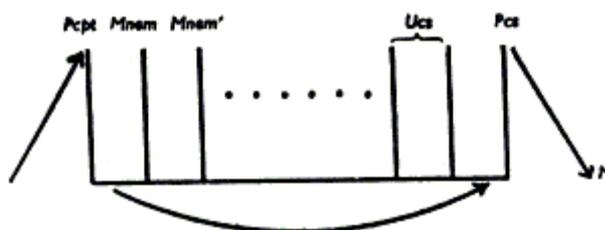
2.3 A língua estrangeira da 'máquina de sonhar'

No modelo de aparelho psíquico, elaborado na *Interpretação de Sonhos*, a linguagem se constitui numa zona intermediária entre o inconsciente e o consciente. Esta posição é decisiva na construção do método de tratamento psicanalítico. A linguagem é o meio que torna possível a tradução dos conteúdos traumáticos. Trata-se de uma perspectiva que se insere no projeto inicial de Freud, de tornar consciente o inconsciente. Avancemos nosso percurso através da 'máquina de sonhar' freudiana para examinar a questão da linguagem.

A proposta de reproduzir o aparelho psíquico como um instrumento composto de sistemas dispostos numa ordem espacial demonstra o vínculo de Freud a uma estrutura de representação linear. Composto de sistemas, o aparelho apresenta um sentido e uma direção. Esta ordem fixa é justificada pelo fato de que os processos psíquicos, em geral, avançam da extremidade perceptual para a extremidade motora. E, desta maneira, é esperado que toda excitação passe através dos sistemas numa seqüência temporal-espacial. A idéia central é que a atividade psíquica se inicia a partir de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. A partir destas premissas o modelo de aparelho psíquico é desenhado com duas extremidades: uma responsável por receber percepções e outra com acesso à atividade motora. A posição de extremidades opostas para a atividade sensória e motora indica a direção do processo psíquico (Freud, 1900).

A disposição espacial do aparelho psíquico permite uma melhor funcionalidade para demarcar a diferença entre as funções de percepção e de memória. Como os traços de memória consistem em modificações permanentes dos elementos dos sistemas, eles não podem também servir à recepção de novas percepções. As percepções se encontram ligadas na nossa memória, entretanto, elas não retêm nenhum traço associativo. Já a memória se constrói com base nas associações e, por isso, torna-se indispensável a avaliação da presença de uma série de traços de memória no aparelho. "Uma consideração mais detida nos indicará a necessidade de supor a existência não de um, mas de diversos de tais elementos Mnem., em que uma mesma e única excitação, transmitida pelos elementos Pcpt., deixa uma variedade de registros permanentes e

diferentes” (Freud, 1900:575). A configuração do aparelho psíquico é representada pelo seguinte esquema.



O esquema linear de Freud permite demonstrar o sentido progressivo e regressivo dos processos psíquicos. No entanto, o posicionamento do sistema de percepção e da consciência em extremos opostos apresenta alguns impasses. Os traços mnêmicos, embora possam tornar-se conscientes, são em si inconscientes. Portanto, não possuem qualidade alguma, posto que esta é uma propriedade do sistema percepção-consciência e não do sistema ψ . Retomando o problema apresentado no ‘Projeto’, Freud reafirma a impossibilidade de o sistema ψ funcionar como memória juntamente com a atividade de consciência. O sistema ψ é essencialmente mnêmico e não comporta qualidade. O próprio Freud reconhece o problema numa nota de rodapé: “Se nos esforçarmos em ir adiante com este quadro esquemático, no qual os sistemas se dispõem em sucessão linear, teríamos de considerar o fato de que o sistema seguinte ao Pcs. é aquele a que se deve atribuir a consciência ou, noutras palavras, que $Pcpt = Cs$ ” (Freud, 1900:577).

O modelo de aparelho psíquico proposto no estudo dos sonhos apresenta uma configuração nitidamente diferente se comparado ao modelo apresentado no ‘Projeto’. Em 1895, os fenômenos da consciência são assimilados aos fenômenos elementares da percepção. A percepção e a consciência pertencem ao mesmo sistema - o sistema ω . Para que seja possível distinguir as alucinações das percepções vindas de ω é proposto um sistema regulador - o sistema ψ . Enquanto, no modelo do ‘Projeto’, a função de percepção e de consciência é pensado como unidade - o sistema percepção-

consciência -, na ‘Interpretação de sonhos’ eles estão apresentados separadamente nos dois extremos do aparelho: o sistema perceptivo no extremo sensorial e o sistema consciência no extremo motor.

Em 1900, o aparelho psíquico é projetado como sistemas que se dispõem numa seqüência de forma a serem percorridos pela excitação segundo uma determinada ordem. É fundamentalmente destacada, nesta formulação, a disposição temporal do aparelho. A seqüência dos sistemas que compõem o aparelho confere uma direção ao processo psíquico. No caso dos sonhos, o processo psíquico segue o sentido da regressão. A excitação percorre o sentido contrário ao progressivo o que resulta em um processo psíquico despojado de nexos lógicos e das formas mais elaboradas de expressão, reduzindo-se assim a imagens perceptivas – sensoriais. Freud chega a afirmar que no mecanismo da regressão a idéia é novamente transformada na imagem sensorial de que originalmente se derivou. No estado de vigília, contudo, estes movimentos regressivos nunca se estendem além das imagens mnemônicas e, por isto, não conseguem produzir uma revivificação alucinatória das imagens perceptuais (Freud,1900).

No funcionamento do aparelho psíquico, o processo de pensamento se origina de impressões de sentidos, ou, mais propriamente, de imagens mnêmicas dessas impressões e somente quando as palavras são vinculadas a essas impressões surgem os pensamentos (Freud, 1915-6). Freud postula que os traços de memória das impressões e as impressões que causaram o maior efeito em nós — as de nossa primeira infância — são precisamente aquelas que dificilmente se tornam conscientes. “Mas se as lembranças se tornam mais uma vez conscientes, elas não exibem qualidade sensorial ou, então, apenas uma qualidade muito leve, em confronto com as percepções” (Freud, 1900:576). Podemos constatar que tanto no estudo sobre os sonhos, como no ‘Projeto’, Freud sugere que o pensamento consciente se torna possível através de um sistema de impressões associados aos traços mnêmicos de palavras. Podemos inferir, com este raciocínio, que os processos de pensamento não são a causa da linguagem, mas o seu resultado (Forrester, 1980).

Intensidade sensorial dos sonhos

A questão da intensidade sensorial das imagens nos sonhos é um ponto central para a compreensão do funcionamento do aparato psíquico. A produção onírica transforma palavras em imagens sensoriais e o sonho é concebido como uma escrita psíquica de imagens.

Freud analisa como os pensamentos oníricos podem determinar a intensidade e também a nitidez de determinadas partes do conteúdo do sonho. A justificativa para este fenômeno não se encontra no fator de realidade. Não são as sensações experimentadas durante o sono que influenciam na determinação da intensidade das imagens. Este fenômeno também não pode ser explicado em função da proporcionalidade entre a intensidade do sonho e a intensidade psíquica dos elementos oníricos correspondentes. Não há uma completa 'transposição de todos os valores psíquicos' na elaboração onírica. Fato este que pode ser verificado, por exemplo, na diferença entre o conteúdo dos pensamentos oníricos e o sonho manifesto. Freud explica a intensidade dos elementos em um sonho em função de dois fatores independentes. Em primeiro lugar, os elementos através dos quais a realização do desejo se expressa são representados com especial intensidade. Outro fator se refere aos elementos mais intensos do sonho, que constituem o ponto de partida de inúmeras cadeias de pensamento. A maior intensidade é assinalada pelos elementos de um sonho sobre cuja formação se despendeu a maior quantidade de condensação (Freud, 1900).

Dentre as realizações da elaboração onírica fazem parte a condensação, o deslocamento e a transformação de pensamentos em imagens visuais. Examinaremos, mais detidamente, a questão da predominância da imagem e suas implicações na problemática da representação. A elaboração do sonho faz uso de um deslocamento de intensidades psíquicas até o ponto de uma transformação do conteúdo representacional e os pensamentos são reproduzidos exclusiva ou predominantemente no material dos traços de memória visuais e acústicos. O trabalho de construção onírica, portanto, leva em conta estas considerações de representabilidade que podem promover novos deslocamentos e produzir maiores intensidades (Freud, 1900).

Freud aproxima alguns aspectos da elaboração onírica a sistemas antigos de expressão falada e escrita. Nos dois casos, a questão é como transformar os pensamentos expressos em palavras em imagens sensoriais - sendo em sua maioria imagens visuais. Ainda que se admita que as imagens visuais não sejam a única forma de transformação dos pensamentos, elas são a forma predominante na formação dos sonhos. Freud encontra uma feliz analogia para exemplificar esta transformação de palavras em imagens: a tarefa de elaboração onírica se compara a um editorial político de um jornal obrigado a publicar sua notícia somente por meio de uma série de ilustrações. Desta forma, a escrita alfabética retrocede à escrita pictográfica (Freud, 1915-6: 209). O conteúdo onírico é expresso como um roteiro pictográfico e o valor pictórico deve ser lido através da sua relação simbólica. Assim, Freud aproxima o sonho de um enigma de figuras, um rébus. Para lê-lo deve-se colocar toda crítica de lado e procurar:

“...substituir cada elemento separado por uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de uma maneira ou de outra. As palavras que juntamos dessa forma não deixam mais de fazer sentido, mas podem formar uma frase poética da maior beleza e significado. Um sonho é um enigma de figuras e não uma composição pictórica” (Freud, 1900:296).

Decifrar o significado desta ‘poesia’ é o que consiste o enigma para Freud.

A imagem possui um valor especial na obra freudiana. Garcia-Roza (1991b) destaca que o interesse de Freud pela problemática da imagem não significa, contudo, uma adesão à psicologia da imagem. A psicanálise opera uma subversão do conceito de imagem distinguindo-o, desta forma, da concepção da psicologia e da filosofia dos séculos XVIII e XIX. Na monografia sobre as afasias, por exemplo, Freud define a representação como um complexo de imagens, sendo que a imagem desempenha um papel central como: imagem visual, acústica, motora, tátil. As imagens formam as ‘associações de objeto’ e estas se constituem como representação-objeto.²⁵ As imagens, exatamente como signos, se remetem sempre a outras imagens. A mesma formulação

²⁵ A predominância do aspecto visual no caso dos sonhos corresponde a noção de representação de objeto tal como apresentada no estudo sobre as afasias.

cabe para teoria dos sonhos, as imagens não têm valor em si, mas somente em relação a outras imagens. Quando Freud propõe que o sonho seja concebido como uma escritura psíquica significa que as imagens do sonho não são uma encenação de um texto prévio a elas, mas que elas mesmas se constituem como um texto. Desta forma, tal como uma escritura pictográfica, as imagens se articulam como uma linguagem (Garcia-Roza, 1991b). Todas as relações de pensamento e de fala estão implicadas na constituição do pensamento do sonho e na análise das considerações sobre a representabilidade do sonho. Portanto, podemos deduzir que a representação de objeto, assim como a representação de palavra, não opera independentemente da linguagem.

A atualidade da representação

Nos deteremos, a seguir, na questão da figurabilidade: sua definição, tradução e conseqüências teóricas. O mecanismo da figurabilidade (*darstellbarkeit*), um dos trabalhos da elaboração onírica, foi amplamente discutido por Freud na seção sobre ‘os meios de representação nos sonhos’. O termo *darstellen* pode ser traduzido tanto como representar ou como figurar. Em geral, a tradução da obra freudiana para a língua portuguesa opta por traduzir o termo em alemão *darstellung* com o mesmo sentido de *vorstellung* (representação). Se examinarmos o termo nos dicionários de psicanálise encontraremos certa concordância nas definições.

No *Dicionário comentado do alemão*, Luiz Hans pondera que o termo *darstellen* é utilizado por Freud para designar a capacidade de ser figurada, de ser colocada em forma de imagem sensória (acústica, tátil, olfativa, degustativa e visual). A comparação de Freud entre o sonho e uma edição de revista com muitas fotos e pouco texto, demonstra como as imagens não são representações-representantes, mas uma configuração, uma imagem presentificada. Outra idéia enfatizada por Hans na palavra ‘*darstellen*’ é sua conotação de ‘tornar algo expressável’, ilustrada, por exemplo, quando Freud recorre ao trabalho do sonho de refundir o pensamento em nova linguagem para torná-lo representável, indicando, assim, a necessidade de os pensamentos encontrarem uma forma de representação para poderem circular no processo onírico. Para Hans, traduzir *darstellung* por ‘representação’ significa uma

perda na conotação de compartilhamento de tempo e espaço e de colocar em forma sensorialmente apreensível, características estas que remetem à idéia de presentificação e sua ênfase na exteriorização (Hans, 1996:376-385).

No *Dicionário enciclopédico de psicanálise* é realçado o fato de que a tradução corrente do alemão *darstellung* pelo termo figuração não preserva todo o relevo do original, principalmente em sua oposição a *vorstellung*, na medida em que o termo exprime atualização do desejo. O termo alemão *vorstellung* implica a presença de uma imagem que forma um quadro diante do sujeito. *Darstellung*, por sua vez, pode ser compreendido como o ato de transformar o pensamento do sonho em imagem. É precisamente essa função do desejo, que se define como uma tendência à reatualização da primeira presença provedora. Compreende-se *darstellung* no sentido de uma quase-presença que tem a vocação específica de satisfazer o intuito do desejo (Kaufmann, 1996).

David-Ménard (2000a), analisando a questão da *darstellung* na obra freudiana, reforça a idéia de que os tradutores, em geral, optaram por enfatizar a referência à linguagem figurativa, deixando de lado a conotação de presentificação. Quando o termo é traduzido como ‘representação’ sugere um sentido geral de meio de expressão. Entretanto, lembra a autora, a conotação de presentificação não deve ser desconsiderada. A questão da *darstellung* pode ser exemplificada na sua especificidade de presentificação nos sintomas histéricos. No texto ‘Algumas observações gerais sobre ataques histéricos’, Freud define a crise histérica como “fantasias traduzidas para a esfera motora, projetadas sobre a motilidade e representadas por meio de mímica” (Freud, 1909:233). Destacando a idéia de ‘apresentação plástica e figurativa’, a autora sinaliza que esta expressão pode ser traduzida pela palavra alemã *darstellung*. Termo este que contempla muitas conotações: refere-se à representação teatral, mas também às artes plásticas; o termo destina à atualização de alguma coisa – por exemplo, à pulsão – e coloca em jogo tudo aquilo que é da ordem figurativa e plástica. A autora afirma: “*darstellung* não é *vorstellung*. É alguma coisa da ordem da apresentação figurativa, e não uma representação” (David-Ménard, 1994:71).

Outra importante característica a ser analisada no termo *darstellung* é que junto a sua conotação de atualização coexiste uma dimensão de movimento - ou de

motricidade, na linguagem freudiana. A atualidade da pulsão implica na motricidade e na presença. Nos sonhos, por exemplo, a *darstellung* começa pela questão de como as imagens se presentificam e figuram coisas. Em seguida, é analisada a questão da intensidade das imagens do sonho, do sentimento de realidade que o sonhador experimenta. David-Ménard (2000a) sinaliza que a estilística do sonho coincide com a conversão histórica: através de uma metáfora, um elemento do conteúdo do sonho passa para o corpo. A *darstellung* muda de registro como se, quando o conteúdo de uma imagem se torna uma alucinação no sonho, a presença do objeto aí se encontrasse na plenitude, projetada nas sensações e nas impressões motoras.

Nos sonhos, a colocação da cena onírica se relaciona a algo que se passa próximo à percepção e que implica numa experiência atual. Constantemente, na ‘Interpretação de sonhos’, é evocada a idéia de experiência. Os sonhos, afirma Freud, utilizam o tempo presente. E, o tempo presente, é aquele em que os desejos são representados como atendidos. Os sonhos têm o seu conteúdo ideacional transformado de pensamentos em imagens sensoriais, a que se dá crédito e que ‘parecem ser experimentadas’ (Freud, 1900:571). Não por acaso, quando Freud define a característica psicológica mais geral e notável do processo de sonhar, pondera: “quando um pensamento é objetivado no sonho, é representado como uma cena ou, tal como nos parece é experimentado” (Freud, 1900:570). A figurabilidade implica necessariamente na experimentação e está diretamente ligada ao sistema de percepção.

2.4 A disjunção entre palavras e coisas

A referência ao modelo lingüístico acompanhou todo o percurso de construção teórica de Freud, porém no artigo ‘O inconsciente’ o papel da linguagem é explicitado de forma mais evidente. A partir do critério da linguagem os processos inconscientes e pré-conscientes são operados.

No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud retoma, sob nova perspectiva, a hipótese da clivagem entre representações exposta anteriormente na monografia sobre as afasias. Em 1915, os processos psíquicos são expostos a partir do par de representações de coisa e de palavra, ao invés de representação de objeto e de palavra. Neste momento, Freud passa a denominar a representação de objeto como um complexo formado pela representação de coisa e de representação de palavra combinados. Sob determinado ponto de vista, a mudança de representação de objeto para representação de coisa pode denotar mais que uma simples troca de nomenclatura. É possível demarcar, por exemplo, uma passagem equivalente a uma mudança de campo teórico, do período neurológico ao período psicanalítico. A introdução das representações de coisa nos trabalhos metapsicológicos corresponde a um novo enfoque da linguagem. Segundo Assoun (1995), o termo objeto denotava um pólo objetivo, correlato da idéia e da palavra; enquanto o termo coisa acentua a coisidade do próprio processo representacional, evocando mais diretamente o inconsciente. “Freud não formula a equação brutal Inconsciente = Coisa. (...) Mas ele designa um ponto irreduzível aquém da verbalização, lugar mesmo do inconsciente - como memória ou estoque de traços mnésicos” (Assoun, 1995:85).

Laplanche e Pontalis (1986) ressaltam que a idéia de representação de coisa está presente na obra de Freud sob a expressão de traços mnésicos representados em signos perceptuais. No item ‘Avaliação do inconsciente’ do ensaio sobre “O inconsciente” encontra-se a definição mais precisa sobre a representação de coisa:

“O que livremente denominamos de representação consciente de objeto pode agora ser dividido na representação de palavra e na representação de coisa, a última consiste na catexia, se não das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos e derivados delas” (Freud, 1915c:229).

Nos textos metapsicológicos, as representações de coisa encontram uma correspondência com os traços mnêmicos. Derivados de experiência de satisfação, os traços podem ou não ser traduzidos em signos verbais, através da ligação com a representação de palavra. A expressão de representação inconsciente compreende, portanto, aquilo que do objeto se inscreve nos sistemas mnésicos.

A definição das representações segundo a ordem da palavra e a ordem da coisa passa a ser associada à estrutura do psiquismo como operadora da teoria do inconsciente. Esta diferença tem um valor tópico fundamental, pois a ligação entre representação de coisa e representação de palavra corresponde ao sistema inconsciente e ao sistema pré-consciente e consciente. Sendo que estes sistemas psíquicos correspondem a dois modos de funcionamento dos processos psíquicos e dois modos de articulação entre as representações. Enquanto no sistema inconsciente há uma grande mobilidade das intensidades de investimento característico do processo psíquico primário; o sistema pré-consciente/consciente é regulado segundo o processo secundário que se caracteriza por um investimento mais estável das representações.²⁶

Para resolver o problema da operação psíquica de transposição de idéia (representação) de um dos sistemas para o outro, Freud formula duas hipóteses: a *topográfica* - que prevê a inscrição de um novo registro - e a *funcional* - em que a transposição de um sistema para outro consiste somente numa mudança de estado da idéia. Uma terceira alternativa é proposta na qual a transposição de uma representação entre os sistemas é realizada em função dos investimentos.

²⁶ Ainda que no ‘Projeto’ Freud não tenha definido o conceito de sistema inconsciente é motivo de nota sublinhar que o processo primário e o processo secundário ocorrem no sistema Ψ (psi) - vinculado ao inconsciente. Após este trabalho, Freud deixa clara a possibilidade de processos primários no nível da consciência, como é o caso da linguagem na psicose.

“Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. As duas não são, como acreditávamos, registros diferentes do mesmo conteúdo em diferentes localidades psíquicas, nem tampouco diferentes estados funcionais de catexias na mesma localidade; mas a representação consciente abarca a representação de coisa mais a representação de palavra, ao passo que a representação inconsciente é a representação de coisa apenas” (1915c: 230).

Neste caso, a representação de coisa não é dada em si mesma à consciência. O sistema Pré-consciente surge quando a representação de coisa é hipercatexizada através da ligação com a representação de palavra. Já a representação inconsciente seria a representação de coisa desligada da representação de palavra. Este investimento elevado seria responsável por promover uma organização psíquica em que fosse possível a dominação do processo secundário. Trata-se, portanto, de uma interpretação que concede uma especial importância ao aspecto econômico do investimento no processo de acesso à consciência.

Freud se detém no papel da linguagem na delimitação entre os processos inconscientes e os processos conscientes e formula algumas premissas: O sistema Pré-consciente se caracteriza por suas representações verbais; o processo psicológico de tornar consciente se vincula a expressão verbal da representação de coisa; as representações de palavra são introduzidas numa concepção que liga a verbalização e a tomada da consciência. No entanto, o fato do sistema pré-consciente estar atrelado às representações da palavra, isto ainda não o torna consciente (Freud, 1915c). Estas premissas de Freud provocam a seguinte interrogação: qual seria a relação entre processo secundário e pensamento verbal? A questão é marcada por paradoxos no texto freudiano. A linguagem é condição para ligação do funcionamento do processo secundário, embora, a presença de representações verbais não garanta o funcionamento em processo secundário no sistema Pré-consciente. Vejamos como Freud explora esta temática.

“Os processos de pensamento, isto é, os atos de catexia que se acham relativamente distantes da percepção, são em si mesmos destituídos de qualidade e inconscientes, e só atingem sua capacidade para se tornarem conscientes através da ligação com os resíduos de percepções de palavras. Mas as representações de palavra, também, por seu lado, se originam das percepções sensoriais, da mesma forma que as representações de coisas” (1915c:230-1).

A vinculação entre qualidade e restos verbais é recorrente na obra freudiana. Em ‘Interpretações dos sonhos’, Freud já insistia na idéia de que os processos de pensamento adquirem qualidades quando associados às lembranças verbais, cujos resíduos de qualidade são suficientes para atrair para si a atenção da consciência. Em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, Freud volta a apresentar a hipótese de que o pensar ultrapassa uma simples representação ideativa. Influenciado pela relação entre impressões e objetos, o pensamento adquire outras qualidades perceptíveis à consciência quando se vincula à resíduos verbais.

A relação predominante na metapsicologia entre o processo secundário e o pensamento verbal é bastante complexa. Freud recorre à dinâmica representacional da lógica dos sonhos e da lógica do psicótico para avançar na sua formulação sobre os processos inconscientes.²⁷ O que aproxima os dois casos é que ‘as palavras podem ser tratadas como coisas’. Tanto nos processos oníricos como na psicose há uma retirada da libido dos objetos e da realidade que cria condições para a regressão ao processo primário e torna possível a manifestação da perda de relações lingüísticas mais complexas.²⁸ No caso da teoria dos sonhos se revelam as ambigüidades verbais, pois no sonho todas as operações com palavras não passam de preparação para uma regressão

²⁷ Assoun (1995) acredita a referência que Freud faz a psicose reflete a tentativa de colocar o inconsciente como imagem da coisa e, ao mesmo tempo, a coisa como um ponto de fuga da dinâmica representacional.

²⁸ No ‘Esboço de Psicanálise, Freud faz uma clara referência ao sonho como uma psicose ‘de curta duração’. “Um sonho, então, é uma psicose, com todos os absurdos, delírios e ilusões de uma psicose. Uma psicose de curta duração sem dúvida, inofensiva, até mesmo dotada de uma função útil, introduzida com o consentimento do indivíduo e concluída por um ato de vontade. Ainda assim é uma psicose e com ela aprendemos que, mesmo uma alteração da vida mental tão profunda como essa, pode ser desfeita e dar lugar à função normal. Será então uma ousadia muito grande pretender que também deve ser possível submeter as temidas doenças espontâneas da vida mental a nossa influência e promover sua cura?” (Freud, 1938a:199).

de coisas. Freud esclarece: “as representações da palavra são levadas de volta às representações da coisa que lhes correspondem, como se, em geral, o processo fosse dominado por considerações de *representabilidade*. Quando a regressão é concluída, resta grande número de catexias no sistema Ics – catexias de lembranças de *coisas*” (1915d: 259-60). A síntese de Freud é que a elaboração do sonho pouco obedece às representações de palavra; a produção onírica “está sempre pronta a trocar uma palavra por outra até encontrar a expressão mais convincente para representação plástica” (Freud, 1915d: 60).

Na esquizofrenia as palavras também estão submetidas ao processo primário e às ações de deslocamento e condensação tal como as imagens nos sonhos. A substituição não é definida pela semelhança entre as coisas denotadas, mas pela uniformidade das palavras empregadas para expressá-las (Freud, 1915c). Freud demarca uma diferença essencial entre a elaboração de sonhos e a esquizofrenia. Nesta última, o objeto modificado pelo processo primário são as próprias palavras, nas quais o pensamento pré-consciente foi expresso. Nos sonhos, o que está sujeito à modificação não são as palavras, mas a representação da coisa a qual as palavras foram levadas de volta. Enquanto nos sonhos há uma regressão topográfica que não interfere na comunicação entre os investimentos de palavra (Pcs) e os investimentos de coisa (Ics), o mesmo não ocorre na esquizofrenia uma vez que esta comunicação é interrompida (Freud, 1915d).

No regime representacional da psicose há um descompasso entre palavra e coisa fazendo com que se estabeleça uma relação literal com a palavra. Decorrente de um superinvestimento da representação verbal, a palavra é tratada como se fosse coisa. Como sinaliza Forrester (1980), diferente das neuroses, na psicose não faltam palavras, justamente o contrário. Ela dispõe de uma superabundância de palavras, de um sistema de linguagem que se encontra separado de toda ligação com os pensamentos inconscientes controlados pela atividade do ‘eu’.

Para demonstrar o significado e a gênese da formação de palavras esquizofrênicas, Freud (1915c) lança mão do exemplo clássico do Dr. Tausk: uma moça levada à clínica após uma discussão com o amante, queixou-se de que seus olhos não estavam direitos, estavam tortos. A própria paciente explica o fato a partir de uma série de queixas contra seu amante que era hipócrita e ‘entortador de olhos’. Assim ele havia

entortado seus olhos. Seus olhos haviam mudado e ela via o mundo com olhos diferentes. Freud chama a atenção para o fato de que todo encadeamento de pensamento é dominado por um elemento que possui como conteúdo uma inervação ou sensação corporal. A questão que se destaca é de como a linguagem na esquizofrenia exibe uma característica hipocondríaca e como a relação com o corpo abarca a fala constituindo uma verdadeira 'fala do órgão'.

Na psicose os objetos são abandonados e ocorre um investimento no órgão e nas palavras. Neste caso, tanto as palavras como as coisas passam a ser regulados pelo processo primário. Mas, no pensamento esquizofrênico, não apenas as palavras são tratadas como coisas, como também há o seu reverso, quando coisas concretas são tratadas como se fossem abstratas. Freud aproxima o pensamento esquizofrênico do pensamento abstrato - característico no pensamento filosófico. Pois na abstração é possível negligenciar as relações das palavras com as representações de coisas inconscientes. Neste caso, a palavra vem no lugar da coisa. Segundo Forrester (1980), para evitar que as representações se tornem patológicas, como é o caso na esquizofrenia ou no caso da filosofia, as representações de palavra devem preservar uma relação com o inconsciente, com as representações de coisa inconscientes.

Enquanto nas psicoses a relação entre as representações de palavra e coisa se encontra interrompido, nas neuroses este caminho continua percorrível, como é o caso no processo de recalque neurótico. A diferença consiste em definir qual dos aspectos do pensamento se encontra oculto, se a representação coisa ou a representação palavra. Freud (1915c) é muito claro na sua afirmação de que uma representação que não seja posta em palavras, ou um ato psíquico que não seja hipercatexizado, permanece no inconsciente em estado de recalque. Portanto, o mecanismo de recalque não se restringe a evitar que uma representação inconsciente se torne consciente, mas impedir que a representação de coisa seja traduzida em palavras. Nesta perspectiva, o recalque é o desligamento entre as representações de palavra e as representações de coisa correspondentes. A clínica neurótica demonstra com exatidão esse corte entre a palavra e a coisa.

Diante deste panorama, seria dedutível que, neste modelo apresentado por Freud, o destino da representação de coisa seria a sua verbalização e o seu tornar-se consciente.

2.5 A pulsão e seus representantes psíquicos

Freud, ao longo da sua obra, desenvolve uma teoria da representação. Porém ao trabalhar o conceito da pulsão, esta problemática ganha relevo. Pulsão e representação constituem-se simultaneamente sem que seja possível imaginarmos cada uma delas isoladamente.

Quando o aparelho psíquico passa a ser analisado sob a perspectiva da pulsão torna-se necessário repensar a relação entre representações de palavra e de coisa. A pulsão se torna a condição das representações. Os representantes que estão em jogo não são da palavra ou da coisa, mas da pulsão, sendo que a própria pulsão nunca é representada. Segundo Freud (1915c), uma pulsão jamais pode ser objeto do consciente ou do inconsciente. E mesmo no inconsciente ela não pode ser representada de outra forma a não ser por uma representação.

Procurando esclarecer o fato de que a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica à pulsão, Freud afirma:

“uma pulsão nunca pode se tornar objeto da consciência – somente a idéia [*vorstellung*] que a representa pode. Além disso, mesmo no inconsciente, uma pulsão não pode ser representada de outra forma a não ser por uma idéia. *Se a pulsão não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo nada poderemos conhecer sobre ela. (...)* Podemos apenas referir-nos a um impulso pulsional cuja representação ideacional [*vorstellungsrepräsentanz*] é inconsciente, pois nada mais entra em consideração” (1915c:203, grifos nossos).

Esta breve passagem condensa muitas questões com relação à representação pulsional. A primeira delas é a noção de ‘afetos inconscientes’. Nesta ocasião, Freud não reconhece a possibilidade de afetos inconscientes, já que ‘é da essência de um sentimento ser percebido, ser conhecido pela consciência’.²⁹ A premissa freudiana é que a representação inconsciente, uma vez recalçada, permanece no sistema inconsciente,

²⁹ Em 1923, Freud considera a possibilidade de um afeto bloqueado permanecer no inconsciente correspondendo a uma energia pulsional. Com reserva, utiliza a expressão ‘sensação inconsciente’.

enquanto o afeto apenas corresponde a um fragmento que não conseguiu desenvolver-se. Portanto, a expressão 'afeto inconsciente' se refere somente à relação estabelecida entre as representações. São três as vicissitudes para o afeto: sua permanência; sua transformação numa quota afetiva qualitativamente diferente; e, finalmente sua supressão ou impedimento de se desenvolver. Por um lado, Freud declara que o afeto nunca foi inconsciente. E, o uso de expressões como 'afeto inconsciente' ou 'emoção inconsciente' corresponde às vicissitudes sofridas em consequência do recalque pelo fator quantitativo do impulso pulsional. Somente a idéia a ele vinculada é que sofre o efeito do recalque. Por outro lado, numa evidente ambigüidade, Freud considera o uso da expressão 'afeto inconsciente', no caso do recalque alcançar seu objetivo, a saber, alcançar a supressão do afeto (Freud, 1915c:203-4).

Green (1973) assinala a posição paradoxal de Freud ao anunciar a existência tanto de pensamentos inconscientes como também de afetos inconscientes. Uma forma de responder a este problema seria recorrer à afirmativa freudiana de que a oposição consciente e inconsciente não se aplica à pulsão, pois esta se define por sua posição fronteira entre psíquico e somático. No entanto, neste momento da construção teórica da psicanálise, há uma decalagem entre a formulação do inconsciente como 'lugar' das inscrições das representações da pulsão e, por outro lado, a proposição de que o afeto é um modo privilegiado da pulsão se representar, tal como é apresentado no ensaio metapsicológico sobre o recalque.

A segunda questão levantada por Freud, na referida citação acima, é o fato de que o representante-representação é uma representação ou um conjunto de representações investido pulsionalmente. A pulsão não pode se tornar diretamente objeto da consciência, somente através dos seus mediadores. A afirmação freudiana que uma pulsão só se faz presente no psiquismo através dos seus representantes ressalta a distinção entre dois elementos: uma representação de caráter ideativo e uma forma de presentificação da pulsão de caráter puramente intensivo. Portanto, o impulso pulsional na sua expressão psíquica é desdobrado em idéia e afeto. É através do mecanismo de recalque que Freud explicita claramente a oposição entre os dois representantes psíquicos da pulsão: o representante ideativo e o afeto. Esta oposição se constitui numa

distinção cara à psicanálise, já que é a partir dela que Freud sustenta a ‘pedra angular’ para a compreensão das neuroses.

Antes de avançarmos na leitura do ensaio metapsicológico sobre o recalque, retomaremos, brevemente, como a oposição idéia-afeto é apresentada no estudo dos sonhos.

A problemática do afeto nos sonhos

Na investigação sobre os sonhos, Freud demarca posições diferenciadas da participação da representação e do afeto na elaboração onírica. O fundo afetivo do sonho e seu conteúdo representativo são considerados como uma experiência psicológica. Mas, há uma ‘estranha’ discordância entre a representação e o estado afetivo que lhe corresponde. A forma da expressão do afeto nos sonhos e na vida em vigília não pode ser tratada da mesma maneira. O pensamento produzido do sonho, em geral, é mais pobre em afetos, uma vez que a elaboração onírica pode reduzir a um nível de indiferença não apenas o conteúdo, mas, também o tom emocional dos pensamentos.

O descompasso entre os dois elementos no sonho se explica pelo fato de que a representação ideativa não acompanha as conseqüências afetivas. Enquanto o material ideacional passa por deslocamentos e substituições, os afetos permanecem inalterados. Conseqüentemente, não seria motivo de surpresa caso a idéia aparecesse incompatível com o afeto. Freud constata que nos sonhos o afeto é imutável: “Se eu temer ladrões em um sonho, os ladrões, é verdade, são imaginários – mas o temor é real” (Freud, 1900: 492). Se, geralmente, costuma-se reter do sonho seu afeto e deixar de lado seu conteúdo representativo que o corresponde, a proposta da interpretação dos sonhos de Freud é compreender o texto onírico através do fluxo das representações.

Freud não deixa de ressaltar o papel preponderante do afeto na busca de decifração dos sonhos. No entanto, longe de oferecer um esclarecimento definitivo no trabalho dos sonhos, a problemática do afeto apresenta inúmeras ambigüidades. Green (1973) sinaliza a contradição de Freud ao definir a permanência inalterada da qualidade do afeto e ao mesmo tempo indicar outras possíveis transformações do afeto no sonho,

tais como seu desaparecimento, transferência, empobrecimento, transformação em seu contrário, supressão e deslocamento. Portanto, a assertiva quanto à imutabilidade do afeto não contempla a totalidade das suas possíveis transformações. Apesar da presença de mecanismos similares - tanto para os conteúdos representativos, como para o afeto - permanece uma diferença essencial: os afetos não se separam em um conjunto de elementos como se realiza nos conteúdos representativos. Estes últimos podem constituir novas totalidades, inteiramente deformadas em relação a um encadeamento dos pensamentos do sonho. Por este motivo, quando na interpretação do sonho se pretende reconstituir o puzzle associativo, o afeto seria o guia mais seguro (Green, 1973).

Neste sentido, o afeto funciona como uma espécie de 'bússola'. Como é o fator menos influenciado pela ação da censura, pode fornecer indicadores para preencher os pensamentos que o correspondem. Qualquer afeto ligado aos pensamentos oníricos sofre menor modificação que o seu conteúdo ideacional, pelo menos no que diz respeito a sua qualidade. A mudança do afeto ocorre, sobretudo, no seu fator intensivo e pode, por exemplo, ser aumentado devido a deslocamentos de atenção neurótica. Freud exemplifica este fato se referindo ao momento em que os neuróticos travam uma luta inglória ao considerarem o conteúdo ideacional ponto de partida de sua atividade de pensamento. O trilha do trabalho de uma análise, pondera Freud, é justamente reconhecer o afeto, como sendo justificado, e, a partir dele, procurar a idéia que lhe pertence, mas que, por ventura, foi recalçada (Freud, 1900: 493).

Freud explica o papel do afeto nos sonhos da seguinte forma: “uma premissa necessária a tudo isso é que a liberação do afeto e do conteúdo ideacional não constitui a unidade orgânica indissolúvel como as que estamos habituados a considerar, mas que essas duas unidades separadas podem ser meramente soldadas e podem ser assim destacadas uma da outra pela análise” (Freud 1900:493-4). Por este motivo, cabe a hipótese de que a elaboração onírica tem liberdade de desligar um afeto de suas conexões (nos pensamentos oníricos) e introduzi-los em qualquer ponto que escolher (no sonho manifesto). Esta hipótese se coaduna com a formulação da operação do recalque em que o afeto pode se deslocar para representações substitutas.

O destino da idéia e do afeto na operação do recalque

No ensaio sobre o recalque, além de realçar a distinção entre os dois componentes da pulsão, Freud reflete sobre a posição do representante da representação em relação ao afeto. O recalçamento incide somente nas representações – pensamentos e imagens - ligadas a uma pulsão. Uma famosa passagem do texto descreve a implicação entre os dois elementos da pulsão.

“Até esse momento, em nosso exame, tratamos do recalque de um representante pulsional, entendendo por este último uma idéia, ou grupo de idéias, catexizadas com uma quota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de uma pulsão. *Agora, a observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente consideramos como sendo uma entidade única*, de uma vez que essa observação nos indica que, *além da idéia, outro elemento representativo da pulsão tem de ser levado em consideração*, e que esse outro elemento passa por vicissitudes do recalque que podem ser bem diferentes das experimentadas pela idéia. *Geralmente, a expressão quantum de afeto tem sido adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico*. Corresponde a pulsão na medida em que este se *afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos*. A partir desse ponto, ao descrevermos um caso do recalque, teremos de acompanhar separadamente aquilo que acontece à idéia como resultado do recalque e aquilo que acontece à energia pulsional vinculada a ela” (Freud, 1915b:175-6, *grifos nossos*).

O recalçamento da representação não sintetiza a totalidade da operação do recalque. As variações de quantidade do investimento energético têm um papel preponderante tanto sobre os conteúdos recalcados, como na manutenção do recalque. O que é impedido de se tornar consciente não é exatamente o representante psíquico (representante-representação) da pulsão, mas a representação psíquica dotada de determinada quantidade de energia psíquica. Na referência à existência de dois representantes pulsionais há uma especial valorização do papel do afeto na operação do

recalque. É a partir do fator quantitativo que se definem a vicissitude da representação. Freud (1915b) considera que o fator quantitativo será decisivo, pois a ativação do recalque depende de que a idéia ultrapasse certo grau de intensidade. Mas o sucesso na realização da operação do recalque também está relacionado ao destino da quota de afeto.

“O motivo e o propósito do recalque nada mais eram do que a fuga do desprazer. Depreende-se disso que *a vicissitude da quota de afeto pertencente ao representante é muito mais importante do que a vicissitude da idéia*, sendo esse fato decisivo para nossa avaliação do processo de recalque. Se um recalque não conseguir impedir que surjam sentimentos de desprazer ou de ansiedade, podemos dizer que falhou, ainda que possa ter alcançado seu propósito tocante à parcela ideacional” (Freud, 1915b:177, *grifos nossos*).

Com a expressão quantum de afeto - um fator quantitativo postulado como substrato do afeto vivido subjetivamente – Freud indica sua hipótese econômica. A importância da economia do aparelho psíquico nos mecanismos de defesa nas neuroses já havia sido alvo de investigação psicanalítica. Em 1894, no artigo sobre as “Neuropsicoses de defesa”, Freud parte da suposição que o quantum de afeto (ou soma de excitação) se distingue das funções mentais. Embora não se possa medi-la, apresenta todas as características de quantidade (crescimento, diminuição, deslocamento e descarga). É comparável à carga elétrica que se expande na superfície do corpo, da mesma forma como se espalha sobre os traços de memória das idéias.³⁰

Mas como se relaciona esta abordagem econômica do afeto em relação à representação? Uma distinção que foi valorizada no próprio texto freudiano é a diferença entre investimento e intensidade. No artigo sobre o inconsciente, procurando considerar o uso lingüístico de afetos inconscientes, Freud afirma que: a diferença decorre do fato de que “idéias são *investimentos* — basicamente de traços de memória, enquanto os afetos e as emoções correspondem a processos de *descarga*, cujas

³⁰ Garcia-Roza compreende que o termo ‘soma de excitação’ se aproxima mais da origem da quantidade, enquanto que o ‘quantum de afeto’ está mais próximo do fator intensivo capaz de se destacar da representação e encontrar destinos independentes desta última. Contudo, “ambas as noções são intensivas e não propriamente quantitativas” (Garcia-Roza, 1991a:84).

manifestações finais são percebidas como sentimentos” (1915c:205). Sob o ponto de vista econômico, a representação é assimilada à ordem do investimento de traços de memória, enquanto o afeto à ordem da intensidade e da descarga. Garcia-Roza (1995) compreende que o investimento corresponde à dimensão intensiva dos representantes-representação, sendo, portanto parte do afeto que originariamente estava ligado à representação. Neste sentido, o investimento não é um determinado quantum de afeto que ocupa uma representação, mas aquilo que liga os traços dispersos, formando a trama dos representantes-representação.

O fato é que o esclarecimento que Freud procura oferecer ao demonstrar a noção de representante psíquico pulsional através da operação do recalque é repleto de ambigüidade. Associar representante a investimentos e afeto a descarga longe de equacionar o problema, o torna ainda mais obscuro. E, esta problemática alimenta um debate metapsicológico de longo alcance no campo da psicanálise.

As conseqüências do caráter fronteiro da pulsão

A partir dos ensaios metapsicológicos, se destaca a vinculação da representação à noção de representante pulsional. A concepção de representante se faz necessária pela própria condição da pulsão - um conceito limite entre o psíquico e o somático. Nesta complexa questão sobre a representação e sua articulação com o circuito pulsional é possível demarcar uma diferença entre uma leitura que concebe a própria pulsão como representante e outra que considera a pulsão como representada psiquicamente pelos seus representantes (Garcia-Roza,1995). Esta condição permite certa ambigüidade no uso do termo, ora a pulsão é assimilada ao representante psíquico de forças somáticas, e, ora ela é igualada ao processo de excitação somática que é representada no psiquismo pelos representantes da pulsão.

No livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, quando o conceito de pulsão é assimilado à pulsão sexual, Freud está preocupado em determinar a natureza da mesma. A pulsão é definida como um representante psíquico de uma força contínua de excitação proveniente do interior do organismo. No mesmo texto, em um acréscimo

datado de 1915, a pulsão é definida como: “um representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um ‘estímulo’ que é estabelecido por excitações *simples* vindas de *fora*” (Freud, 1905a: 171). Freud faz uma equivalência entre pulsão e seu representante psíquico, deixando dúvidas se a pulsão pertence essencialmente ao plano psíquico. A função de representante da pulsão é decorrente de um acúmulo da energia somática transformada em energia psíquica. A teoria das neuroses, elaborada na mesma época, coloca em causa a transformação de energia ou comunicação entre dois níveis – a energia indiferenciada pode ser representada sob a forma psíquica. Neste momento, há uma ênfase na leitura qualitativa da pulsão e o aspecto quantitativo, sua força, é pensada no campo das representações psíquicas.

Encontraremos nos trabalhos de 1905 (Três ensaios) e 1915 (Artigos metapsicológicos) muitas referências que parecem reservar o termo de pulsões para as manifestações psíquicas, no entanto é possível observar que nesta passagem a problemática das pulsões é ligeiramente alterada. A pulsão passa a designar não somente a força pulsional e potência que se traduziria no psiquismo, mas também a forma de manifestação psíquica desta força (Tort, 1966). O problema até então era: como a excitação endógena (somática) ou pulsão era traduzida no psiquismo (como excitação psíquica). Neste encaminhamento, não haveria necessidade de pensar na tradução psíquica da pulsão, uma vez que ela mesma se torna o representante psíquico. A princípio não haveria contradição nesta afirmação, já que para determinar a natureza da pulsão Freud encontra duas abordagens possíveis: biológica do lado da força de excitação e psicológica para as formas de manifestações propriamente psíquicas.

Em 1915, no artigo sobre as pulsões, Freud evidencia a originalidade do conceito fundamental da psicanálise: sua qualidade de conceito fronteiro. A natureza essencial das pulsões é a força constante que tem origem no interior do organismo, definida como ‘um estímulo aplicado à mente que tem origem no próprio organismo’. O fator motor da pressão contínua dos estímulos endereça ao psíquico uma exigência de trabalho – de dominar os estímulos. A pulsão, então, faz a mediação entre o somático - fonte de estimulação - e o psíquico - sede de representações. É somente através dos seus representantes que ela se faz presente no psiquismo. A pulsão é definida

primordialmente como representante psíquico da excitação (Freud 1915a). Tort (1966) acredita que nesta dualidade permanece o mistério da transformação de energia ou elaboração psíquica. Pois, referir-se ao termo ‘representante psíquico’ é o mesmo que dar outro nome ao mesmo problema. Apesar da complexa e problemática montagem freudiana das pulsões há, contudo, de se ressaltar a originalidade em situar o conceito numa posição intervalar, num ‘entre’ força-representação.

Outra complexidade na formulação da noção de pulsão é a composição de seus representantes psíquicos. A pulsão apresenta um duplo registro, o representante pulsional psíquico se desdobra em representação e afeto. Portanto, a pulsão se faz representar no psiquismo por dois representantes, a representação ideativa e o afeto. Pela própria condição da representação ser um dos modos de ‘representância’ pulsional, forjou-se o termo ‘representante-representação’ (Assoun, 1995:84).

Há uma evidente tendência a realizar uma leitura ‘dividindo’ o representante pulsional em dois: o termo representação para o conteúdo qualitativo/ideacional e o termo afeto para o componente quantitativo/energético. Demonstra-se, por um lado, uma tentativa de colocar o afeto ao lado da representação de modo a reconhecer sua legitimidade, como um simétrico representacional. Por outro lado, se evidencia uma iniciativa de reconhecer o representante-representação como o representante definitivo e o afeto como uma espécie de ‘margem’ (Assoun, 1995). Apesar de esta divisão sustentar posições teóricas e clínicas distintas, tanto em um campo como no outro é defendida a inadequação da separação entre elemento representativo e o elemento afetivo energético. Um dos equívocos desta leitura dicotomizada da pulsão seria considerá-la como um aparato externo desvinculado do inconsciente que se faria representar pela idéia ou pelo afeto.

A discussão sobre a distinção dos representantes é evocada quando se procura reconhecer um estatuto de legitimidade para um deles. Comentadores da obra freudiana realçam o fato de que Freud não usa o termo representante afetivo, mas quantum de afeto. Algumas indagações são colocadas a esse respeito. Por exemplo, até que ponto Freud reconhece uma simetria entre afeto e representação? Se por um lado afeto e representação aparecem como igualmente representantes da pulsão, por outro, é evidente que ocupam posições diferenciadas.

O texto freudiano permite interpretar o *afeto* enquanto parte componente do representante psíquico, como elemento intensivo e o *representante ideativo* como o elemento significativo. Sob este ponto de vista, o afeto seria a manifestação da pulsão, isto significa que o quantum de excitação se expressa psiquicamente sob a forma de um quantum de afeto que permanece exterior à trama significante. Considerar o afeto como descarga é uma forma de aproximá-lo à fonte somática da pulsão. O afeto expressa de forma mais direta o compromisso da pulsão com o corporal, enquanto que as representações ideativas formariam a rede significante própria do inconsciente. O afeto aparece como algo da ordem do ‘acontecimento’ e não se pode falar dele a não ser através do seu elemento quantitativo – sua descarga. Esta perspectiva pode nos levar a associar o afeto à pulsão ‘bruta’, esta definida como descarga. Seguindo este raciocínio, o afeto seria comparado a uma espécie de “subjetivação da pulsão da qual se retirou a ‘representação’”, ou seja, a pulsão não capturada e submetida à representação (Assoun,1995:153).

A leitura da obra freudiana que se propõe a esvaziar esta discussão sobre a legitimidade do representante pulsional valoriza o fato de que os representantes não estão em uma posição de espelhamento, mas que ‘afeto e idéia’ ocupam uma posição diferenciada na máquina pulsional. Numa dimensão hipotética, esta proposta pode ser exemplificada ao conceber a pulsão a partir de cada um de seus elementos. Por um lado, na ausência do afeto, a representação psíquica ficaria reduzida a sua dimensão significativa, esvaziada de intensidade; por outro lado, sem o representante ideativo, a representância da pulsão seria reduzida à pura circulação de intensidades sem qualquer caráter significante (Garcia-Roza, 1995).

Assimilar o afeto à uma tonalidade qualitativa da descarga sem nenhuma significação em si, seria o mesmo que considerá-lo como uma espécie de resto do recalque que não indica nenhuma relação com o significante. Por outro lado, considerar o afeto como um representante mais autêntico da pulsão exige que a clínica seja encaminhada a um tratamento dos efeitos de significação do afeto. Numa perspectiva lacaniana, observa Vieira (2001) propor uma ‘clínica dos afetos’ coloca em risco toda a efetividade clínica psicanalítica que decorre do privilégio dado à fala articulada na

experiência analítica. Portanto, estaria se valorizando todo elemento extradiscursivo em detrimento da fala na condução do tratamento.

O fato de a representação ideativa corresponder a investimentos, confere um status privilegiado no campo da representação, posto que é o investimento proveniente da fonte pulsional que faz uma exigência de trabalho ao aparato psíquico. O trabalho psíquico das representações produz sentido, enquanto o afeto por ser da ordem da descarga, se perderia consumindo-se. Como a pulsão só pode ser inferida a partir do desdobramento dos seus significantes, o representante representação ganha um lugar de 'legítimo' representante da pulsão (Assoun,1995; Vieira,2001).

O que torna esta leitura questionável é o fato da mesma reconhecer o psiquismo restrito ao campo das representações. Neste caso, a representação ganharia um estatuto privilegiado, uma vez que a representação associada ao investimento corresponderia ao trabalho pulsional. No entanto, não consideramos que a discussão deva ser colocada em torno de uma disputa entre a legitimidade do afeto *versus* a legitimidade da representação, mas nos impasses clínicos e nas impossibilidades de escuta quando se restringe o psiquismo ao campo da racionalização e da simbolização.

Cabe questionarmos até que ponto a análise fundada sobre a autonomia da dinâmica pulsional, e não exclusivamente nos desdobramentos dos representantes, pode apontar novos apontamentos para a clínica. Um caminho de investigação é pensar o conflito psíquico a partir da cartografia das intensidades na dimensão da erogeneidade e na possibilidade de uma dimensão psíquica além da representação.

Capítulo III - Dimensão intensiva da palavra

*Eu quase nada sei, mas
desconfio de muitas coisas.
Guimarães Rosa.*

3.1 As representações sob o aspecto das intensidades

A problemática da dimensão intensiva da representação ganha novas articulações na ‘virada dos anos 20’. Antes de examinarmos as conseqüências teóricas e clínicas da postulação da pulsão de morte, vamos retomar alguns pontos do percurso da construção da psicanálise onde a questão da intensidade é proeminente.

Em 1895, Freud desenvolve o ‘Projeto’ com o claro propósito de oferecer uma explicação ‘quantitativa’ para o funcionamento psíquico. O trabalho deriva da sua própria observação clínica de casos de neuroses, nos quais idéias excessivamente intensas apresentam claramente uma característica quantitativa. Parte do princípio que os processos psíquicos tais como estímulo, substituição, conversão e descarga são determinados pela mobilidade da quantidade de energia (Freud, 1895).³¹ Para prosseguir com o propósito de sustentar sua hipótese quantitativa, Freud precisa responder um problema que percorre toda a sua obra: como o registro da quantidade pode transformar-se em qualidades psíquicas (representações). Tendo em vista que a função primordial do psiquismo é ligar a quantidade indeterminada à representação, evitando a dissipação total de energia, o funcionamento psíquico depende da suportabilidade do aumento de tensão de excitação, dos deslocamentos de quantidades e dos adiamentos do dispêndio destas.

³¹ Estamos considerando que a noção de *quantidade* se difere da noção de *intensidade*. Utilizaremos, como referência, a distinção proposta por Garcia-Roza. “Em geral, o termo quantidade aplica-se a algo que é efetivamente medido, mensurável, embora não seja expresso por números; opõe-se à qualidade, que se refere aos aspectos sensíveis da percepção. A intensidade, por sua vez, é a propriedade de algo que está sujeito aumento ou diminuição, apesar de implicar a quantidade, não é redutível a ela. Em certos casos, a intensidade é considerada como a expressão qualitativa de uma quantidade” (Garcia-Roza, 1991a:87).

O 'Projeto' de Freud parte de duas idéias: neurônios e quantidade. A quantidade se refere à excitação, a energia que circula pelos neurônios capaz de deslocamento e descarga. Já os neurônios são considerados partículas materiais de igual natureza que formam uma rede de conexões. A diferença que se apresenta entre os neurônios se deve a quantidade com que eles têm que lidar (Freud,1895). Esta diferença permite estabelecer três sistemas de neurônios (ψ , ϕ e ω). O desenho do aparelho psíquico torna-se complexo justamente quando é articulada a atividade neuronal com a quantidade. Freud junta as duas idéias a um princípio básico: o princípio de inércia. Através deste, ele explica a tendência dos neurônios a livrar-se da quantidade. Este funcionamento articula-se de modo semelhante ao modelo de arco-reflexo, o que significa que a quantidade recebida deve ser inteiramente descarregada pela via motora. Esta descarga representa a função primária do aparelho psíquico. No entanto, devido à fonte de estimulação interna, o aparelho é forçado a abandonar sua tendência original à inércia. Freud, então, supõe uma função secundária; a lei da constância.

O aparelho psíquico está sujeito a duas fontes de estimulação: os estímulos de natureza exógena - pertencentes ao mundo externo - e os de natureza endógena - provenientes do próprio corpo. Os estímulos de fonte exógena, apesar de mais intenso, podem ser evitados e há a possibilidade de fuga do estímulo. Já os estímulos da fonte endógena são mais fracos, porém exercem pressão constante e deles "o organismo não pode esquivar-se" (Freud, 1895:316). Eles só cessam mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo. No entanto, para realização desta 'ação específica', o aparelho precisa tolerar certo acúmulo de quantidade. Como podemos perceber, é a partir da regulação de intensidades que a concepção de aparelho psíquico é construída no 'Projeto'.

O aspecto econômico no psiquismo ganha um desenvolvimento teórico com a formulação do conceito da pulsão. Em 1915, Freud realça o aspecto quantitativo ao definir a pulsão como uma força constante que tem origem no interior do organismo.³² O fator motor da pressão contínua dos estímulos endereça ao psíquico uma exigência de

³² A idéia precursora da pulsão já estava esboçada no 'Projeto' na suposição de uma fonte interna de pressão constante definida como a 'mola mestra do mecanismo psíquico' (Freud, 1895: 334).

trabalho: dominar os estímulos. Na montagem da pulsão se evidencia um intervalo insuperável, demonstrado pela distância que se faz presente entre os registros do somático e do psíquico. Tal intervalo, que permanece sempre em aberto, é o que justifica o próprio movimento da pulsão, ou seja, uma exigência de trabalho feita ao psíquico por sua relação com o orgânico (Birman, 2001c). Mas qual seria a exigência de trabalho da pulsão? Uma das interpretações possíveis é que o trabalho de dominar os estímulos é o de promover sua ligação com a representação. Neste enfoque, o trabalho da pulsão poderia ser descrito como um processo de simbolização. Como ressalta Regina Neri, o problema desta hipótese é que ela tem por fundamento uma concepção da pulsão numa ‘posição de exterioridade’ em relação ao psiquismo, ou seja, “a pulsão é vista como uma força que de fora exige o trabalho psíquico” (Neri, 2005:157).

A discussão sobre a problemática do trabalho pulsional e da intensidade ganha novos contornos com a formulação da pulsão de morte. Esta formulação, de certa forma, pode ser considerada como consequência lógica da associação da pulsão à força e a exigência de trabalho. Foram os impasses clínicos, como a compulsão à repetição - fenômenos da ordem da repetição observados que remetiam a experiências essencialmente desprazerosas – que levaram Freud a uma reformulação da teoria das pulsões e a um questionamento sobre os princípios fundadores do psiquismo, levando-o a supor o ‘além do princípio do prazer’.

A compulsão à repetição colocava em questão a concepção do modelo de funcionamento do aparelho psíquico regulado pelo princípio de prazer – evitar o desprazer e produzir o prazer. Caso houvesse de fato um domínio do princípio de prazer no aparelho, todos os processos psíquicos seriam acompanhados de prazer, ou pelo menos encontrariam a produção do prazer como resultado final. No entanto, isto não é verificável em alguns fenômenos da ordem da repetição. O primeiro passo foi substituir a noção de domínio pela idéia de tendência do princípio de prazer e começar a

questionar se esse princípio é de fato originário no aparelho psíquico (Freud, 1920: 20).³³

A hipótese freudiana da hegemonia do princípio de prazer no psiquismo está inserida na concepção de um circuito pulsional ordenado. Tal como formulada, em 1905, nos “Três ensaios sobre a sexualidade”, a pulsão estaria inscrita no registro das representações que indicaria o mundo dos objetos para a satisfação. Portanto, nesse momento, havia uma valorização do aspecto qualitativo da pulsão, pensada a partir de seus representantes psíquicos. Freud partia do pressuposto de uma ligação originária entre a força pulsional e o mundo da representação, uma ligação que inscreve a série prazer e desprazer na qual o princípio de prazer domina (Birman, 1996, 1997).

A partir dos anos 20, o alvo das investigações freudianas passa a se concentrar nas situações que não pressupõem a dominância do princípio do prazer. Como exemplo, Freud recorre aos sonhos de neurose traumática que apontam para uma repetição anterior ao princípio de prazer, ou seja, mais primitiva que o intuito de obter prazer e evitar o desprazer. Conforme observa, “os sonhos estão ajudando a executar outra tarefa, a qual deve ser realizada antes que a dominância do princípio do prazer possa mesmo começar” (Freud, 1920: 48). A teoria psicanalítica passa a considerar uma função do aparelho psíquico que se encontra independente do princípio de prazer que estaria associada ao mais originário, mais elementar, mais pulsional que o princípio do prazer (Freud, 1920).

Para descrever este momento anterior à instalação da série prazer-desprazer, supostamente algo que funciona como ‘além’ do princípio de prazer, Freud expõe a experiência do trauma - um transbordamento de quantidade energética que faz romper as barreiras protetoras contra os estímulos que tem o poder de desativar o princípio de prazer. Sob o ponto de vista econômico do trauma, este fator quantitativo é traduzido como um excesso de excitação que não foi descarregado.

³³ Em 1924, no artigo “O problema econômico do masoquismo”, Freud admite que o princípio de prazer não é originário no psiquismo, mas o princípio de Nirvana. Esse último reflete o movimento originário da pulsão de eliminação total das excitações.

“Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos; em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulo que irromperam, e de vinculá-las no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar” (Freud, 1920:45).

O trauma consiste em um excesso pulsional que não oferece possibilidade de descarregar imediatamente, demandando, com isso, a realização de uma ‘tarefa anterior’ de deslocamentos direcionados de energia. Trata-se, portanto, de um trabalho de ligação que está fora do campo da representação e anterior à própria instalação do princípio de prazer. Freud passa a considerar a existência de uma ‘primeira ligação’ da excitação que permite ao psiquismo se desvencilhar do excesso energético e, finalmente, ordenar-se no circuito do princípio do prazer. Neri (2005) levanta a hipótese de considerar esta primeira ligação do excesso pulsional como um trabalho psíquico que corresponde a um determinado processo de subjetivação.

A partir do modelo do trauma, Freud passa a reconhecer um novo enfoque sobre o mecanismo da ligação. Levando em consideração que a ligação ocupa um lugar central na problemática da intensidade-representação, retomaremos brevemente a acepção econômica deste mecanismo na obra freudiana. O mecanismo da ligação se relaciona com a oposição entre energia livre e energia ligada. No caso, a energia livre, correlativa ao processo primário, refere-se à liberdade de mobilidade da energia que tende à sua descarga. A energia ligada corresponde a uma conversão da energia livre, uma passagem ao processo secundário do funcionamento psíquico, quando a energia se liga a uma representação e passa a escoar de forma controlada. Este processo de transformação da energia livre em energia ligada se inscreve no princípio de prazer, um princípio regulador do funcionamento psíquico que procura evitar o aumento de quantidade de excitação e a descarga absoluta. Inicialmente, na obra freudiana, o

mecanismo de ligação estava associado ao processo secundário. Por exemplo, no “Projeto...”, Freud parte da hipótese que a ligação demarca a transformação de um primeiro momento de dispersão de excitações na constituição de uma organização psíquica. A ligação consiste numa contenção ao livre escoamento das excitações, transformando o estado de pura dispersão de excitações em um estado de integração. Quando, em 1920, Freud admite uma ‘primeira ligação’, anterior ao princípio do prazer, ela passa a estar referida ao processo primário.

Na reformulação conceitual da pulsão encontramos novos elementos para delinear o trabalho pulsional. A compulsão à repetição se relaciona ao predicado de ser pulsional de duas formas, não excludentes. Por um lado, a pulsão como excesso que ao exercer uma pressão constante o impele a promover mudanças. Nesta insistência da força pulsional podemos identificar o pólo transgressivo da pulsão de morte que ao provocar rupturas permanentes nos registros cognitivo, semântico e afetivo estabelecidos no ‘eu’, torna possível novas formas de subjetivação ou novas exigências de inscrição (Birman, 2000a). Por outro lado, o enfoque conservador da pulsão leva a supor uma disposição pulsional originária e autônoma que se relaciona à pura intensidade resistente à representação. O aspecto conservador da pulsão de morte expressa a tentativa de ‘restaurar um estado anterior das coisas’ e a tendência à descarga total.

A formulação da pulsão como pura intensidade exige reformulações sobre o modelo de aparelho psíquico que passa a abarcar não só o campo das representações. Podemos constatar que, quando Freud desenvolve uma nova disposição do aparelho psíquico, com o termo Id expressa o pólo pulsional do psiquismo. Isto implica em um questionamento sobre os caminhos do circuito pulsional. Por um lado, encontramos no pensamento de Freud a definição de que o trabalho da pulsão é o de simbolização e o ato analítico é o de constituir caminhos possíveis de satisfação para as forças pulsionais, no entanto, é preciso também ressaltar que a inscrição da pulsão, no registro da simbolização, pode ou não se realizar. De certa forma, a força pulsional se contrapõe ao processo de simbolização e não é totalmente absorvida pelo universo da representação.

Se considerarmos a hipótese de que o pulsional está inserido no psiquismo, podemos pensar a pulsão não somente a partir do desdobramento das representações,

pois a pulsão pode se inscrever na ordem da representação, mas não se funda nesta (Birman, 1993). Através do conceito de pulsão de morte Freud faz uma leitura sobre o que se apresenta de forma insistente sem possibilidade de simbolização – uma ligação no campo da intensidade que age independentemente do campo da representação e do princípio do prazer. Isto nos leva a considerar que o trabalho pulsional implica em diversos processos de subjetivação, entre eles, o de simbolização. Neri (2005) sinaliza um interessante caminho ao propor considerarmos o trabalho pulsional também em termos de remanejamentos e dispêndios energéticos que apresentam sua diferença a partir da intensidade e não da qualidade.

3.2 *Signos sem representação*

Nas correspondências de Freud a Fliess, encontra-se uma importante referência à concepção de aparelho psíquico do qual nem todas as percepções são traduzidas em representações. Na famosa ‘Carta 52’, Freud descreve a concepção de memória em termos de signos e inscrições e isto significa uma novidade em relação aos outros modelos de disposição do aparelho psíquico apresentados na obra freudiana. Nos modelos apresentados em 1895 (Projeto) e em 1900 (*A interpretação de sonhos*), o registro dos signos de percepção e o percebido se inscrevem diretamente como traço mnêmico inconsciente.

No ‘Projeto’, por exemplo, o mecanismo da memória é pensado a partir da noção de traços mnêmicos. A formação do traço depende da intensidade da impressão e da repetição. Há uma trama de caminhos neuronais, facilitadores em certas direções e dificultadores em outras, que são formados em função das barreiras de contato que podem ou não promover uma resistência à passagem da excitação. A hipótese é que “a memória está constituída pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios” (Freud, 1895:320). Em função da magnitude da impressão - definida como o fator intensivo da excitação que percorre o neurônio -, a memória continua produzindo efeitos. As facilitações ou trilhamentos fazem com que alguns caminhos possam ser percorridos mais facilmente em relação a outros. Freud afirma que a quantidade passa mais facilmente de um neurônio para outro neurônio investido levando a concluir que a memória se refere a um traço móvel e não imutável.

O traço mnêmico se inscreve em sistemas sempre em relação a outros traços e a recordação se faz em um determinado contexto associativo. Freud postula que os traços mnêmicos não portam qualquer qualidade sensorial: “se as lembranças se tornam mais uma vez conscientes, elas não exibem qualidade sensória ou, então, apenas uma qualidade muito leve, em confronto com as percepções” (Freud, 1900:576). Na obra freudiana, o traço designa a forma como os acontecimentos se inscrevem na memória. Os ‘traços mnêmicos’ são essencialmente um resto ou um resíduo de percepção, eles estão dispostos em diversos sistemas e subsistem de forma permanente. Logo nas primeiras publicações psicanalíticas aparece o problema de reunir memória e

consciência no mesmo sistema já que as funções de receber e conservar a excitação são incompatíveis.

Tal como no ‘Projeto’, no livro *Interpretação de sonhos*, o aparelho psíquico é formulado como um sistema de traços mnêmicos situados entre uma extremidade sensorial e uma extremidade motora. Em 1900, as relações da percepção e da memória são apresentadas de forma muito próxima do modelo de 1895:

“A seguir, temos razões para introduzir uma primeira diferenciação na extremidade sensória. Restam traços no nosso aparelho psíquico, das percepções que com ele colidem. A eles podemos descrever como ‘traços de memória’ e à função que lhe é relacionada damos o nome de ‘memória’. Se estamos falando a sério sobre nosso plano de ligar os processos psíquicos a sistemas, os traços de memória só podem consistir em modificações permanentes dos elementos dos sistemas” (Freud, 1900:574).

Freud também explora a possibilidade de uma transcrição da excitação gerada no sistema perceptivo em traços duráveis no sistema inconsciente. Os traços são resultados de uma transposição que é de ordem energética da excitação perceptiva para uma nova ordem, desta vez de signos e representações. O processo excitatório se torna consciente no sistema consciente, mas não deixa traço permanente, o princípio geral é que a consciência surge em vez de um traço de memória. A excitação, porém, é transmitida aos sistemas que ficam a seguir e neles seus traços são deixados. Podemos constatar que neste modelo, Freud não tematiza os signos de percepção, e as excitações se inscrevem diretamente como traços de memória inconsciente.

Na obra freudiana a noção de traço mnésico também se confunde com a noção de representação. Laplanche e Pontalis pontuam que embora a definição da representação como um traço mnémico investido esteja sempre implicitamente presente, nem sempre ela é nitidamente situada. Segundo os autores, “é difícil conceber no pensamento freudiano um traço mnésico puro, isto é, uma representação totalmente desinvestida pelos sistemas inconscientes e conscientes” (Laplanche & Pontalis,

1986:584). Entendemos que é justamente a idéia de um ‘traço mnémico’ sem investimento inconsciente que Freud sugere com a noção de signo de percepção no modelo de memória apresentado na ‘Carta 52’.³⁴

Enquanto no ‘Projeto’ e na ‘Interpretação de sonhos’, Freud constrói um modelo de memória tendo como base a referência de traço mnémico, na ‘Carta 52’ é introduzida a noção de impressão. É importante notar que as duas noções se dirigem a princípios conceituais distintos.

Em um sentido amplo, a noção de traço na obra freudiana se refere à estrutura do aparelho, enquanto a noção de impressão faz referência a algo que escapa à lógica da representação e comparece como uma experiência sensível. Encontramos na psicanálise uma aproximação da noção de impressão a um momento primário da elaboração mnêmica onde os elementos constitutivos ainda não se articulam em cadeias associativas. Em geral, a noção de impressão traduz a idéia das primeiras marcas constitutivas do psiquismo. Em 1893, no artigo ‘Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos’, a noção de impressão está associada à noção de trauma psíquico. Freud faz referência à noção de uma marca de uma vivência precoce, a um registro do acontecimento, seja externo ou interno em referência ao corpo que produz efeitos psíquicos, mas não se inscreve como lembrança e não evoca nenhum sentido. Em ‘Moisés e o monoteísmo’, os traumas são definidos como “experiências sobre o próprio corpo do indivíduo ou percepções sensoriais, principalmente de algo visto e ouvido, isto é, experiências ou impressões” (Freud, 1938c:93). Neste caso é realçada a idéia de que a impressão é o registro de um processo energético que ocorre no próprio corpo. Podemos dizer que os traumas se inscrevem como impressões, e que as impressões estão muito

³⁴ A comparação entre representação e traço mnémico também aparece em referência às representações de coisa e de palavra. Em 1915, a noção de representação de coisa se aproxima a de traços mnêmicos. No artigo sobre o inconsciente, Freud afirma que a representação de coisa “consiste num investimento, se não das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos e derivados delas” (1915c:229). Esta definição permite traçar uma distinção entre o traço mnémico compreendido como uma inscrição de um acontecimento, enquanto a representação de coisa equivale a um investimento do traço mnémico que está presente em diversos sistemas ou complexos associativos.

A relação entre traço mnémico e representação também volta a ser discutida na segunda tópica. No artigo ‘O ego e o Id’, as palavras são comparadas a restos ou traços mnêmicos das palavras escutadas e que por seu intermédio, os processos internos de pensamentos são transformados em percepções. Neste caso, aparece uma aproximação da palavra como traços mnêmicos verbais.

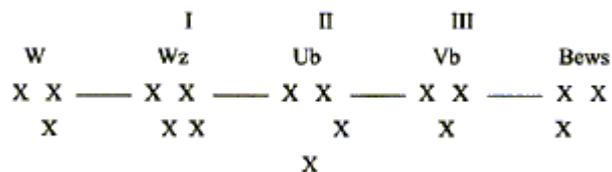
próximas à noção de signos de percepção, como signos do processo perceptivo que ainda não se transcreveram em representação (Lejarraga, 1996:78-80)³⁵.

É possível destacar uma acentuada diferença entre essas duas noções. Sob o ponto de vista de Garcia-Roza, “todo traço é traço de uma impressão” (1991b:58). O traço é a forma pela qual a impressão mantém seus efeitos. Diferente da impressão, o traço supõe uma inscrição sendo que o conjunto das inscrições forma um sistema de signos. A impressão não é conservada na memória a não ser como traço ou representação. Ela não é lembrança, não pode ser lembrada, tem que ser reconstruída. A impressão está mais próxima à ordem do sinal que do significante, não se insere na cadeia significante pelo fato de não estar ligada a outras impressões, ela está exterior à linguagem. Na leitura de Garcia-Roza (1991b) é valorizado a caráter de exterioridade da impressão em relação à linguagem e ao sentido.³⁶

Na ‘Carta 52’, por exemplo, a impressão corresponde aos signos de percepção e os traços correspondem às inscrições destes signos no sistema inconsciente. Freud constrói um modelo de aparelho psíquico formado por um processo de estratificação em termos de operações de transcrição e escrita, que se reorganizam constantemente do campo sensorio até os sistemas mnêmicos que ordenam um sentido. A originalidade deste modelo freudiano está na consideração de uma ‘impressão sensível’, como um resíduo mnêmico que não se inscreve no campo da representação. A idéia central deste modelo é que a memória se constitui como um sistema múltiplo que comporta várias formas de registro. Seus reordenamentos se realizam por constantes inscrições e retranscrições que se relacionam com diversos signos. Freud supõe um sistema composto por quatro estratos ou níveis de registros que são representados no seguinte esquema:

³⁵ Associar noção de impressões à noção de trauma não torna mais clara a questão, mas a complexifica ainda mais. A noção de impressão equivalente ao trauma também aparece referida a hipótese de uma ‘herança arcaica’ que está presente na obra freudiana sob diversos prismas. Está presente sob a forma: de uma origem filogenética em ‘Moisés e o monoteísmo’; como algo inato que corresponde a um momento anterior a formação do indivíduo indicando um momento anterior ao ego (Freud, 1937a), também é uma hipótese utilizada para justificar a ambivalência das pulsões (Freud, 1915a), e por fim indicando que os sonhos possam conduzir a alguma primitiva relíquia da humanidade (Freud, 1900).

³⁶ A abordagem, proposta por Garcia-Roza, de pensar as impressões como exterior a linguagem se fundamenta na teoria lacaniana. Veremos, no *Capítulo 4*, a concepção de linguagem nos primeiros escritos de Lacan.



[W] Percepções - [Wz] Signo de percepção - [Ub] Inconsciência - [Vb] Pré-consciência
 – [Bews] Consciência

Em uma extremidade está o registro do sistema de percepção e na extremidade oposta a consciência. O sistema de percepção não é um sistema de memória. A percepção não conserva nenhum traço, e consciência e memória são mutuamente excludentes entre si. As percepções se articulam com a consciência dada pela primeira apreensão dos dados sensoriais, diferentes, portanto, da consciência que emerge como efeito posterior quando os traços se ligam às representações verbais. No esquema freudiano não há uma equivalência entre a realidade externa e o acontecimento percebido. Estas percepções, que nada mais são que excitações no sistema perceptivo, vão dar lugar à primeira inscrição que corresponde ao signo de percepção.

A primeira inscrição da percepção comporta sempre uma mudança de registro como “uma transposição ou metamorfose” que corresponde a uma reordenação das impressões. Este primeiro registro das percepções é inacessível à consciência e está articulada segundo uma associação por simultaneidade (Schneider, 1988). A inconsciência é a segunda transcrição que se ordena segundo outros nexos. Os traços inconscientes correspondem a lembranças, igualmente inacessíveis à consciência. Finalmente, a pré-consciência é a terceira re-transcrição, ligada às representações de palavra, correspondente ao ‘eu’ e podem se tornar conscientes, conforme certas regras. A consciência-pensar secundária é posterior na ordem temporal, provavelmente está articulada à ativação alucinatória das representações de palavra (Freud, 1896).

Retomando a engrenagem freudiana: as percepções, registradas em signos de percepção, não podem ser traduzidas em representações inconscientes. Os signos de percepção transformam a excitação perceptiva em impressões e para se transpor em lembranças inconscientes é necessária uma nova transcrição que implica numa re-

ordenação no sistema inconsciente. Para os traços inconscientes se tornarem conscientes depende de outra transcrição que pode ser realizada a partir da associação à representação de palavra.

A originalidade deste modelo de aparelho psíquico, formado por transcrições se refere à formulação do registro de 'signos de percepção' Este registro corresponde a primeira inscrição no psiquismo e se compõe como signos isolados, não ligados. Os signos de percepção são os primeiros a receber a percepção, mas não se inserem na ordem da representação e não equivalem a uma representação inconsciente. Constituem-se como registros inacessíveis e somente por intermédio da associação entre representações de coisa e representações de palavras tornam-se conscientes.

A noção de signos de percepção coloca alguns difíceis problemas para teoria psicanalítica. Conforme vimos, o signo de percepção não se constitui como representação, ele está mais próximo à noção de impressão. Assinala a existência de um processo excitatório e indica ao mesmo tempo a não-representação, como uma marca da pulsão de morte. Trata-se, portanto, de algo que não foi inscrito no inconsciente, mas que permaneceu como pura intensidade, memória da pura impressão e não do traço que a representa. O primeiro impasse está na questão da 'conservação' desta impressão. Como não se refere à representação, não poderia ser comparada à memória. No entanto podemos admitir que ela se conserva em intensidade. O signo de percepção produz um efeito que pode ser compreendido como uma marca de pura intensidade, uma expressão de intensidade sem conteúdo que não se insere no sistema inconsciente. Mas, como pensar em uma marca que se inscreve no psiquismo sem se constituir como traço ou representação?(Garcia-Roza, 1991b)

Partindo do pressuposto que no inconsciente só há representante-representação, o signo percepção não participa da trama relacional dos signos. Somente quando se estabelece o quadro da ligação metafórica e metonímica - simultaneidade e continuidade no signo de percepção - é que podemos nos referir ao inconsciente. Talvez seja mais correto compreender o signo de percepção como uma impressão traumática referida à instância do Id. No entanto, se admitimos que os signos de percepção são regidos pelo Id, nos colocamos diante de um outro problema: teremos que reconhecer a existência de um registro psíquico que não está regido pelo inconsciente e que se constitui independentemente do recalque. Este ponto convoca um problema crucial para a clínica

psicanalítica que se faz presente, na obra freudiana, a partir da segunda tópica e da segunda teoria das pulsões. Em que plano se passa uma análise? Na dimensão do inconsciente ou do Id?

Evidentemente o registro dos signos de percepção compreendidos como uma inscrição anterior ao sistema inconsciente coloca uma questão central para a psicanálise: como trabalhar com um registro sensível que escapa à lógica dos representantes? Esta problemática aparece ao longo de toda a obra freudiana. Por exemplo, na questão trazida a partir da *darstellung* (apresentação) que, diferente da representação, se refere a uma presentificação diretamente das percepções, como uma experiência atual. Outro exemplo se encontra na abordagem da pulsão de morte e as primeiras ligações que agem independentemente do campo das representações. Acreditamos que estas articulações podem ser consideradas como processos de subjetivação referidos à dimensão intensiva que escapam da organização do campo das representações.

3.3 Os ‘sentidos’ na linguagem

Na organização da ‘segunda tópica’, o tema da linguagem é retomado considerando, em primeiro plano, seu substrato pulsional. As motivações para repensar a teoria das pulsões e a estrutura do aparelho psíquico estão relacionadas aos limites do poder da linguagem percebidos nos efeitos da compulsão à repetição e da resistência. Tornou-se necessário construir um modelo do aparelho psíquico que considerasse a dimensão quantitativa da pulsão. Isto significa que a inserção do pólo pulsional no psiquismo passa a abarcar o ‘além do princípio do prazer’ e o além do campo da representação (Birman, 1996). Em ‘O Ego e o Id’ é apresentada uma reestrutura do aparelho psíquico e, para tal, Freud volta a questionar o papel da consciência e retoma a assimilação, anteriormente exposta, entre consciência e órgão de sentido. Considerando este ponto de partida, pretendemos realçar algumas questões decisivas, sinalizadas na ‘segunda tópica’, em relação à problemática da linguagem na psicanálise: a implicação corpo-psiquismo; o processo de pensamento e a consciência; e a função da sensorialidade na linguagem.

Corpo e psiquismo

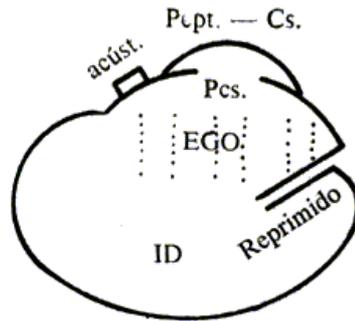
Se na ‘primeira tópica’ é possível a definição de lugares psíquicos (tópicas) constituídos pela divisão entre os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente, na ‘segunda tópica’ esta configuração não obedece a instâncias fixas e sua representação se aproxima dos trabalhos da arte moderna, no ponto em que uma cor se funde a outras.³⁷ A partir de 1920, a dinâmica pulsional não corresponde mais às fronteiras bem demarcadas entre os sistemas do aparato psíquico – o inconsciente não equivale ao recalcado e o ‘eu’ à consciência – como também não se limita exclusivamente ao campo das representações.

³⁷ Na Conferência XXXI, Freud descreve, em detalhes, como imagina a nova configuração para o aparelho psíquico. “Ao pensar nessa divisão da personalidade em um eu, um superego e um Id, naturalmente, os senhores não terão imaginado fronteiras nítidas como as fronteiras artificiais delineadas na geografia política. Não podemos fazer justiça às características da mente por esquemas lineares como os de um desenho ou de uma pintura primitiva, mas de preferência por meio de áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, segundo as apresentam artistas modernos. Depois de termos feito a separação, devemos permitir que novamente se misture, conjuntamente, o que havíamos separado”(Freud, 1932: 101).

A primeira complexidade do modelo do aparelho psíquico se refere à relação entre consciência e percepção. Segundo a metapsicologia freudiana, a consciência consiste em uma função do sistema percepção-consciência. A assimilação da consciência à percepção demarca sua especificidade: a capacidade de receber qualidades sensíveis. Para isto, Freud concebe a consciência como um órgão sensorial capaz de receber percepções das qualidades psíquicas e percebe os estados de tensão pulsional e as descargas sob a forma de prazer e desprazer. Freud ao procurar definir a ‘natureza essencial’ da consciência afirma: “vemos o processo de conscientização de algo como um ato psíquico específico, distinto e independente do processo de formação de uma representação ou idéia; e encaramos a *consciência como um órgão sensorial* que percebe dados surgidos em outros lugares”(Freud, 1900:154).

A função dos órgãos sensoriais são especialmente valorizados na assimilação das percepções da realidade externa. A crescente significação da realidade externa eleva a importância dos órgãos sensoriais que estão dirigidos para o mundo externo. Neste caso, conclui Freud, “a consciência passa a apreender qualidades sensórias, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer” (1911:279-80). Todos os demais sistemas, inclusive o pré-consciente, são desprovidos de qualidade psíquica e, desse modo, não podem ser objetos da consciência, exceto na medida em que trazem prazer ou desprazer à percepção. Apesar de reconhecer que prioritariamente a consciência se liga às percepções do mundo externo, as percepções provenientes do próprio corpo são realçadas: “os sentimentos exercem em nossa vida mental uma influência mais preemptória do que as percepções externas; ademais, em certas circunstâncias, os próprios órgãos sensoriais transmitem sentimentos, sensações de dor, além das percepções que lhes são específicas” (Freud, 1938a:187).

O ponto de partida para redesenhar o aparelho psíquico é reconhecer que o sistema percepção-consciência (Pcpt.-Cs) está na sua superfície, ele é o primeiro a ser atingido pelo mundo externo. Freud faz questão de apontar que esta disposição espacial não é somente no sentido funcional, mas também no sentido da dissecação anatômica. O ‘eu’ tem início no sistema Pcpt.-Cs e se encontra, na sua parte inferior, misturado ao Id. Comparado a um disco germinal, que repousa sobre o óvulo, ganha a seguinte representação gráfica (Freud, 1923).



É especialmente destacado o fato da instância do ‘eu’ ser uma parte do Id, que foi desenvolvida em decorrência da sua posição – sob intermédio do Pcpt-Cs, sofre influência direta do mundo externo. O ‘eu’ passa a ser assimilado a uma extensão da diferenciação da superfície do Id. Além da influência do sistema percepção-consciência, a formação do ‘eu’ também sofre influências do próprio corpo.

“O próprio corpo e acima de tudo sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna” (Freud, 1923: 39).

A novidade na compreensão da concepção de consciência como superfície do aparelho psíquico é o fato de destacar também o corpo, acima de tudo, sua superfície como um lugar onde provêm sensações. O corpo também pode ser percebido tal como é percebida uma excitação do mundo externo. A analogia corporal engloba dois planos; embora Freud os trate de maneira identificatória, eles são distintos. Por um lado, o corpo intervém na gênese do ‘eu’; por outro, o ‘eu’ é estruturado como o corpo. Nesse sentido, o Eu-corpo ocuparia um papel relacional entre interno e externo (Assoun, 1995).

A idéia de superfície se faz presente, especialmente, nesse ensaio. “O eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.” Vale ainda ressaltar a nota acrescentada, em 1927, em referência a esta afirmativa. “Isto é, o eu em última análise deriva das *sensações corporais*, principalmente das que se originam da superfície do

corpo” (Freud, 1923: 40 *grifos nossos*). Quando, em 1932, na ‘Conferência’ “A dissecação da personalidade psíquica”, Freud retoma a questão do modelo do aparelho psíquico, esta problemática ganha uma forma ainda mais notável. No novo esquema proposto, aparece uma abertura na extremidade do aparelho psíquico sinalizando a exposição do Id às influências somáticas. A representação topográfica anuncia a inserção do pólo pulsional na região do Id. Como observa Assoun (1995), o Id não é o corpo, mas o que desemboca, do corporal, no psiquismo. Uma das conseqüências diretas da inscrição da dinâmica pulsional no aparelho psíquico é o fluir do psíquico ao somático. É o que podemos notar no esquema apresentado em 1932.



A ruptura da superfície do Id sugere uma continuidade entre as instâncias psíquicas e o somático. Neste novo esquema, o aparelho psíquico é representado sem fronteiras fixas. Um ponto importante ressaltado por Freud é que a vida psíquica inclui tanto a consciência como também os fenômenos somáticos. Daí sua insistência em afirmar que os atos psíquicos são em alto grau dependentes das influências somáticas e, por outro lado, exercem poderosos efeitos sobre os processos somáticos. No ‘Esboço de psicanálise’, essa discussão é retomada com um argumento ainda mais forte: “a psicanálise explica os fenômenos concomitantes supostamente somáticos como sendo o que é verdadeiramente psíquico, e assim, em primeira instância, menospreza a qualidade da consciência” (Freud, 1938a: 183). Pela nossa compreensão, a afirmação freudiana do ‘verdadeiro psíquico’ inclui os fenômenos somáticos como um indício da presença do pólo pulsional no psiquismo.

Pensamento e consciência

Outro complicador no modelo do aparelho psíquico é a relação entre a consciência e os processos de pensamento. Freud reconhece que a consciência é um órgão sensorial voltado para as percepções e também para os processos de pensamento. Desde a investigação sobre a vida onírica, a problemática do pensamento já fazia parte das preocupações freudianas. É sugerido, desde então, a existência de duas superfícies sensoriais, uma voltada para a percepção, e outra, para os processos de pensamento pré-conscientes. Além das excitações da periferia do sistema perceptivo, também existem as excitações de prazer e desprazer que são a única qualidade psíquica ligada às transposições de energia no interior do aparelho. Estas liberações de prazer e desprazer têm a função de regular o curso dos processos de investimentos (Freud, 1900). Somente na consciência, encontram-se as qualidades perceptivas ou sensórias. Freud sugere chamar o que se torna consciente “como prazer e desprazer de algo quantitativo e qualitativo no curso dos eventos mentais” (1923:35). Todos os outros processos dos sistemas, inclusive o pré-consciente, carecem de qualidade psíquica e, desse modo, não podem ser objetos da consciência, exceto na medida em que trazem prazer ou desprazer à percepção. Enfim, as idéias desprovidas de qualidade não se tornam conscientes (Freud, 1923, 1938a). A consciência, com efeito, é um fenômeno qualitativo despertado pela percepção das qualidades sensórias. Mas cabe destacar que o processo de consciência está condicionado às liberações de prazer e desprazer. Não há como falar em qualidades psíquicas sem considerar os termos econômicos envolvidos neste processo. Todas as percepções de fora ou de dentro do aparelho são conscientes, já os pensamentos são dependentes dos deslocamentos de energia psíquica.

Em 1923, Freud afirma que o pensamento é capturado como uma percepção externa: “É como a demonstração do teorema de que todo conhecimento tem sua origem na percepção externa. Quando uma hipercatexia do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são realmente percebidos – como se proviessem de fora – e conseqüentemente são considerados verdadeiros” (1923: 36-7). Aí se encontra um outro problema no funcionamento do aparelho psíquico: a distinção entre percepções e pensamentos. Para que uma representação se torne consciente, ela deve se vincular a um resíduo mnêmico. No entanto, o tornar-se consciente pode ser atingido através de outros

meios como é o caso, por exemplo, da produção de alucinação. A simples presença das representações verbais não garante um caminho seguro para se chegar à consciência.

Restos de palavras

Ao longo de toda a obra freudiana, se mantém a teoria de que a tomada de consciência dos processos de pensamento depende da sua associação com restos verbais. Somente algo que já foi uma percepção consciente pode voltar a se tornar consciente, e isto é alcançado através da ligação com os restos mnêmicos. Os restos mnêmicos podem ser representações de palavras que outrora foram percepções e podem, como todos os restos mnêmicos, voltar a ser conscientes (Freud, 1923; 1938a). As representações verbais ocupam um lugar estratégico que, através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. Na reestruturação do aparelho psíquico, em 1923, Freud compreende o papel das representações de palavra como mediação dos processos conscientes de pensamento.

Freud retoma a oposição representação palavra e representação coisa (apresentada na monografia sobre as afasias e no ensaio sobre o inconsciente) para recolocar a questão sobre a diferenciação entre consciente e inconsciente. Em relação à linguagem, mantém a tese de que as representações inconscientes são distintas das representações verbais. Por intermédio da linguagem, as representações quando associadas aos representes verbais, alcançam a consciência. Nesta perspectiva, não há linguagem no inconsciente, a linguagem estaria no terreno do pré-consciente. Ela se situa, precisamente, numa posição intermediária entre o inconsciente e o consciente (Kristeva, 2000). Freud é exato na sua afirmação:

“A diferença real entre uma representação do inconsciente ou do pré-consciente consiste que a primeira é efetuada em algum material que permanece desconhecido, enquanto a última é colocada em vinculação com representações verbais. Esta é a primeira tentativa de indicar marcas distinguidoras entre os dois sistemas, o Pcs. e o Ics., além de sua relação com a consciência” (Freud, 1923:33).

Assoun adverte que no ensaio ‘O Ego e o Id’, a oposição incide diretamente sobre a representação inconsciente como *vorstellung* pura e simples que corresponde a algo não reconhecido, uma espécie de matéria desqualificada e anônima. “O ser da representação de palavra é relacional, na medida em que ela nasce de uma conexão ou ligação com a outra, a representação bruta. Idéia a ser posta em consonância com a natureza relacional do signo lingüístico e, para além dele, com o ser relacional do próprio significante” (Assoun, 1995:89).

A princípio, o fato do inconsciente não se ‘comunicar’ - senão através da ligação com os representantes verbais - pode conferir uma predominância à relação entre pensamento verbal e o tornar-se consciente. No entanto, também está presente nesta hipótese a idéia de que não são propriamente as representações de coisa, este material anônimo e incognoscível, que se torna consciente. A consciência é atingida através da articulação entre as palavras e os traços que são irredutivelmente inconscientes.

A questão da representabilidade está ligada aos órgãos do sentido. A exposição do tema nas afasias e no ensaio sobre o inconsciente já menciona a predominância do aspecto auditivo nas representações de palavra. Em 1923, Freud define que os resíduos verbais derivam principalmente das percepções auditivas de maneira que o sistema Pcs possui uma fonte sensória especial. Em essência, “uma palavra é, em última análise, o resíduo mnêmico da palavra que foi ouvida” (1923:34). Esta afirmativa expõe duas formulações. Em primeiro lugar, somente o sistema pré-consciente pode se apresentar sob a forma de verbal. Em segundo lugar, para uma representação se tornar consciente, as representações pré-conscientes vão procurar os restos mnésicos das palavras que um dia foram escutadas. Kristeva sublinha a relação pulsional na formulação dos resíduos verbais: “É porque houve percepções nas palavras que essas palavras-percepções podem se ligar ao mesmo tempo à pulsão e, portanto ao investimento corporal. Palavras na encruzilhada entre os traços mnêmicos e a consciência” (Kristeva, 2000:87).

A ênfase à dimensão acústica da representação da palavra já havia sido pronunciada no estudo das afasias. O modelo freudiano concebe que as representações de palavras são essencialmente acústicas enquanto as representações de objetos são visuais. Compreender a palavra essencialmente como resto mnêmico de uma percepção indica, sobretudo, sua valorização como uma forma de expressão mais que seu próprio sentido. A situação em que a sonoridade da palavra tem prioridade sobre a significação

da palavra é uma perspectiva que também está presente nas investigações sobre os chistes. Na investigação sobre a relação dos chistes com o inconsciente, Freud demonstra claramente seu interesse na dimensão da expressão. “Num certo grupo destes chistes, a técnica consistiria em dirigir nossa atitude psíquica para *a sonoridade da palavra, em lugar do sentido da palavra*, e a fazer aceder a representação (acústica) da própria palavra à significação em lugar das representações de coisa” (Freud, 1905c:141).

A sensorialidade das palavras não está ausente na escuta das narrativas clínicas. Birman (1996) observa que a dimensão evocativa da palavra na qual lidamos na clínica psicanalítica remete necessariamente ao registro da corporeidade e do desejo. A partir deste registro é possível depreender as relações da linguagem com o corpo, pela mediação da sensorialidade das palavras. A voz e o registro da escuta constituem-se como canais sensoriais privilegiados para a produção e a circulação do sentido, o que os aproxima da experiência musical, de forma que é possível estabelecer uma relação entre escrita, fala e corporeidade.

3.4 A lógica dos contrários

Freud mantém um vivo diálogo com os estudos sobre a linguagem. Embora haja controvérsias sobre a validade teórica desta leitura não há como desconsiderar a riqueza desta interlocução. De certo, encontrar um respaldo científico para a psicanálise sempre foi uma forte motivação freudiana no sentido de promover interlocuções em outras áreas de saber. O interesse da psicanálise pela linguagem e a promissora troca entre os dois campos de estudos foram abertamente declarados por Freud. Não se pode negar, por exemplo, a influência das teorias da linguagem na construção do conceito de inconsciente. Destacaremos, especialmente, três artigos freudianos que proporcionam um diálogo com a questão da linguagem. Em 1910, Freud dedica um artigo sobre a problemática das palavras que portam significados contrários presente tanto na elaboração onírica como na composição das línguas arcaicas. É evidente seu interesse em demonstrar que, por detrás da aparente imprecisão e *non-sense* dos contrários, encontra-se uma ‘racionalidade’, o que legitima o trabalho de interpretação dos sonhos e a teoria do inconsciente. No texto, “O Estranho” (1919) e no artigo “A Negativa” (1925), o tema dos ‘contrários’ é revisitado sob um outro prisma. Freud descobre que a negação serve como uma marca do recalque. O ‘não’ se presta a uma negação, mas também permite afirmar algo através da negação. Nestes dois textos posteriores, destaca-se, sobretudo, uma leitura da questão sob o enfoque da pulsão de morte. Veremos o percurso de Freud sob o tema.

As línguas arcaicas e a linguagem do inconsciente

Freud se depara com uma característica muito peculiar nas investigações sobre a elaboração onírica. No funcionamento inconsciente, os contrários são tratados da mesma forma que as semelhanças, isto significa, por exemplo, que no sonho manifesto qualquer elemento pode também possuir o significado oposto. Este singular comportamento de ignorar os contrários e contradições também é encontrado nas teorias do desenvolvimento da linguagem. Algumas línguas arcaicas assim como a linguagem do sonho admitem um mesmo meio de representação para expressar contrários, uma palavra, por exemplo, pode expressar duas idéias opostas. Daí a pertinência de se propor

uma analogia entre a linguagem do inconsciente, verificada nos sonhos, e os estágios anteriores na história da linguagem.

Nas línguas mais antigas, algumas palavras são compostas por seus contrários: ‘forte-fraco’, ‘claro-escuro’, ‘grande-pequeno’. Originalmente, as palavras primitivas foram expressas pelas mesmas raízes verbais, até que sofreram transformações que passaram a indicar os dois significados. Freud dedica o artigo ‘A significação antitética das palavras primitivas’ para discutir o tema, e propõe uma comparação entre a elaboração onírica e as teses de Karl Abel. Conforme analisa o filólogo, a língua egípcia, desenvolvida antes das primeiras inscrições, continham um grande número de palavras com duas significações, sendo que uma era o oposto exato da outra. Por exemplo, ‘ken’ originalmente significava ‘forte’ e ‘fraco’. Abel defende a idéia de que a ambigüidade das palavras não significa, contudo, uma comunicação necessariamente ambígua. A entonação e os gestos apresentam de forma muito precisa, no contexto do discurso, a indicação de qual dos dois contrários o interlocutor tencionava comunicar. A fim de evitar os equívocos na utilização destas palavras, a expressão oral era acompanhada de diferentes entonações e gestos concomitantes. Na escrita, onde o gesto está ausente, seu lugar era ocupado por um sinal pictográfico que não se destinava a ser falado. O fato é exemplificado da seguinte forma: ‘ken’ com a significação de ‘forte’ era escrito com a figura de um homenzinho na vertical, após os sinais alfabéticos; quando ‘ken’ representava ‘fraco’, o que se seguia era a figura de um homem instavelmente agachado. Assim, apesar da ambigüidade dos sons e sinais, evitava-se o equívoco. Em um momento posterior, através de pequenas modificações da palavra homóloga original, chegou-se a duas representações distintas para expressar os contrários nela contidos. E, desta forma, ‘ken’ ‘forte-fraco’ derivaram ‘ken’ ‘forte’ e ‘kan’ ‘fraco’.

Uma outra característica dos sonhos, encontrada no antigo idioma egípcio, se refere à possibilidade da inversão da ordem dos sons numa palavra ao mesmo tempo em que se conserva a mesma significação. Como por exemplo: ‘hurry’ (‘pressa’) - ‘Ruhe’. Há uma proximidade destas inversões em palavras isoladas e o trabalho da elaboração onírica. Nos sonhos, a inversão aparece de inúmeras maneiras: inversão de eventos, inversão na ordem dos elementos, entre outras. Muito freqüentemente, nos sonhos “é a caça que atira no caçador” (Freud, 1915-6:215). Freud descreve os aspectos da

elaboração onírica como característica dos sistemas antigos de expressão falada e escrita. A elaboração onírica, por exemplo, executa uma versão dos pensamentos oníricos segundo um modo de expressão primitivo semelhante à escrita pictográfica. O processo corresponde a um retroceder da escrita alfabética à escrita pictográfica.

Na ‘Conferência XV’, em uma longa discussão sobre o tema da linguagem, Freud procura demonstrar e justificar a ‘vaguidade’ presente nos sonhos e nos antigos sistemas de expressão. A variedade das formas de expressão encontradas tanto nos sonhos como em escritas primitivas não seriam toleradas em nossa escrita atual. Os exemplos citados no texto ilustram a semelhança do processo de produção onírica e as formas de expressão de antigas escritas. Nas *escritas semíticas* somente estão indicadas as consoantes das palavras e o leitor deve inserir as vogais omitidas, segundo seus conhecimentos e o contexto. Na *escrita sagrada dos egípcios* compete à decisão arbitrária do escriba dispor as figuras da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. A fim de proceder a sua leitura, deve-se seguir a regra de ler em direção aos rostos das figuras, pássaros, e assim por diante. Na *escrita hieroglífica*, que não apresenta separação entre as palavras, as figuras são dispostas na página separadas por distâncias iguais; em geral, é impossível dizer se um sinal ainda faz parte da palavra precedente ou se forma o começo de uma nova palavra. O *idioma chinês* serve como um exemplo chave para demonstrar a imensa imprecisão presente também nas línguas.

“Como se sabe, compõe-se de numerosos sons silábicos que são falados isolados ou combinados aos pares. Um dos principais dialetos possui uns quatrocentos destes sons. Como o vocabulário deste dialeto é calculado em cerca de quatro mil palavras, porém, conclui-se que cada som tem, em média, dez significados diferentes — alguns menos, mas outros, em troca, têm mais. Existem numerosos métodos de evitar a ambigüidade, pois não se pode inferir, apenas a partir do contexto, qual dos dez significados do som silábico a pessoa tenciona transmitir ao ouvinte. Entre esses métodos estão aqueles que consistem em combinar dois sons em uma palavra composta e em utilizar quatro diferentes ‘tons’ na pronúncia das sílabas. Do ponto de vista de nossa comparação, é ainda mais interessante verificar que este idioma praticamente não tem gramática. É impossível dizer se uma das palavras monossilábicas é um substantivo, ou um verbo, ou um adjetivo; e não há flexões verbais, pelas quais se possa reconhecer gênero, número, desinência, tempo e modo. Assim, a linguagem consta, poderia dizer-se, apenas de matéria-prima, assim como nossa linguagem-pensamento fica reduzida, através da elaboração onírica, à sua matéria-prima, e se omite qualquer expressão de relação. *No idioma chinês, a solução do sentido, em todos os casos, cabe ao entendimento de quem ouve, e nisto a pessoa se guia pelo contexto*” (Freud, 1915-6: 276, grifos nossos).

Freud destaca que a imprecisão presente no idioma chinês não faz dele um veículo menos eficiente de expressão do pensamento. A diferença em relação aos sonhos é que o sistema de escrita se presta à comunicação. “Um sonho não pretende dizer nada a ninguém. Não é um veículo de comunicação; pelo contrário, destina-se a permanecer não-compreendido” (Freud, 1915-6: 277). A intenção freudiana de propor uma analogia com os sistemas de escrita se fundamenta na tentativa de demonstrar que a ‘incerteza’ e ‘vaguidade’ dos sonhos presente nas escritas não desqualificam a legitimidade das interpretações.

A interlocução entre a psicanálise e o estudo das línguas arcaicas está inserida no projeto freudiano de encontrar apoio, em outros campos de saber, para fundamentar teoricamente o conceito de inconsciente como um sistema. É notório o destaque que Freud concede a esta interlocução: “nós psiquiatras não podemos escapar a suspeita de que melhor entenderíamos e traduziríamos a língua dos sonhos se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem” (1910b:146). Nesta perspectiva, valoriza-se a hipótese das teorias lingüísticas sobre a significação antitética das palavras se conservarem não somente nas evoluções dos idiomas mais primitivos como também nos idiomas mais novos e até mesmo em algumas línguas ainda vivas.

Esta atitude freudiana de assimilação da lógica do inconsciente a da linguagem primitiva é interpretada por Kristeva de duas maneiras. Em primeiro lugar, demonstra a tentativa freudiana de amortecer a alteridade inconsciente em relação ao consciente. No texto de 1910, sobre a significação antitética das palavras, é sugerido que uma língua primitiva compartilha as propriedades do inconsciente, sustentando, desta forma, o objetivo de tornar consciente o inconsciente. O consciente, por sua vez, estaria presente na região de seu domínio. A segunda interpretação de Kristeva se refere ao fato de que a comparação de Freud entre línguas primitivas e o inconsciente se apresenta de modo inverso à concepção de linguagem tradicionalmente considerada consciente. A afirmação de que as palavras, mesmo primitivas, se comportam como um sonho “permitiria concluir que pode existir uma prática social em que as palavras se comportam como no sonho; e podem existir outras situações – poesias e mitos- em que o discurso consciente se comporta como os sonhos. O que amplia consideravelmente o campo do inconsciente” (Kristeva:2000:76). Neste caso, a linguagem se torna capaz de servir de traço de união entre consciente e inconsciente.

A apropriação freudiana das teses sobre o desenvolvimento da linguagem é considerada inadequada por Kristeva. Lembra a autora, que diferente do sonho, a língua é um sistema de diferenças e de discriminações e não de fusões dos contrários. De qualquer forma, a tese de Karl Abel foi recusada por alguns pesquisadores do campo da lingüística. Benveniste, por exemplo, critica o fato de Abel desconsiderar na sua tese a posição do sujeito da enunciação no ato do discurso. Os sentidos contrários de uma palavra podem ser enunciados pelo deslocamento do sujeito da enunciação. Nesta perspectiva, a mudança de posição do sujeito da enunciação interfere na perspectiva e

organiza as diferenças semânticas. Kristeva (2000) acredita que a aproximação proposta por Freud entre as línguas arcaicas e a linguagem do inconsciente não passa de uma utilização ideológica dos erros de Abel. O interesse principal de Freud era confirmar o encontro do inconsciente nas palavras e justificar, desta forma, que através da linguagem é possível alcançar o inconsciente. De fato, a atitude freudiana de buscar, em outros campos do saber, um estatuto científico para a psicanálise pode ter conduzido a muitos erros e imprecisões teóricas. Mas entendemos que o mais importante neste percurso freudiano não foi validar a teoria do inconsciente no campo da linguagem, mas encontrar algumas conexões que tornaram possível a construção teórica da psicanálise, mesmo que posteriormente pudesse ser evidenciada a fragilidade desta interlocução.

A linguagem na negação

O recurso do estudo das línguas também é evocado na reflexão sobre a complexidade da significação da palavra alemã *unheimlich* (estranho). No artigo “O Estranho”, Freud discute sobre a íntima relação entre o fenômeno de compulsão à repetição e o caráter de estranheza. O estranho é definido como algo assustador que remete ao que já é conhecido há muito tempo e há muito familiar. Freud procura ultrapassar a equação estranho = não familiar e tornar evidente que o familiar pode se tornar estranho e assustador. Depois de observar uma série de casos individuais, declara que conseguiu confirmar sua teoria em um exame do uso lingüístico. (Freud, 1919:277).

A palavra alemã ‘*unheimlich*’ se opõe a ‘*heimlich*’ [‘doméstica’]. Em um primeiro momento é possível relacionar o estranho a algo assustador porque não é conhecido e familiar. Mas nem tudo o que é novo e não familiar é assustador. O novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho, porém, algo precisa ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho. Freud encontra na lingüística um apoio para pensar sobre a palavra alemã *unheimlich*.

“Em geral, somos lembrados de que a palavra ‘heimlich’ não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de idéias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista. ‘Unheimlich’ é habitualmente usado apenas como o contrário do primeiro significado de ‘heimlich’, e não do segundo” (Freud, 1919:282).

Freud procura acentuar que a palavra *heimlich* porta um significado ambivalente (familiar e agradável; escondido e assustador) que coincide com a palavra oposta *unheimlich*. Neste caso, o *un* se torna símbolo do recalque, demonstrando, desta forma, o papel concedido à negação como marca do recalque.

Conforme sinalizamos, as incursões freudianas pelo campo da linguagem se destinam a encontrar uma confirmação da teoria sobre o inconsciente. A não contradição descreve um modo de funcionamento do inconsciente e a abordagem freudiana sobre este fenômeno revela uma forma singular do funcionamento do psiquismo, no qual a ‘lógica’ da contradição indica uma ‘rachadura’ entre a apreensão intelectual e afetiva. No artigo sobre o estranho, Freud argumenta que o caráter de estranheza pouco se relaciona à incerteza intelectual. Uma melhor compreensão dos fatos não significa uma superação da estranheza que está atrelada ao retorno de recalcado (Freud, 1919). A questão da ‘cisão’ entre afeto e consciência também é discutida no artigo “A Negativa” Freud analisa o ato que enuncia um pensamento ao mesmo tempo em que o nega. Destacamos o exemplo utilizado logo no início do texto: “agora você pensará que quero dizer algo ofensivo, mas realmente não tenho esse propósito” ou “você pergunta quem pode ser a pessoa do sonho. *Não* é minha mãe” (Freud, 1925: 295-7). Esta é uma forma de expressão de um desejo recalcado e, ao mesmo tempo, uma defesa através da negação do seu pensamento. O ato de negar é um substituto do recalque e, a partir do símbolo da negativa, o pensar se liberta das

restrições do recalque. Como assinala Freud, o ‘não’ se torna a marca distintiva do recalque, um ‘certificado de origem’, um *made in*. (Freud, 1925a:295-7).³⁸

Como vimos nos capítulos anteriores, a dualidade entre o intelectual e o afetivo está presente em toda a obra freudiana. Isto não a isenta de uma série de ambigüidades. No texto ‘A negativa’, esta dualidade comparece ao reeditar a hipótese do mecanismo do recalque em um contexto clínico. Por um lado, no trabalho de análise, é possível vencer a negativa e ocasionar a plena aceitação intelectual do recalcado, mas nem por isso o processo do recalque é removido, já que o ‘essencial’ do recalque permanece. A negativa permite que o conteúdo de uma idéia recalcada abra caminho até a consciência. Neste sentido, ela seria uma forma de tomar conhecimento do que está reprimido, sem contudo aceitá-lo. A conclusão freudiana é que “podemos ver como, aqui, *a função intelectual está separada do processo afetivo*” (Freud, 1925a:296, *grifos nossos*).

Acreditamos que, nesta formulação, Freud aponta para uma questão central: o descompasso entre a função intelectual e afetiva se refere à impossibilidade de assimilar as atividades intelectuais exclusivamente ao processo secundário. Este é um ponto de conexão entre estes textos freudianos. Nos três artigos citados - ‘A negativa’, ‘O estranho’ e ‘A significação antitética das palavras primitivas’ - podemos inferir que as atividades intelectuais são formuladas em termos de processos primários. No texto sobre a negativa, esta idéia está explícita na descrição das duas espécies de decisões atribuídas a função de julgamento: ela deve afirmar ou negar a posse de um atributo particular e deve asseverar ou discutir a existência de uma representação (Freud, 1925a:297). A principal contribuição do estudo do julgamento, descreve Freud, é que “talvez pela primeira vez, uma compreensão interna da origem de *uma função intelectual a partir da ação recíproca dos impulsos pulsionais primários*. Julgar é uma continuação, por toda a extensão das linhas da conveniência, do processo original

³⁸ O texto sobre a negativa tornou-se um texto fundamental na obra freudiana para discutir sobre a função do julgamento e sua implicação na constituição do sujeito. O tema foi debatido no célebre texto lacaniano “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud”. A duplicidade de sentidos da denegação: algo é negado e ao mesmo tempo conservado foi aproximada do estatuto da negatividade da filosofia de Hegel. No caso é destacado que a idéia da separação do intelectual e do afetivo, isto é uma aceitação intelectual do conteúdo recalcado como uma recusa afetiva. Jean Hyppolite, em seu comentário do texto freudiano, afirma que o que houve foi uma negação da negação, isto é uma afirmação, mas apenas uma afirmação intelectual (Lacan, 1954:383-401).

através do qual o ego integra coisas a si ou as expõe de si, de acordo com o princípio do prazer” (Freud, 1925a:299, *grifos nossos*). Considerar que a atividade do pensamento também é formado pelo processo primário implica na conexão entre o registro do pensamento e o registro energético. David-Ménard (2000) realça o fato de Freud tratar pensamento e satisfação sexual com os mesmos termos apontando uma diferença unicamente a nível energético. Isto significa admitir que haja descarga em todas as atividades representativas. Neste sentido, a noção do ato de julgar se torna ‘quase’ como um ‘tateamento motor’. Essa correspondência sugerida desde o ‘Projeto’ avança nos textos da ‘segunda tópica’ que exige uma concepção de pensamento vinculado ao pólo pulsional do psiquismo.

3.5 Uma economia subjetiva corpórea

Uma interessante perspectiva na obra freudiana para reflexão da problemática da linguagem no plano das intensidades está presente na concepção de ‘corpo erógeno’.

Em uma nova leitura do conflito psíquico, Freud compõe uma cartografia erógena, onde os sintomas são compreendidos em suas dimensões intensiva e semântica referidas à erogeneidade. As histéricas traziam um fato novo para clínica ao evidenciar um corpo regulado por outra lógica. As investigações freudianas levam à formulação da teoria da fantasia e da hipótese da natureza sexual dos sintomas neuróticos. Este caminho conduz a uma formulação original da noção de corpo, considerando sua erogeneidade. A hipótese do caráter erógeno do corpo foi inicialmente anunciada a partir da observação das zonas histerógenas, designadas como partes dolorosas do corpo das pacientes histéricas que, quando examinadas, provocavam sensações mais próximas ao prazer que da dor. Esta observação tornava evidente a associação entre pensamento e corpo, uma vez que a expressão das pacientes não se relacionava às dores e sim aos pensamentos que remetiam a uma cena sexual. Freud deduz que as zonas histerógenas se relacionam a uma parte do corpo que se tornou erógena. O sintoma, então, passa a ser compreendido como uma inscrição no corpo erógeno regulado pelo fantasma.

A noção de zona erógena, esboçada nas cartas a Fliess, ganha um desenvolvimento extenso, em 1905, no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Este ensaio apresenta a descoberta mais contestada: a sexualidade infantil. Inicialmente, as zonas erógenas são definidas como certas regiões do corpo – sobretudo as zonas de revestimento de pele ou membranas mucosas, especialmente as orificiais. Há algumas partes do corpo que apresentam o caráter de erogeneidade de forma marcante e, para enfatizá-las, Freud faz referência à ‘zonas predestinadas’, aquelas que são particularmente sensibilizadas – um bom exemplo são as partes que recebem cuidados maternos. Depois do estudo do narcisismo, todo o corpo passa a ser considerado como erógeno. Em 1915, acrescenta uma nota de rodapé nos “Três ensaios...” revendo sua posição anterior: “após refletir mais e depois de levar em conta outras observações, fui levado a atribuir a qualidade de erogeneidade a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos”(Freud, 1905a: 188). Em um dos seus últimos textos, “Esboço de psicanálise”, também declara que as partes do corpo em que a libido

se origina são chamadas de zonas erógenas, embora “de fato, o corpo inteiro seja uma zona erógena deste tipo” (1938a: 176).

A ‘aptidão’ para funcionar como zona erógena não está relacionada à natureza da parte do corpo em questão, mas à sensação de prazer que pode ser produzida. As zonas erógenas compartilham das mesmas características das zonas histerógenas, ou seja, do fato de que qualquer parte do corpo pode adquirir a mesma suscetibilidade ao estímulo possuída pelos órgãos genitais e promover uma satisfação sexual. Para Leclair (1992), as zonas erógenas funcionam como ponto de intercessão entre o corpo biológico e o corpo erógeno. Quando afirma que o corpo erógeno é o duplo do corpo biológico, o autor procura demonstrar que, embora todos os pontos da superfície do corpo formem um conjunto orgânico, qualquer um deles pode originar excitação sexual e se transformar conseqüentemente em zona erógena. O corpo erógeno é resultado de inscrições feitas no corpo biológico, a partir do mapeamento de zonas erógenas por ação do outro. Portanto, a noção de corpo erógeno consiste numa distinção em relação ao organismo.

Torna-se evidente, então, que o corpo erógeno é construído. É justamente por isso que Freud define uma geografia corporal desenhada a partir da erotização e não da anatomia. As zonas erógenas funcionam como ‘zonas de troca’ que começam a ser estabelecidas na relação dos cuidados maternos. Portanto, são as que mapeiam o corpo, tornando-o erógeno a partir das inscrições de experiências de satisfação. Segundo Birman (1999), a zona erógena sugere a idéia de ‘porosidade corporal’. É uma região que faz fronteira entre os outros corpos e relaciona o dentro e o fora do corpo. O marcante nessas regiões privilegiadas de fronteira – a zona erógena da boca, do ânus e dos genitais – é que elas estão na ordem da ‘fratura na carne’.

A erogeneidade também aponta para a idéia de excesso pulsional, na medida em que se refere a um corpo atravessado por intensidades. Na experiência clínica da histeria, também se faz notar um corpo que não corresponde ao plano da imagem e da representação. Alguns comentadores da obra freudiana, entre eles, Birman, David-Ménard e Schneider, valorizam o conceito freudiano de corpo erógeno procurando realçar o aspecto econômico - de excesso pulsional - na experiência subjetiva.

No plano filosófico, uma interessante contribuição para reflexão sobre a realidade intensiva da histeria encontra-se no livro *A lógica da sensação*, no qual Gilles Deleuze propõe uma correlação entre a histeria e a pintura. O livro é dedicado ao consagrado pintor irlandês Francis Bacon (1909-1992) que, através do seu trabalho de desfiguração e deformação do corpo humano, dirige uma crítica à figuração e à organização. Deleuze procura aproximar o trabalho de Bacon a uma ‘pintura da sensação’ que recusa a oposição representação *versus* representado. Buscando sair do enquadre figurativo de uma pintura narrativa ou simbólica, Bacon procura ‘atingir’ a dimensão não-representacional, através da pintura da sensação.

O fenômeno da histeria é aproximado da proposta da pintura da sensação, na medida em que ambos denunciam a crise do modelo representativo. O corpo histérico, resistente à representação, aparece como um efeito de superfície, um excesso de presença. Tal como a pintura, a histeria extrai a presença, além da representação. “O histérico é ao mesmo tempo aquele que impõe sua presença, mas também aquele para quem as coisas e os seres estão presentes, presente demais, e que dá a cada coisa e comunica a cada ser esse excesso de presença” (Deleuze, 1981:57).

Na análise deleuziana, a realidade do corpo histérico é revisada. Interessa-nos destacar três aspectos relevantes para o nosso estudo em questão: seu caráter de excesso em presença; sua realidade intensiva e sua provisoriedade.

A qualidade de ‘excesso de presença’ sinaliza um importante aspecto do corpo erógeno. A presença não se refere ao ‘corpo vivo’, ao corpo próprio da fenomenologia, não concerne à experiência qualitativa do sensorial da percepção, mas à realidade intensiva do corpo.

Deleuze relaciona a pintura de Bacon à experiência poética de Antonin Artaud para demonstrar o ‘fato intensivo do corpo’. A intensidade ultrapassa a composição de organismo e também evidencia o *limite* do corpo vivido. É o que Artaud descobre e nomeia de corpo sem órgãos. O ‘corpo sem órgãos’ é um corpo intenso e intensivo que se opõe à organização dos órgãos. O artista parte do princípio que o corpo não tem órgãos, mas níveis de sensação, uma realidade intensiva que não se determina por dados representativos, mas por variações de intensidade. Esta concepção de corpo sem órgãos

aproxima-se à realidade viva do corpo da histeria. Deleuze chama a *realidade viva* deste corpo de histeria.

“Uma onda de amplitude variável percorre o corpo sem órgãos, traça nele zonas e níveis segundo as variações de sua amplitude. Uma sensação aparece no encontro de um determinado nível da onda com forças exteriores. Um órgão será, portanto, determinado por esse encontro, mas um órgão provisório, que só dura o quanto durarem a passagem da onda e a ação da força, e que se deslocará para se situar em outro lugar. (...) Com efeito, não faltam órgãos ao corpo sem órgãos, falta-lhe apenas organismo, quer dizer, organização de órgãos. O corpo sem órgãos se define, portanto, como *um órgão indeterminado*, enquanto o organismo se define por órgãos determinados” (Deleuze, 1981:53-4).

O terceiro aspecto singular do corpo erógeno é o fato de ser definido por sua indeterminação, próximo à noção de corpo sem órgãos – “uma presença temporária e provisória dos órgãos determinados” (Deleuze, 1984:54). Neri (2003) sugere uma interessante correlação entre a noção de órgãos temporários e transitórios; órgão indeterminado polivalente e a ‘independência’ das históricas em relação ao saber anatômico. No texto “Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e históricas”, Freud afirma que o sintoma histórico remete a uma outra realidade do corpo, expressando uma realidade intensiva: o braço paralisado não remete a uma lesão funcional, mas a expressão de um valor afetivo que lhe é conferido. Para a autora, neste trecho se revelam as cartografias inéditas, singulares que a histórica modula em seu corpo, segundo as ondas de intensidade e de afeto que o atravessam.

Nosso objetivo, nestes apontamentos, é sublinhar o potencial da realidade intensiva do corpo erógeno no discurso freudiano.

Capítulo IV – Freud a posteriori

*Adianta querer saber muita coisa?
O senhor sabia, lá para cima – me disseram.
Mas de repente chegou neste sertão,
viu tudo diverso diferente, o que nunca tinha visto.
Sabença aprendida não adiantou para nada.
Guimarães Rosa*

4.1 Linguagem e a crise da representação

Partimos do pressuposto da centralidade da questão da linguagem na psicanálise. Um dos aspectos primordiais para adentrarmos nesse campo discursivo seria nos interrogarmos como a linguagem se insere no psiquismo. Podemos pensar na inscrição da linguagem a partir de um modelo fonético ou de um modelo da escrita que, por sua vez, corresponde a diferentes posições em relação à lógica metafísica das representações.

A construção da psicanálise e conceitualização a respeito da linguagem foi influenciada pelo projeto da modernidade caracterizado por uma ruptura com o modelo de representação. Enquanto na Idade Clássica a linguagem era concebida como um meio de conhecer as coisas (as palavras representavam as coisas), na modernidade questiona-se a função representativa das palavras que reflete na disjunção entre palavras e coisas. Abre-se um hiato entre enunciado e enunciação, o que torna o trabalho de interpretação interminável (Foucault, 1967). Vale salientar que a partir desta nova concepção, a categoria de representação passa por uma modificação: ao invés de vincular-se à origem da linguagem, ela passa a ser um efeito da linguagem e de suas leis (Machado, 1982).

É possível observar a extraordinária influência da reformulação da categoria da representação na obra freudiana. Considerar a linguagem sob o aspecto intensivo foi, certamente, a maior radicalidade do pensamento freudiano em relação ao

descentramento do sujeito e a relativização da categoria de representação. A linguagem ocupando um lugar intermediário, tal como as pulsões, evidencia, ao mesmo tempo, um campo da economia das intensidades e um campo das representações psíquicas.

Ao longo do percurso da construção da psicanálise, podemos observar aproximações e rupturas no pensamento freudiano em relação à metafísica. Há um tratamento original à noção de representação que se reflete, por exemplo, nas rupturas teóricas ao longo da obra freudiana. Estes deslocamentos teóricos trazem novos elementos para a problemática da linguagem e inauguram algumas modalidades de descentramento. Birman (1997) identifica três momentos decisivos: o descentramento do consciente para o inconsciente; do 'eu' para o outro; e da consciência, do 'eu' e do inconsciente para as pulsões.

A primeira forma de descentramento, Freud realiza quando constata a impossibilidade de identificar o psiquismo a consciência. Ser consciente não passa de uma qualidade, e uma qualidade inconstante do psíquico. Portanto, não poderia ser utilizado como referência absoluta para a compreensão da vida psíquica em geral. Considerando as diferentes modalidades de representação psíquica (inconsciente, pré-consciente e consciente) é pressuposta a divisão do sujeito.

A segunda forma de descentramento se daria do 'eu' para o outro. Tal descentramento ocorre quando são colocados em pauta os valores de autonomia, autoconservação e de soberania da razão e, na medida em que o 'eu' passa a ser marcado pelas incidências do sexual. A experiência do narcisismo vem demarcar como o sujeito se constitui no e pelo outro. Desta maneira, poderíamos pensar o campo do sujeito marcado pela exterioridade.

Mas o fato é que, nessas duas modalidades, a crítica do centramento do sujeito opera-se no campo da representação. Somente no terceiro descentramento - da consciência do 'eu' e do inconsciente para as pulsões - é que se radicaliza a concepção de descentramento do sujeito. Esse momento implica em um deslocamento de formações psíquicas inseridas na representação (a consciência, o 'eu', o inconsciente) para as pulsões. Assim considera-se o limite da representação e a idéia de uma modalidade de pulsão que não tem representação, mas efetivamente, uma pura intensidade. Nessa perspectiva, a linguagem se afasta de uma posição de conhecimento

tornando necessário considerar a hipótese de uma linguagem atravessada pelas intensidades.

A crise do modelo de representação vai marcar todo o pensamento estruturalista e pós-estruturalista. Dentro do contexto psicanalítico se destaca a extraordinária discussão que Lacan promove ao efetuar uma interlocução da lingüística com a teoria do inconsciente. Sua grande proposição foi legitimar o lugar da linguagem na psicanálise valorizando especialmente o aspecto da fala nas formações do inconsciente. No plano filosófico encontram-se algumas confrontações com o campo psicanalítico oferecendo como paradigma uma concepção de linguagem numa perspectiva da escrita. Destaca-se neste cenário a filosofia de Jacques Derrida e Gilles Deleuze, reconhecidos como pensadores da diferença, que demonstram a preocupação em indicar os limites do movimento estruturalista, através de um caminho absolutamente singular e original. Os filósofos denunciam o possível vínculo da psicanálise com a metafísica e apontam a imensa diferença em pensar a problemática da linguagem a partir da grafia. A filosofia deleuziana e derridiana nos interessa, sobretudo, por sua atenção à concepção do inconsciente que não separa força e sentido, nos convocando a pensar a linguagem atravessada por intensidades.

4.2 Lacan e o retorno à linguagem

As palavras podem engravidar as histéricas.
Lacan

É inegável a contribuição de Lacan no trabalho de interpretação dos conceitos freudianos e na revalorização do lugar da linguagem no campo psicanalítico. A leitura lacaniana retoma a lógica da metapsicologia freudiana, destacando de forma notável o lugar privilegiado da linguagem no discurso freudiano. O enfoque de Lacan salienta não somente a articulação da experiência psicanalítica fundada *na* fala e *pela* palavra como também ressalta os efeitos cruciais do ato psicanalítico que corroboram com a afirmação segundo a qual a obra freudiana inaugura uma concepção de psiquismo fundada na linguagem.

Na década de 50, Lacan se aventura no projeto de retomar a palavra de Freud, enfatizando a relação entre o inconsciente e a linguagem. O empreendimento lacaniano se insere numa proposta crítica contra a dispersão dos conceitos freudianos - bem como sua equivocada apropriação por parte de sociedades psicanalíticas – que ao enfatizarem a continuidade de representações conscientes e inconscientes, acabam postulando uma concepção de tratamento reduzida a um regime de adaptação social e biológica (Katz, 2003).

Dois textos são pilares nesta empreitada. Em primeiro lugar, “Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise”, publicado em 1953, mais conhecido como ‘Discurso de Roma’ – é um marco fundamental do rompimento de Lacan com a IPA (International Psychoanalytical Association). E, em seguida, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud”, editado em 1957.

Lacan, nos textos acima citados, procura restaurar a originalidade freudiana da experiência do inconsciente sob a hipótese que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. A motivação lacaniana consiste em reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem, como também, aos fundamentos circunscritos na técnica. Assim, em 1957, de forma incisiva é ressaltada a necessária articulação com a linguagem.

“E como não haveria até mesmo um psicanalista de hoje de sentir que chegou a isso, a tocar na fala, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu quadro, seu material e até mesmo o ruído do fundo das suas incertezas? Nosso título (o sentido da letra) dá a entender que, para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (Lacan, 1957:497-8).

No ‘Discurso de Roma’, a hipótese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem é examinada inicialmente, a partir da teoria freudiana dos sonhos. A problemática do inconsciente é abordada através dos preceitos da lingüística.

“Então que retomemos a obra de Freud na *Traumdeutung* para ali lembrarmos que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito, como nos caracteres cujo uso a China conserva” (Lacan, 1953:268)

Lacan procura tornar evidente como no campo teórico da psicanálise e, mais precisamente, na obra de Freud, já se encontram introduzidos alguns conceitos lingüísticos. Na reflexão teórica denominada ‘retorno a Freud’, o autor analisa a relação entre inconsciente e linguagem e aplica princípios da lingüística estrutural no terreno da psicanálise. Na verdade, é proposta uma analogia estrutural entre os processos da linguagem e a dinâmica do inconsciente. O inconsciente se estrutura como uma linguagem e, através do ato da linguagem, ele comparece através de um mecanismo específico. Lacan sustenta sua hipótese numa conjugação epistemológica da teoria freudiana do inconsciente com a teoria lingüística de Ferdinand Saussure, articulando a

experiência analítica fundada na fala e a estrutura do psiquismo como linguagem.³⁹ Para isso, se apropria dos conceitos presentes na formulação de Saussure sobre signo lingüístico.

É interessante notar que a formulação saussuriana de signo lingüístico se insere em um contexto de rompimento com algumas tradições de pensamento, precisamente com a concepção que supõe uma naturalização da unidade lingüística tal como uma associação de um termo a uma coisa. O signo lingüístico não une uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica. Saussure entende que a imagem acústica não é um som material, algo puramente físico, mas a marca física deste som. De forma que temos, por um lado, a representação dada pelos sentidos, descrita como ‘material’, e por outro lado, o conceito, geralmente mais abstrato (Saussure, 1980). O signo lingüístico aparece então como uma entidade psíquica de duas faces, cujos dois elementos são instituídos de imediato numa relação de associação. Ele é, antes de tudo, uma ‘relação’. Apesar de sua aparente fixidez no sistema da língua, o signo é suscetível a modificações na dimensão da linguagem. Saussure propõe o signo como uma entidade dupla que comporta o conceito (significado) e a imagem acústica (significante). Como esclarece o autor: “propomos conservar a palavra signo, para designar o total, e substituir conceito e imagem acústica, respectivamente, por significado e significante” (1980:99). De acordo com a teoria saussuriana, a cadeia falada é uma dupla cadeia: cadeia dos conceitos (significados) e cadeia das imagens acústicas (significantes). Numa acepção do sistema estrutural da linguagem, os signos lingüísticos se tornam significativos por seu conteúdo e, sobretudo, pelas relações de oposição que mantêm entre si na cadeia falada. Para Lacan essa posição será realçada na reflexão sobre a linguagem no campo da psicanálise. A diferença fundamental é que na linguagem os signos adquirem valor por sua relação com os outros signos. Na linguagem dos animais, por exemplo, haveria uma correlação fixa entre os signos e a realidade que eles expressam (Lacan, 1953). A partir da oposição entre significante e significado, Lacan desenvolve sua hipótese do inconsciente como linguagem. Assim, concedendo uma primazia ao significante em

³⁹ O estruturalismo lingüístico exerceu uma forte influência na obra de Lacan. Na proposta de demonstrar a função da linguagem no pensamento psicanalítico, Lacan também discutiu a obra de autores como Émile Benveniste, Roman Jakobson. Neste trabalho nos deteremos especialmente na discussão das concepções de Ferdinand Saussure que permitem um diálogo direto com o nosso tema de pesquisa.

relação ao significado, demonstra que o significante só se relaciona com outros significantes. A cadeia significante não se reduz a um significado, pois a produção de significado será sempre um efeito da trama significante.

Uma das principais características do signo lingüístico, levantada por Saussure, é seu caráter arbitrário. Este não denota gratuidade ou aleatoriedade, mas uma ordem no universo do sentido. O arbitrário do signo manifesta-se ao nível da associação entre significante e significado. A arbitrariedade do signo aponta, fundamentalmente, para ausência de uma ordem que defina um vínculo entre o conceito e a imagem acústica. Neste contexto, o significado não apresenta nenhuma ligação natural com a realidade. (Saussure, 1980). Portanto, não há uma imagem a ‘espera’ de um conceito para representá-la. A significação só se constrói na relação entre significante e significado.⁴⁰

Outra importante idéia presente na teoria de Saussure é capturada por Lacan. O signo lingüístico corresponde a uma articulação da idéia de um som e uma seqüência fônica que se constitui como significante de uma idéia. “A língua é comparável a uma folha de papel. O pensamento é a face, o som o verso; não se pode cortar a face sem cortar ao mesmo tempo o verso; assim também, na língua, não poderíamos isolar o som do pensamento, nem o pensamento do som” (Saussure, 1980:157). A língua é compreendida como um sistema de diferenças de elementos e um sistema de oposição de elementos. Segundo Saussure, “quer se tome o significado ou significante, a língua não comporta nem idéias, nem sons que pré-existiriam ao sistema lingüístico, mas unicamente diferenças fônicas e diferenças conceituais oriundas desse sistema” (1980:166). Esta posição valoriza, por um lado, uma dessubstancialização do significante e por outro concede um privilégio ao significante acústico. Lacan explora a idéia da autonomia do significante em relação ao significado, a qual só é concebível na medida

⁴⁰ Sob determinado aspecto, a questão da arbitrariedade do signo – que permite articular as duas faces do signo - poderia ser aproximada à formulação freudiana de linguagem. Tal como o signo lingüístico, não é por semelhança natural ou por aptidão que é estabelecida a ligação entre representante palavra e representante coisa. Mas por outro lado, Freud concebe as representações como um complexo demarcando, desta forma, sua heterogeneidade. Sob este prisma, Kristeva (2000) entende que não há correspondência entre significante e significado e representante coisa e representante palavra, pois cada um dos elementos em Freud comporta múltiplos estrados, há uma rede complexa em séries ou níveis. Assoun (1995) também distingue o fato de que enquanto Saussure engloba os dois tipos de representação sob o termo de signo lingüístico, Freud mantém a autonomia dos registros.

em que significante e significado não mantêm uma relação fixa. A relação do significado com o significante é sempre fluida, sempre prestes a se desfazer.

Como afirmamos anteriormente, Lacan procura aproximar alguns conceitos saussurianos sobre a linguagem ao mecanismo de funcionamento do inconsciente. Fundamentando neste paradigma, afirma que todas as formações do inconsciente poderiam ser analisadas sob o prisma da estrutura da linguagem, como por exemplo, o sintoma. “O sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada” (Lacan, 1953:270). A idéia propõe que o sintoma seria um significante de um significado recalcado da consciência. Nesta perspectiva, a propriedade da fala se torna privilegiada na medida em que pode fazer ouvir o que ela não diz.

No ‘Discurso de Roma’, o registro da fala é realçado numa concepção de inconsciente transindividual referido à ordem simbólica. Lacan denuncia o fato da tradição psicanalítica ter relegado a fundação do inconsciente na linguagem e na fala. A perspectiva lacaniana se vincula ao estruturalismo e concede um lugar privilegiado a linguagem e a ordem simbólica. O pressuposto fundamental sustenta-se na asseveração segundo a qual a linguagem é anterior a qualquer experiência particular do sujeito. Neste sentido, o sujeito é pensado numa trama simbólica: “o homem fala, portanto, mas é porque o símbolo o fez homem” (Lacan, 1953:278). Em 1957, a idéia da submissão do sujeito à linguagem é claramente expressa na afirmativa: “O sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (Lacan, 1957:498). O desdobramento desta posição na obra lacaniana é considerar o sujeito como uma construção da linguagem submetida à ordem simbólica. A ordem da linguagem equivale à Lei que encontra na metáfora paterna um suporte da função simbólica (Lacan, 1953:279). No caso, o simbólico reconhece a falta que constitui as subjetividades. Mas é digno de ressalva que, alguns anos mais tarde, o conceito de gozo permite articular o desejo não submetido unicamente à rede significante.

É evidente a imensa contribuição de Lacan ao colocar em primeiro plano a linguagem no campo da psicanálise. Por um lado suscitou, sem dúvida, um importante

debate em torno de conceitos freudianos mas, por outro lado, retomou uma ‘conhecida’ problemática que coteja as investigações psicanalíticas, a saber, sua vinculação com os pressupostos metafísicos. Um dos mais importantes questionamentos decorrentes desse percurso lacaniano seria a indagação se realmente a psicanálise teria conseguido integrar o afeto à linguagem do inconsciente. Na primeira parte do ensino lacaniano, o cenário de fundo se compõe de forma que psiquismo é definido a partir do campo de representações ou de significantes, enquanto o afeto pertence à categoria do inarticulável. Quando Lacan circunscreve a leitura significativa do inconsciente, o afeto é desconsiderado. Por isso, muitos comentadores ressaltam a perspectiva intelectualista de Lacan neste primeiro momento do seu ensino.⁴¹

Seguindo esta lógica, o problema é que a linguagem pode reforçar a dualidade metafísica, dando margem, portanto, à promoção da separação entre corpo e psiquismo. Lacan postula o lugar discursivo da existência dos significantes. Sob este aspecto, examina Chaim Katz, apaga-se o espaço entre somático e psíquico do processo pulsional, uma vez que as pulsões tornam-se objeto de captura da ordem do Desejo e só assim conquistam o estatuto verdadeiro. Trata-se, portanto, de uma engrenagem que desconsidera o corpo vivente e pensa o erotismo e os processos vitais apenas enquanto ordem simbólica, sem intensidades (Katz, 2003).

Se a valorização do campo da linguagem traz a vantagem de afastar uma leitura biologizante da teoria psicanalítica, em contrapartida, apresenta a questão de como tornar possível a articulação do inconsciente ao corpo e ao afeto. A concepção de linguagem apresentada por Lacan, sustentada em alguns conceitos da lingüística estrutural, aproxima a linguagem de um código matemático, expondo o pensamento psicanalítico ao efeito de uma dualidade metafísica que o texto freudiano buscava superar. Kristeva adverte que na formulação ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’ observa-se uma problemática tendência a ‘matematização’ do inconsciente. O inconveniente desta proposição é que a linguagem não ocupa um lugar de

⁴¹ Destacam-se, por exemplo, o trabalho teórico dos psicanalistas como Joel Birman, Chaim Samuel Katz, Monique Schneider, Monique David-Ménard que procuram realçar o aspecto econômico da experiência subjetiva. Nesse contexto, não podemos deixar de destacar também a crítica de André Green a teoria lacaniana em relação a exclusão do afeto. Porém, o risco que se encontra na leitura de Green é tratar as pulsões e os afetos como campos distintos e heterogêneos da psicanálise.

intermediário que poderia circular entre os registros corpo e psiquismo e isto promove um retorno a um problema que Freud tentou conciliar ao considerar a dualidade energia e representação sem esvaziar nenhum dos campos. Desta forma, a suposta matematização da linguagem acabaria reforçando a perspectiva freudiana de que o processo psicanalítico estaria orientado a rearticular a força pulsional ao universo da representação (Kristeva, 2000).

O maior problema neste modelo de linguagem proposto por Lacan, na primeira parte do seu ensino, é a desconsideração do plano das intensidades. Sua sustentação teórica parte do princípio de uma organização simbólica e da transcendência da linguagem. Para que o sujeito pertença à linguagem ou, mais precisamente, para que o sujeito possa 'surgir' é necessário supor uma perda, que é condição da própria linguagem. Trata-se de um modelo em que a linguagem desubstancializa a economia psíquica. Conforme constatamos, a problemática tal como é abordada por Lacan pode reeditar uma dicotomia metafísica. Podemos ainda percorrer, a partir da filosofia de Derrida, como este privilégio da fala encontrado na teoria de Lacan se vincula especialmente ao logocentrismo.

4.3 A escrita de Derrida

4.3.1 A linguagem e o logocentrismo

*A escritura é o nome de duas ausências:
de signatário e de referente.
Derrida*

Derrida se dedica a um notável estudo dos fundamentos que sustentam a valorização da linguagem no seu aspecto fonético, demonstrando o vínculo entre a fonética e o logocentrismo. O filósofo recusa a idéia de um modelo transcendente de linguagem que exclui o registro das intensidades e insiste em conceber a linguagem a partir da idéia de grafia mais próxima à escrita no plano corporal. No seu projeto de desconstrução do logocentrismo, descreve como o recalque da escrita encontra seu alicerce na tradição metafísica do ocidente.⁴²

O autor analisa a conexão entre *phoné* e racionalidade ao longo da história e demonstra que o privilégio dado à concepção de linguagem através da fala se sustenta no paradigma logocêntrico. No livro *Gramatologia* encontra-se a proposta de desconstrução do conceito de linguagem e, para tal, um dos argumentos centrais é a demonstração de como a noção de *phoné* influenciou a construção do conceito de signo. A vinculação entre fonia e metafísica está presente na formulação de signo proposta por Saussure no *Curso de lingüística geral*. Apesar de reconhecer que o significante lingüístico não é essencialmente fônico, mas uma marca física do som, Saussure não deixa de realçar o ‘liame natural’ entre o pensamento e a voz, o sentido e o som, fazendo referência ao termo pensamento-som. Sugerindo, desta forma, um privilégio da *phoné* na unidade do signo (Derrida, 1967b).

O privilégio da voz, o fonocentrismo está relacionado à afetação do sujeito em sua interioridade. Desde Aristóteles, por exemplo, considera-se que os sons emitidos pela voz são os símbolos da alma e as palavras escritas, os símbolos das palavras

⁴² Na tradução brasileira se optou traduzir o termo ‘*écriture*’ por ‘escritura’. Alguns comentadores da obra de Derrida escolheram utilizar o termo ‘escrita’ por sua maior proximidade a idéia de escrito e texto. Para não alterar o corpo de texto das citações, preferimos utilizar os dois termos.

emitidas pela voz. A essência da *phoné* se vincula ao pensamento como logos e sentido, portanto, o fonologocentrismo vem descrever a intimidade entre voz e sentido. O elemento dessa consciência geradora do sentido é a *phoné*, identificada, por sua vez, ao significado transcendental do mundo. Mesmo que se relacione a sonoridade ao lado do significante sensível e contingente será necessário admitir que a unidade imediata e privilegiada que fundamenta a significância e o ato de linguagem é a unidade articulada do som e do sentido. A voz, então, é definida como a consciência. Esta associação entre logos, campo da racionalidade e domínio da consciência através da palavra seria uma característica de todo o pensamento ocidental. Outro ponto importante a ser considerado no modelo do fonologocentrismo é que esse demanda uma concepção de significado transcendental e veremos que esta composição é essencial na formulação da noção de signo.

“É preciso um significado transcendental para que a diferença entre significante e significado seja em algum lugar absoluta e irreduzível. Não é por acaso que o pensamento do ser como pensamento deste significado transcendental manifesta-se por excelência na voz: isto é numa língua de palavras. A voz ouvese – isto é, sem dúvida, o que se denomina consciência – no mais próximo de si como o apagamento absoluto do significante” (Derrida, 1967b:24).

A fonética está mais próxima do significado determinado pelo sentido. Há uma união indissolúvel da voz à alma ou ao pensamento do sentido significado. O significante escrito não tem nenhum sentido constituinte. Aí se encontra o fundamento da noção de significante. A noção de signo sempre implica em alguma distinção entre significante e significado. Derrida demonstra como esta distinção entre significante e significado pertence à história da metafísica. A questão do signo pertence “à tradição que pretendia subtrair o sentido, a verdade, a presença, o ser etc, ao movimento da significação” (1967b:17). A essência formal do significado é a ‘presença’ e o privilégio de sua proximidade ao logos como *phoné*. Assim como o signo também pode ser determinado apenas a partir da presença (Derrida, 1967b).

Para o projeto de desconstrução, Derrida (1967b) retoma algumas posições questionadoras de Nietzsche em relação ao conceito de verdade única e das certezas inabaláveis construídas pelo logocentrismo, através de um sistema de oposições binárias hierarquizadas, tais como causa-efeito, presença-ausência, essência-aparência, natureza-cultura, fala-escrita. O trabalho nietzchiano consiste em libertar o significante de sua dependência ou de sua derivação com referência ao logos e ao conceito, conexo de verdade ou de significado primeiro. No entanto, Derrida não deixa de considerar que a ligação fono-lógica não constitui exatamente de um ‘erro filosófico’. Assim, pode-se percorrer ao objetivo de desconstrução do signo, mas não se pode fugir ao signo. Numa entrevista a Julia Kristeva, o autor afirma: “E supondo, o que eu não creio, que pudéssemos algum dia *simplesmente* fugir da metafísica, o conceito de signo terá assinalado, nesse sentido, um freio e, ao mesmo tempo, um progresso” (Derrida, 1972:23). Em *Gramatologia*, Derrida comenta sobre este ‘inevitável’ encontro com a metafísica que fundamenta a própria origem do mundo nas oposições dualistas.

“O privilégio da *phoné* não depende de uma escolha que teria sido possível evitar. Responde a um momento da economia (digamos da ‘vida’ da ‘história’ ou do ‘ser como relação para consigo’). O sistema do ‘ouvir-se-falar’ através da substância fônica – que se dá como significante não-externo, não mundano, portanto não-empírico ou não-contingente – teve de dominar durante toda uma época a história do mundo, a idéia de origem do mundo a partir da diferença entre o mundano e não-mundano, o fora e o dentro, a idealidade, o transcendental e o empírico” (Derrida, 1967b:9).

A consolidação do logocentrismo é outro decisivo aspecto que se estabelece a partir do princípio do recálque da escrita. A dissimulação da dimensão não-fonética da escrita ou seu recalque privilegiou a unidade do logos com a fala como origem da verdade em geral. Deste modo, a escrita foi considerada como secundária e instrumental, traduzindo apenas uma fala plena e inteiramente presente. Porém, nos parece notório que a escrita fonética é atravessada por diversos outros recursos que lhe impõem um *espaçamento* inadmissível na unidade da *phoné*. Se compararmos outros

tipos de escrita, tais como a ideogrâmica ou a hieroglífica, constatamos que a relação entre a escrita em geral e o sistema lingüístico falado não se refere a uma determinação representativa, mas a configurações distintas de um processo comum.

A lingüística se constitui como ciência geral do sistema lingüístico a partir da exclusão de um sistema de escrita particular. Como observa Derrida, a lingüística se organiza como uma ciência baseada no pressuposto metafísico quanto às relações entre fala e escritura. Saussure busca a natureza original da língua na relação pensamento-som e a escritura é qualificada como uma ferramenta imperfeita e perigosa comparável a uma armadilha, como as paixões do corpo, confrontação que justifica sua crítica a inversão entre fala e escritura. Todavia, Derrida alerta que se trata de uma simples analogia:

“a escritura, a letra, a inscrição sensível sempre foram consideradas pela tradição ocidental como o corpo e a matéria exteriores ao espírito, ao sopro, ao verbo e ao logos. E o problema relativo à alma e ao corpo, sem dúvida, derivou-se do problema da escritura a que parece ao invés emprestar as metáforas” (Derrida, 1967b:42).

Em *Posições*, Derrida comenta que Saussure enfatiza a unidade do significante e do significado como duas faces de uma única produção, recusando a aproximação desta oposição à relação corpo e alma. Contudo, o autor assevera a existência desta comparação à unidade do signo de duas faces, à unidade da pessoa composta de corpo e alma. De qualquer forma, é interessante notar a correlação entre o par de oposições corpo-alma / escrita-fala e sua relação com a definição da escritura como uma forma exterior ao sistema da língua.

Em *Gramatologia*, no tópico ‘O fora e o dentro’, Derrida evidencia como a teoria saussuriana define a escritura como o fora, como uma representação exterior à linguagem e ao ‘pensamento-som’. A concepção de escritura para Saussure se restringe à escrita fonética – alfabética, escrita de letras ou de palavras. O conceito de escrita pictográfica é contraditório para Saussure, na medida em que o grafismo mantém uma relação de figuração natural e de semelhança não com o que é significado, mas representado. De acordo com as idéias de Saussure, a escritura operaria a partir de

unidades de significação já constituídas e cuja formação não tomou parte. Tal pressuposto reforçaria as oposições do tipo interno-externo, realidade-imagem, presença-representação. Nesta perspectiva, a escritura viria apenas confirmar a lingüística da palavra (Derrida, 1967b).

Saussure reconhece apenas duas funções na escritura. A função estrita, pois ela é uma entre outras modalidades que podem sobrevir a uma linguagem. “A língua tem uma tradição oral independente da escritura” (Saussure, 1980:35). E uma segunda função, a função derivada, na medida em que a escritura é representativa, significante do significante, primeira representação da voz presente em si, da significação imediata, natural e direta do sentido. Afirma Saussure: “Língua e escritura são dois sistemas distintos de signos, a única razão de ser do segundo é representar o primeiro” (1980:34). Essa concepção de linguagem retoma a definição tradicional da escritura que já em Platão e Aristóteles se estreitava ao redor do modelo da escritura fonética e da linguagem de palavras (Derrida, 1967b:37).

A representação da escritura, para Saussure, se aproxima a uma imagem, a uma figuração exterior, tal como uma ‘vestimenta da fala’, próxima à idéia de disfarce ou máscara: “a escritura vela a visão da língua: ela não é uma vestimenta e sim um travestimenta” (Saussure, 1980:40). Para Derrida, esta representação não é em nada inocente, pois, “o fora mantém com o dentro uma relação que, como sempre, não é nada menos do que simples exterioridade. O sentido do fora sempre foi no dentro, prisioneiro fora do fora, e reciprocamente” (Derrida, 1967b:43). A escrita é colocada como exterior ao sistema da língua, mas, no entanto, é a própria lingüística através do signo e do arbitrário do signo que quebra a divisão entre imagem e realidade, ou entre o fora e o dentro. Neste sentido, há uma contradição na formulação da arbitrariedade do signo. Por um lado, o caráter arbitrário do signo define que não existe nenhuma determinação essencial entre significante e significado. Porém, por outro lado, se supõe uma hierarquia natural entre o significante lingüístico (imagem acústica) e o significante escrito, o qual a princípio deveria ser uma simples transcrição convencional. O problema desta formulação é que ela parte do princípio de uma relação natural entre voz e sentido em geral, entre a ordem dos significantes fônicos e o conteúdo dos significados. No entanto, em tese, não se poderia distinguir signo lingüístico de signo gráfico (Derrida, 1967b:53-4). A proposta de Derrida é pensar a escritura como “ao

mesmo tempo mais exterior a fala não sendo sua imagem ou seu símbolo e mais interior a fala que já é em si mesma uma escritura” (1967b:56).

Na abertura da *Gramatologia*, Derrida logo esclarece sua posição: a escritura abrange todo o campo dos signos lingüísticos. A escritura não significa apenas uma forma particular, derivada e auxiliar da linguagem em geral. Não é mais a ‘película exterior’, o ‘duplo inconsciente’ de algo que seria maior, ou seja, a fala: não é mais o significante do significante. A escritura passa a compreender a linguagem. Esta expressão que definira a escrita ‘significante do significante’ deixa de ser ‘reduplicação acidental’ e ‘secundariedade decaída’. Ao contrário, o ‘significante do significante’ passa a descrever próprio movimento da linguagem e acrescenta Derrida: “se presente que uma origem, cuja estrutura se soletra como significante de significante, arrebatase e apaga-se a si mesma na sua própria produção” (1967b:8). Assim, o autor não separa significante de significado. O significado seria como um significante posto em determinada relação com outros significantes.

O movimento de um ‘desrecalcamento’ da escritura se inicia, por exemplo, com uma inflação da palavra ‘linguagem’. A partir de determinado momento histórico, que coincide com a ascensão do estruturalismo, o significante da escrita passa a reunir tudo o que se denomina como linguagem. A idéia geral é que a escritura começa a ultrapassar a extensão da linguagem. Duque-Estrada (2007) observa que a *Gramatologia* não representa uma aplicação do método desconstrutivo da linguagem, mas, essencialmente, uma resposta à desconstrução que já vem ocorrendo no mundo. A desconstrução do conceito de linguagem vem se proliferando na contemporaneidade com a cibernética, a informática, as teorias lingüísticas, as filosofias da linguagem, entre outras.

A noção de escritura derridariana não separa a escritura da fala. Assim para propor que a língua oral já pertence à escrita, é formulado o conceito de arquiescrita. A escrita, no sentido estrito, permanece evidentemente secundária, mas ela só pode ser secundária porque a língua original ‘natural’ nunca existiu: foi sempre, ela própria, uma arquiescrita. A fala, portanto, já é arquiescrita (Derrida, 1967b). O conceito de arquiescrita procura se deslocar da oposição binária, propondo uma inscrição geral independente das escritas particulares, que usualmente se opõem à fala. A escritura não se refere somente à inscrição, mas a possibilidade de inscrição. Neste sentido, a

escritura não é um derivado gráfico, posterior a fala, mas a possibilidade de articulação entre fala e escrita.

A temática da arquiescrita transita entre a questão da origem e da transformação dos sistemas de escrita. Trata-se de uma origem que se perde no tempo, funde-se em uma *arqui-origem*, que é a própria escritura. Não há como representar a relação da representação com a presença dita originária, pois a representação é também uma ‘des-representação’. Derrida busca inscrever o conceito de escritura como uma ausência, questionando, desta forma, os conceitos clássicos de origem, anterioridade e originalidade: “obviamente, não se trata de recorrer ao mesmo conceito de escrita e de inverter simplesmente a dissimetria que colocamos em questão. Trata-se de produzir um novo conceito de escrita. Pode-se chama-lo grama ou *différance*” (Derrida, 1972:32).

4.3.2 O pensamento do traço

*O traço é radicalmente a origem absoluta do sentido em geral,
o que é o mesmo que afirmar a não-origem
absoluta do sentido em geral.
Derrida*

O conceito de escrita derridiano dirige uma crítica à metafísica da presença. A escritura é concebida como um sistema de traços e o essencial desta formulação é que traço não deriva de uma presença, o que faria dele uma marca empírica.⁴³ O traço implica na retenção da diferença numa estrutura em que a diferença aparece como tal. Afirmar que a diferença se apresenta como tal, significa que ela mesma se apresenta como diferença e não como presença de uma diferença. Neste caso, a diferença não é uma identidade, nem tão pouco a diferença entre duas identidades. Nenhum conceito da metafísica pode descrevê-la. Como explicita Derrida, “a ausência de um outro aqui-agora, de um outro presente transcendental, de uma outra origem do mundo manifestando-se como tal, apresentando-se como ausência irreduzível na presença do rastro, não é uma fórmula metafísica que é substituída por um conceito científico de escritura” (1967b:57). O pensamento do traço não se coloca como um substituto da fórmula metafísica, não cria um jogo de oposição, mas oferece uma ferramenta de desconstrução dos pressupostos metafísicos.

A noção de traço se define por sua ausência de origem. No caso, a não-origem é originária. Sua reconstituição só pode ser feita através de uma não-origem. Segundo Derrida, “dizer que é originária é ao mesmo tempo apagar o mito de uma origem presente. É por isso que se deve entender ‘originário’ *sob rasura*, sem o que derivaríamos a diferencia de uma origem plena” (Derrida, 1967a:188). Para formular uma noção de traço sem origem é preciso supor que o próprio traço se destrua. Esta é a idéia contida no conceito de arqui-traço. Ele é contraditório e inadmissível à lógica da

⁴³ O termo ‘la trace’ utilizado por Derrida nos livros *Gramatologia* e *A escritura e a diferença* foi traduzido na edição brasileira pelo termo ‘rastro’. Optamos neste trabalho utilizar o termo traço em razão da sua proximidade com a noção já consagrado no campo da psicanálise.

identidade, uma vez que não se baseia na presença empírica do traço. Tudo começa pelo traço, mas ao mesmo tempo não há um traço originário. O traço não indica somente a desaparecimento da origem, mas a inexistência da origem. O traço se torna origem da origem, anterior ao ente. “É preciso pensar a vida como traço antes de determinar o ser como presença” (Derrida, 1967a:188).

O pensamento do traço não busca um retorno a uma origem transcendental, mesmo porque não se coloca como paradigma à presença plena. Para articular a idéia do traço puro, absoluto, Derrida se refere ao conceito de diferença que é central na filosofia da desconstrução da metafísica da presença.⁴⁴ O traço em sua diferença recusa um ‘começo’. Diferença se define por sua independência a qualquer plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. Muito embora a diferença não exista e “não seja nunca um ente-presente fora de toda plenitude, sua possibilidade é anterior de direto a tudo que se denomina signo” (Derrida, 1967b:77). Derrida descreve a diferença como uma estrutura e um movimento que não se deixam mais pensar a partir da oposição presença-ausência. “A *différance* é o jogo sistemático das diferenças, dos traços de diferenças, do espaçamento pelo qual os elementos remetem uns aos outros” (Derrida, 1972:33). A diferença do traço ocupa o lugar da origem como marca de uma inscrição arcaica que não se deixa apreender na oposição presença-ausência, mas a precede como meio indecidível. Portanto, o traço implica na suspensão de qualquer referência, assim como na superação das oposições.

A problemática do traço é um ponto estratégico do movimento de desconstrução. E são as questões envolvidas nesta problemática, como o primado do presente, a presença plena e a presença para si e da consciência que levam Derrida ao encontro com a psicanálise. Em um diálogo com Roudinesco, Derrida declara que no momento em que escreveu *Gramatologia* pouco ainda havia se debruçado sobre a obra lacaniana e freudiana. Quando elabora a problemática do traço e a desconstrução do logocentrismo

⁴⁴ Derrida utiliza o termo ‘*différance*’ ao invés do termo francês ‘*différence*’. Do ponto de vista sonoro não se distingue as duas pronúncias, a diferença é estritamente gráfica. Evando Nascimento observa que essa foi uma maneira encontrada por Derrida para inverter o privilégio metafísico da *phoné*, na medida em que é necessário que se leia para perceber a distinção entre os dois termos. *A différance é legível, mas não é audível*. Derrida evita reduzir *différance* à diferenciação para impedir um retorno a diferença regida pela lógica da identidade. Sob o ponto de vista de Nascimento (2004), o ideal seria não traduzir o termo *différance* e deixá-lo como uma espécie de ‘corpo estranho’ no idioma. Isto ajudaria a desconstruir o valor tradicional da diferença como oposição entre supostos contrários.

e do falocentrismo, entre 1963 a 1965, começa a perceber e a analisar a dívida de Freud à metafísica. A partir deste momento a psicanálise passa a fazer parte da sua ‘própria’ problemática (Derrida, 2004).

“No entanto, o que ainda não aparecia já se anunciava em ‘pontilhado’. Era indispensável situar a problemática do traço, grande princípio de contestação, *alavanca estratégica da desconstrução, dentro e na borda da psicanálise*. Na Gramatologia e, sobretudo em *La différance*, tentei situar, pelo menos, a necessidade de reinterpretar um certo rastro de Nietzsche e de Freud. A questão da *différance*, ou do traço, não é pensável a partir da consciência de si ou da presença para si, nem em geral da plena presença do presente. Eu sentia claramente que *havia em reserva, em Freud, uma poderosa reflexão sobre o traço e a escrita. Sobre o tempo também*” (Derrida, 2004:204, *grifos nossos*).

No texto “Freud e a cena da escritura”, Derrida traz alguns dos conceitos da gramatologia para discussão no campo da psicanálise. Será colocado em debate a idéia do inconsciente como escrita e a escrita do inconsciente que implica em uma outra interpretação do discurso na psicanálise. Apesar da intimidade da psicanálise com a tradição filosófica da metafísica, Derrida encontra em Freud um aliado do trabalho de desconstrução do logocentrismo.

Não há como desconsiderar a cumplicidade da psicanálise com a tradição metafísica da presença na substancialização de suas instâncias metapsicológicas. Muitos conceitos freudianos se inserem no sistema de repressão logocêntrica que se organizam numa exclusão do corpo do traço escrito e se constroem tendo como suporte as oposições interno-externo, subjetivo-objetivo, entre outras. No entanto, o interesse de Derrida não se concentra na ‘grande conceitualidade freudiana’, embora admita que ela tenha sido necessária para romper com a psicologia em um dado contexto da história das ciências. As grandes máquinas como ‘eu’, ‘ideal eu’, ‘id’, ‘superego’, afirma Derrida, não passam “de armas provisórias, utensílios retóricos montados contra uma filosofia da consciência, da intencionalidade transparente e plenamente responsável” (Derrida, 2004:207). O propósito de Derrida não é seguir as grandes máquinas teóricas freudianas e sua funcionalização, mas justamente demonstrar “a necessidade de alguma

‘différance’ que apaga ou desloca suas fronteiras” (Derrida, 2004:209). A singularidade da leitura de Derrida é a atenção a uma interpretação do *discurso*, e não do *conceito* na obra freudiana.⁴⁵

“É certo que o discurso freudiano – a sua sintaxe ou, se quisermos, o seu trabalho, – não se confunde com estes conceitos necessariamente metafísicos e tradicionais. É certo que não se esgota nesta inserção. São já testemunhos disso as precauções e o ‘nominalismo’ com que Freud maneja aquilo que chama as convenções e hipóteses conceituais. E um pensamento da diferença prende-se menos aos conceitos do que ao discurso” (Derrida, 1967a:181).

A proposta de Derrida é realizar uma leitura da obra freudiana pelo eixo discursivo na continuidade e descontinuidade textual e não na teoria sistemática restrita aos conceitos metapsicológicos, permitindo, desta forma, perceber a extensão dos registros de traço e escrita (Birman, 2007). Alguns textos freudianos são examinados com o intuito de evidenciar uma concepção de inconsciente constituído por traços puros que questiona a lógica da metafísica da presença. Percorrendo os modelos do aparelho psíquico expostos, - ‘Projeto’, Carta 52, ‘Interpretação de Sonhos’ e no ‘Bloco Mágico’ - Derrida salienta como, ao longo da obra freudiana, vai se aperfeiçoando um modelo estrutural da escritura. O percurso de Freud parte de um modelo mecânico até um modelo que permite projetar o aparelho psíquico, em sua totalidade, numa ‘máquina de escrita’. Para Derrida, neste trajeto entre 1895 (‘Projeto’) e 1925 (‘Uma nota sobre o Bloco Mágico’) se identifica a originalidade de uma metafórica do traço escrito.

Algumas evidências do pensamento do traço se encontram no ‘Projeto’. Nos conceitos de memória e trilhamentos (Bahnung) se reconhece a diferença em ação. Um fato interessante na formulação de memória, tal como exposta no ‘Projeto’, é que ela se distancia de qualquer explicação proveniente do naturalismo ou de uma fenomenologia. Freud parte do pressuposto que o organismo é afetado por quantidades internas e externas, mas a produção de qualidade e a consciência não se dá de forma imediata.

⁴⁵ A proposta derridiana de fazer uma leitura através do discurso e não do conceitual da obra freudiana é uma forma de criticar a teoria lacaniana da lógica do significante.

Esta seria uma forma de recusar a hipótese de que as quantidades ou impressões são equivalentes a uma experiência empírica. Para explicar o fundamento da memória como um sistema apto para ser alterado permanentemente, é necessário supor que algo produza uma resistência à livre circulação de quantidades no organismo. Freud recorre à noção de ‘barreiras de contato’ que estabelece uma passagem diferenciada de quantidades em função da resistência dos neurônios. Neste modelo, a memória não se identifica a impressão de um traço, mas a diferença entre os traços. A memória deixa de ser considerada como uma propriedade do psiquismo para abranger a própria essência do psiquismo. Neste sentido, a verdadeira origem da memória e, portanto, do psiquismo está na diferença entre os trilhamentos, semelhantes, neste caso, a uma metáfora do traço escrito (Derrida, 1967a). A concepção freudiana de memória estabelece que somente com os trilhamentos, na diferença entre os traços, entre as quantidades é que se estabelece a qualidade. A qualidade seria uma consequência final do conjunto de oposições periódicas das quantidades.

“Não se deve, portanto dizer que a exploração sem a diferença não basta à memória; é necessário precisar que não há exploração pura sem diferença. O traço como memória não é uma exploração pura que sempre poderia recuperar como presença simples, é a diferença indiscernível e invisível entre as explorações. Sabemos, portanto que a vida psíquica não é nem a transparência do sentido nem a opacidade da força, mas a diferença no trabalho das forças. Nietzsche dizia-o bem” (Derrida, 1967a:185).

A força produz uma espécie de cartografia de trilhamentos e estabelece uma escrita encarnada nos sulcos destes trilhamentos. O sentido, portanto, é tributário da força. Os trilhamentos não precedem de nenhuma quantidade, eles se relacionam ao tempo puro que se une ao espaçamento da periodicidade. A idéia de tempo é fundamental nesta estrutura. Quando Derrida reconhece a diferença na concepção de memória, não se trata de um intervalo de tempo necessário à consciência ou ao adiamento de uma ação, mas de uma ausência de origem do traço (Major, 2002). O remanejamento constante de traços ultrapassa a idéia metafísica do tempo, pois o traço não é uma marca que faz parte do passado, que pode causar um efeito futuro. O conceito freudiano de *nachträglichkeit* é reconhecido por sua singularidade em não se esgotar na

metafísica ou na ciência. Argumenta Derrida, “a temporalidade em Freud não se presta a uma fenomenologia da consciência ou da presença e não há dúvida pode-se então contestar o direito de ainda denominar tempo, agora presente anterior, retardado etc. tudo que aqui está em questão” (1967b:82). O conceito de ‘a posteriori’ coloca em questão a presença em si e é fundamental para o pensamento derridiano sobre o traço e a diferença, na medida em que indica uma de-substancialização do tempo, um esvaziamento da substancialidade presente/futuro/passado. Neste sentido, não há um presente puro em oposição ao passado. O passado está presente no presente e o presente sempre já passou. O próprio conceito de *différance* traz a questão do tempo inscrita no seu nome.

“o ‘a’ da *différance* lembra também que o espaçamento é temporização, desvio, retardo, pelo qual a intuição, a percepção, a consumação, em uma palavra, a relação com o presente, a referência a uma realidade presente, a um ente são sempre diferidos. Diferidos em razão do princípio mesmo da diferença que quer que um elemento não funcione e não signifique, não adquira ou forneça seu ‘sentido’, a não ser remetendo-o a um outro elemento passado ou futuro, em uma economia de rastros” (Derrida, 1972:35).

Em 1895, Freud apresenta uma representação do psiquismo como uma topografia de traços, construído por um mapa de trilhamentos que permite descrever o funcionamento do psiquismo pelos espaçamentos e diferenças. Segundo Derrida, no ‘Projeto’, a problemática do trilhamento se assemelha a uma metáfora do traço escrito, mas aos poucos a obra freudiana vai desenvolvendo uma “configuração de traços que não podemos representar senão pela estrutura e funcionamento de uma escrita” (Derrida, 1967a:183). A partir da conceptualização da ‘Carta 52’ e da ‘Interpretação de sonhos’ o traço começa a se tornar escritura e a metáfora da escrita passa a contemplar o psiquismo em sua totalidade desdobrando-se em duas séries: a estrutura do aparelho psíquico (o aparelho psíquico como uma máquina de escrever) e o texto psíquico (o psíquico como escrita).

O ‘Projeto’ oferece a idéia de um mapa de trilhamentos que é comparado a um sistema de traços, mas ainda não se encontravam elementos suficientes para pensar a estrutura psíquica como uma máquina de escrever. Apenas em 1925, no artigo ‘Uma

nota sobre o Bloco Mágico’, Freud consegue uma melhor ilustração da constituição do traço em um modelo único para os dois sistemas que pareciam inconciliáveis desde o ‘Projeto’ – percepção e memória.⁴⁶ Nesta nova configuração a problemática da qualidade é examinada de maneira original, ela não surge nem dentro nem fora. É proposto um terceiro sistema tal como a folha intercalar do Bloco Mágico. No ato da escrita, a incisão (a excitação) produz o sulco na resina (a impressão perceptiva) e a percepção consciência aparece secundariamente, como uma leitura do traço já inscrito. A metáfora do Bloco Mágico consegue reunir o *conteúdo* do texto e a *estrutura* do texto. Descreve Freud, “se imaginarmos uma das mãos escrevendo sobre a superfície do Bloco Mágico, enquanto a outra eleva periodicamente sua folha de cobertura da prancha de cera, teremos uma representação concreta do modo pela qual tentei representar o funcionamento do aparelho perceptual da mente” (1925b:290).

Derrida retoma três possíveis analogias entre o aparelho de escrita e o aparelho de percepção. Primeiro, o armazenamento e a conservação indefinida dos traços concomitantes a uma superfície de recepção sempre disponível; segundo, a possibilidade de apagar os traços em uma primeira camada, a da percepção-consciência, assimilada à folha de celulóide do Bloco Mágico que não compromete a permanência dos traços na lousa comparada ao inconsciente. Até aqui, as duas analogias estão associadas, essencialmente, ao espaço da escrita e da sua extensão. A última analogia se refere ao tempo da escritura e a temporalidade como espaçamento. Conforme comenta Freud, “tive ainda a suspeita de que esse método descontínuo de funcionamento do sistema Pcpt-Cs. jaz no fundo da origem do conceito de tempo” (Freud, 1925b:290).

⁴⁶ A descrição de Freud sobre o invento do Bloco mágico é especialmente rico na sua analogia com a metáfora da escrita. Destacamos, a seguir, um pequeno fragmento do texto. “Surgiu no mercado sobre o nome de ‘Bloco mágico’, um pequeno invento que promete realizar mais do que a folha de papel ou a lousa. *Ele alega não ser nada mais que uma prancha de escrever*, da qual as notas podem ser apagadas mediante um fácil movimento de mão. Contudo se é examinada mais de perto, descobre-se que sua construção hipotética de nosso aparelho perceptual e que, de fato, pode fornecer tanto uma superfície receptiva sempre pronta, como traços permanentes das notas feitas sobre ela”.

A composição do Bloco Mágico é uma prancha com uma borda de papel e sobre a prancha é colocada uma folha fina e transparente que é a parte mais interessante para Freud. “Para utilizar o Bloco Mágico, escreve-se sobre a parte de celulóide da folha de cobertura que repousa sobre a prancha de cera. Para esse fim não é necessário lápis ou giz, visto *a escrita não depender de material que seja depositado sobre a superfície receptiva*. Constitui um retorno ao antigo método de escrever sobre as pranchas de gesso ou de cera: um estilete pontiagudo calca a superfície, cujas depressões nela feitas constituem a ‘escrita’” (Freud, 1925b:287, *grifos nossos*).

Derrida considera que a temporalidade não é só a descontinuidade da cadeia de signos, como já tinha sido observada no ‘Projeto’, mas é também a escrita psíquica como interrupção e restabelecimento de contato entre as camadas psíquicas. Neste sentido, a temporalidade faz arte da estrutura do psiquismo.

O interesse de Derrida na metáfora do Bloco Mágico consiste na representação do funcionamento do aparelho com todas as funções: da recepção ao registro da escrita. A interrogação de Derrida não é se a metáfora do Bloco Mágico é eficiente para representar o psíquico. Há uma ‘transvaloração’ dos elementos. A primeira pergunta de Derrida é: o que é um texto? E a segunda: o que deve ser o psíquico para ser representado por um texto? Por um lado, não haveria máquina nem texto sem origem psíquica, mas o que acrescenta Derrida é que também *não há psíquico sem texto*. A originalidade do modelo proposto no Bloco Mágico, pensado como uma máquina de escrever, é a implicação de todos os elementos, uma vez que não há máquina, nem texto sem origem psíquica e não há psíquico sem texto. A consequência é uma outra maneira de conceber a linguagem. Não há ‘um’ texto, ele sempre será uma produção sem origem. Faz sempre referência à ausência de origem que não admite a idéia de uma anterioridade transcendental da linguagem. A escrita não seria apreensível, mas consiste como um movimento do texto que produz texto, de um texto sempre em produção.

“Seguindo o caminhar das metáforas do caminho, do traço, da exploração, da marcha sulcando uma via aberta por efração através do neurônio, a luz ou a cera, a madeira ou a resina para se inscrever violentamente numa natureza, numa matéria, numa matriz; seguindo a referência infatigável a uma ponta seca e a uma escrita sem tinta; seguindo a inventividade incansável e a renovação onírica dos modelos mecânicos, essa metáfora substituindo obstinadamente os traços pelos traços e as máquinas pelas máquinas, perguntávamos-nos o que fazia Freud” (Derrida, 1967a:225).

Derrida segue o movimento de Freud na cena da escritura e do texto produzido nesta cena.

4.3.3 A escrita metafonética, não-linguística e a-lógica

*Prefiro em Freud as análises parciais, regionais,
menores, as sondagens mais aventureiras.
Derrida.*

A partir da cena do sonho, Derrida retoma a crítica sobre a ligação entre linguagem fonética e logocentrismo. O argumento central da discussão fundamenta-se no fato da escrita do sonho ser uma escrita não fonética que escapa ao domínio da não-contradição e resiste aos pressupostos metafísicos.

Na obra freudiana se encontra uma transgressão no sentido habitual da linguagem. Freud sugere que a linguagem não se restringe apenas à expressão do pensamento em palavras. Neste sentido, seu olhar está atento à linguagem gestual da histeria, à linguagem pictórica dos sonhos, das visões: uma concepção bastante abrangente de linguagem. Destacamos, também sua singular percepção sobre a linguagem marcada pela recorrente escolha por modelos da escrita, fato este especialmente valorizado por Derrida. Realmente, podemos observar que os modelos metafóricos do psiquismo de Freud não são importados da língua falada, nem de formas verbais, nem da escrita fonética, mas sobretudo de uma grafia. Assim, em ‘O interesse filológico da psicanálise’, Freud declara textualmente: “Se pensarmos que os meios de representação nos sonhos são principalmente imagens visuais e não palavras, veremos que é ainda *mais apropriado comparar os sonhos a um sistema de escrita* do que a uma linguagem” (Freud, 1913:212, *grifos nossos*). Trata-se de um modelo de linguagem como uma metáfora da grafia, que nunca é assujeitada, exterior ou posterior à fala. Segundo Derrida, o uso da metáfora, neste caso, é essencial, pois, “o gesto de Freud abre um novo tipo de questão sobre a metáfora, a escritura, o espaçamento” (1967a:182).

A metáfora da escrita dos sonhos permite uma reflexão sobre o texto psíquico. Freud observa que a textura da escrita do sonho não se apresenta de forma fonética, mas irreduzivelmente gráfica. Para se aproximar da escritura onírica, diz o autor, é preciso seguir o caminho inverso à consciência, comparável a um retroceder da escrita alfabética para a escrita pictográfica. A construção do sonho transforma os pensamentos

latentes, que são expressos em palavras, em imagens sensoriais, a maioria na forma de imagens visuais.⁴⁷

“Será preciso interpretar doravante a regressão tópica, temporal e formal do sonho como caminho de regresso numa paisagem de escritura. Não de escritura simplesmente transcritiva, eco pedregoso de uma verbalidade ensurdecida, mas litografia anterior às palavras: *metafonética, não-lingüística e a-lógica*” (Derrida,1967a:193, *grifos nossos*).

A representação nos sonhos funciona como uma encenação, uma forma de expressão da escritura da palavra, como uma pintura ou a escultura dos significantes. Segundo Derrida, esse modelo se caracteriza pela subordinação da palavra na cena do sonho. Tal como legendas nas histórias em quadrinhos, na combinação picto-hieroglífica, o texto fonético aparece somente como um complemento da narrativa. A analogia escolhida por Freud para indicar a incapacidade dos sonhos em representar certas conexões lógicas é exemplar. “Nas pinturas antigas, pequenas etiquetas eram penduradas na boca das pessoas representadas, contendo, em caracteres escritos, os enunciados que o pintor perdia a esperança de representar pictoricamente” (Freud, 1900:332-3). Este ponto de vista mostra como “a escritura geral do sonho supera a escrita fonética e volta a por a palavra no seu lugar” (Derrida,1967a:209).

As palavras são usadas no sonho da mesma forma que qualquer outro elemento pictográfico, ideogramáticos. Derrida observa que não somente as coisas condensam as palavras e os significantes não-verbais se deixam interpretar em representantes verbais, mas é preciso reconhecer também que “as palavras, na medida em que são atraídas, seduzidas, no sonho, em direção ao limite fictício do processo primário, têm a tendência de se tornarem puras e simples coisas” (Derrida, 1967a:210). Portanto, as palavras entram no sistema do sonho, submetem-se a ele, mas perdem sua função, na medida em que são tratadas ‘primariamente’ como coisas e não de acordo com seu sentido. Por essa razão, trata-se de um modelo de escritura irreduzível à palavra.

⁴⁷ Diversas vezes Derrida sinaliza a preocupação freudiana em unificar e não separar a fala e a escrita no fenômeno onírico. Uma iniciativa que se aproxima da concepção derridariana da escrita. A idéia geral é que a escrita abrange todo o campo dos signos lingüísticos - gráficos ou fônicos.

É possível encontrar no conteúdo figurado do sonho uma escritura que se escreve sobre a economia das palavras embora não obedeça a uma referência fônica. A escrita fonética, no caso, seria uma escrita da escrita. Derrida (1967a) observa que na elaboração onírica, quando algum aspecto verbal é investido, a sua transcrição fonética é apreendida longe do centro, numa rede de escrita muda. Estas transposições das palavras em coisas tornam possíveis encadeamentos que não seguem a linearidade do tempo lógico, do tempo da consciência, do tempo da representação verbal. Nesse sentido, são produções de textos que não estão sob o princípio da não-contradição.

Como vimos, o texto de escritura fonética não encontra privilégio na escritura geral do sonho e também é preciso notar que o sonho não possibilita uma tradução total em palavras. Um fato que não deveria causar nenhuma surpresa, posto que Freud (1915-6) declara que o sonho não é um veículo de comunicação.⁴⁸ Os recursos às analogias entre antigas escritas e a escrita do sonho apenas reforçam o fato do limite de sua decifração. Mesmo quando a linguagem dos sonhos é comparada a escrita hieroglífica, não mantém, contudo, a idéia de uma correspondência fixa entre os elementos. O sonho não é uma transcrição de palavras tal como uma decifração de uma mensagem. É evidente a impossibilidade de recuperação completa do sonho através da palavra o que significa o limite da sua interpretação.⁴⁹

Freud compreende a escrita do sonho como uma escrita figurativa ou um rébus. Um fato a ser considerado é que uma escrita figurada permite uma leitura que se difere, por exemplo, de uma imagem de uma percepção consciente. Na escrita figurativa, os signos devem ser lidos segundo a sua significância e não segundo seu valor de imagem. Quando transportamos esta problemática para a experiência do inconsciente podemos afirmar que o inconsciente não utiliza significantes, ele os produz assim, como também, cria sua significância. (Derrida, 1967a).

O sentido da escrita está na ausência de um código exaustivo. E, como não há material significante prévio, poderíamos deduzir que o sonhador deve ‘inventar a sua própria gramática’ (Derrida, 1967a:196). A leitura de um texto ‘sem código’ só se

⁴⁸ Remetemos o leitor ao Capítulo III, item 3.4 *A lógica dos contrários*.

⁴⁹ Freud sinaliza o limite da interpretação quando admite o caráter irreduzível dos traços pulsionais. Por exemplo, na clássica expressão ‘umbigo do sonho’, como um resto irreduzível à análise.

realiza quando é colocado ‘em comparação’ com os demais elementos do texto. Sabemos que Freud recorre a inúmeros exemplos de escritas antigas. Quando se refere à escrita chinesa, por exemplo, destaca o fato das infinitas possibilidades de significações, onde só o contexto torna possível a apreensão correta. Da mesma forma, os sonhos não são determinados para interpretação, eles só podem ser examinados em comparação com outros elementos. Embora, na primeira tópica, Freud proponha regras para a interpretação dentro de um objetivo de tornar consciente o inconsciente (uma vinculação com a metafísica logocêntrica), a possibilidade de tradução, ou mesmo de uma interpretação total, parecem definitivamente limitadas uma vez que ambas baseiam-se em substituição significantes. Para que se possa supor um sistema de tradução, seria necessário um código permanente em que o significante quando substituído conservasse o mesmo significado. Se não há possibilidade de substituição de significantes preservando o mesmo significado, a diferença entre significante e significado não é tão radical assim. (Derrida, 1967a).

Conforme sinaliza Derrida, não é possível uma tradução fiel do sonho para uma outra língua. O próprio conceito de tradução já traz em si o risco de sugerir a existência de um texto prévio, como se fosse possível recuperar uma impressão de outrora. Para tanto, seria preciso supor que o conteúdo do significado pode ser transportado, por exemplo, da encenação inconsciente do sonho para a linguagem do consciente. Este é o problema que Freud se depara para explicar a transposição das representações entre os sistemas consciente e inconsciente. Quando uma idéia inconsciente alcança o consciente, seu registro continua no inconsciente? Na metapsicologia, Freud vai se deter no tema propondo a hipótese tópica e funcional.⁵⁰

Derrida acentua que o texto consciente não poderia ser pensado como uma tradução de um texto inconsciente. Isto suporia um texto presente em outro lugar e o princípio fundamental do texto é que ele é irreduzível ao conceito de presença. O valor de presença ameaçaria o próprio conceito de inconsciente, pois lhe concederia uma substancialidade ao inconsciente. É preciso considerar que o inconsciente é tecido por traços puros de diferenças formados por arquivos que já são transcrições.

⁵⁰ Remetemos o leitor ao Capítulo II, item 2.4 *A disjunção entre palavras e coisas*.

A escritura inconsciente é pensada como uma energia psíquica que circula entre o inconsciente e o consciente. Portanto, não existe um texto escrito fixado em algum lugar. A escritura são transcrições, transformações do texto. Derrida propõe um pensamento sobre a escritura sem origem, que supõe um texto sempre por-vir, o que implica que a significação é sempre ambígua, múltipla e disseminada.⁵¹

“O texto não é pensável na forma, originária ou modificada, da presença. O texto inconsciente já está tecido de traços puros, de diferenças em que se unem *sentido e força*, texto em parte alguma presente, constituído por arquivos que são sempre já transcrições. Estampas originárias. Tudo começa pela reprodução. Sempre já, isto é, depósitos de um sentido que nunca esteve presente, cujo presente significado é sempre reconstituído mais tarde, posteriormente, suplementarmente: *nacträglich* também significa suplementar. O apelo do suplemento é aqui originário e escava aquilo que se reconstitui mais tarde como presente” (Derrida, 1967a:200, *grifos nossos*).

O termo de tradução e transcrição, pondera Derrida, abarca o perigo de supor um texto prévio que poderia ser transportado, sem prejuízo, de um sistema para o outro. O texto consciente não é uma transcrição porque não há texto no inconsciente presente e impassível. O texto é sempre uma reconstrução a posteriori. A transcrição da escritura inconsciente não seria uma repetição, dado que não há texto anterior, o texto é sempre original na sua própria secundariedade. Desta forma, a escritura se constrói nas próprias transcrições.

O problema da metáfora da tradução é a possível separação entre força e extensão do texto. A distinção entre força e sentido pertence à metafísica da consciência e da presença, “ou melhor da presença no verbo, na alucinação de uma linguagem determinada a partir da palavra, da representação verbal” (Derrida, 1967a:202). Este é

⁵¹ Conforme observa Major, a concepção de escritura de Derrida dirige “uma crítica do estruturalismo em psicanálise e da primazia quiçá do imperialismo, do significante e da ordem simbólica tais como são desenvolvidos na concepção lacaniana” (2002:17-8).

um problema que não escapa a atenção de Freud e o faz reconhecer o limite da operação da interpretação. Este limite comparece, por exemplo, quando a sonoridade da palavra, o corpo verbal, não se deixa traduzir, não se apaga diante de um significado. Derrida considera que este corpo verbal não se deixa traduzir para outra língua: “deixar de lado corpo é mesmo a energia essencial da tradução. Quando ela reinstitui um corpo é poesia” (Derrida, 1967a:198). Para Freud, a escritura psíquica não seria passível de tradução, uma vez que há apenas um único sistema energético e a tradução não se realiza somente por um deslocamento de significantes.

A leitura de Derrida recupera a originalidade do discurso freudiano, primeiro ao valorizar a noção de inconsciente como força e, segundo, pela atenção a unificação do registro da fala e da escrita na análise dos fenômenos oníricos. Os impasses e dificuldades na tradução (interpretação) do texto inconsciente servem para demonstrar que o texto não se compõe unicamente de representantes. Isto permite construir uma concepção de linguagem atravessada por intensidades que se contrapõe à conceptualização lacaniana, dos anos 50, na qual a linguagem se aproxima de uma ‘matemática’ do significante.

4.4 A cartografia de Deleuze

*Os princípios em filosofia são gritos, em torno dos quais
os conceitos desenvolvem verdadeiros cantos.
Deleuze*

Uma singularidade da filosofia deleuziana foi buscar exercer seu pensamento em relação a outros domínios, entre os quais, a psicanálise, a literatura, o cinema e as artes plásticas. O interesse por saberes heterogêneos faz parte de seu projeto de fazer uma filosofia que se destina a captar os devires atuais que inclui a ligação do pensamento com o novo e com a criação. Deleuze procura recuperar a proposta foucaultiana de ‘*penser autrement*’ e promove uma torção nas maneiras habituais de pensar sob as coordenadas das categorias de sujeito, de objeto, de verdade e de história. Fora das referências clássicas da filosofia, o autor não busca descrever os acontecimentos, mas, sobretudo, convocar as condições para o aparecimento do novo. Nesta medida, sua filosofia não se baseia numa ‘reflexão sobre’ a exterioridade da filosofia, mas numa atitude de ‘pensar com’ que possibilite novas conexões e agenciamentos (Bouaniche, 2007).⁵²

A atitude questionadora de Deleuze em relação ao ‘saber verdadeiro’ é que o faz apostar na conexão com diferentes domínios. A esse respeito, afirma o filósofo: “não é preciso descobrir se uma idéia é justa ou verdadeira. Seria necessário descobrir uma idéia inteiramente diferente, algures, em um outro domínio, de tal modo que entre as duas algo passasse, que não está nem numa nem noutra” (Deleuze, 1977:20). Assim, a filosofia se aproximaria da criação, mais especificamente da criação de conceitos. Para Deleuze, os conceitos são como intensidade, como sons, cores ou imagens. A crítica essencial implícita nesta concepção é que “não há nada a compreender, nada a

⁵² A tentativa de criar uma filosofia através de um ‘pensar com’ reflete uma crítica aos filósofos demasiadamente vinculados a história da filosofia. Em *Diálogos*, Deleuze declara, “a história da filosofia foi sempre o agente de poder na filosofia e mesmo no pensamento. Desempenhou o papel de repressor: como é que vocês querem pensar sem terem lido Platão, Descartes, Kant e Heidegger, e o livro de tal ou tal sobre eles? Uma formidável escola de intimidação que fabrica especialistas do pensamento, mas que faz também com que aqueles que permanecem no exterior se conformem melhor a essa especialidade de que troçam. Historicamente constituiu-se uma imagem do pensamento, chamada filosofia que impede as pessoas de pensar” (1977:24).

interpretar” (Deleuze, 1977:14). O princípio que norteia seu pensamento é não criticar ou interpretar, mas experimentar e, este sim, seria o verdadeiro acontecimento.

A maneira através da qual a filosofia é concebida por Deleuze favorece uma proliferação de conceitos da filosofia no campo social e cultural; razão pela qual o autor a nomeia de pop-filosofia. A filosofia é compreendida como uma caixa de ferramentas aberta a todos para qualquer encontro que promova ressonâncias entre o trabalho filosófico e outras disciplinas ou outras experiências (Bouaniche, 2007). A menção a uma pop-filosofia é uma maneira de evocar o trabalho da *pop-art*. O pano de fundo desta associação é a relação do trabalho em série, o procedimento de colagem da *pop-art*.⁵³ Deleuze reivindica a idéia de ‘*seriegènie*’ para o seu pensamento e sua escrita: a técnica de *cut-up* de Burroughs, por exemplo, que através de procedimentos de colagem, combina fragmentos para escrever, não produzindo uma reciclagem do original, mas um trabalho de re-escrita. A relevância da idéia de colagem, tratando-se de pensamento filosófico, significa dizer que “os conceitos são utilizados como instrumentos, como técnicas, como operadores, independentemente das inter-relações conceituais próprias do sistema a que pertencem” (Machado, 1990:16). Deleuze utiliza ou, mais especificamente, se apropria do poema de Bob Dylan ‘sou um ladrão de pensamentos’ para desfazer a associação entre roubo e plágio, cópia ou imitação. A idéia de roubo de idéias aparece como uma possibilidade de criação, como um bloco assimétrico, sempre ‘fora’ e ‘entre’, exatamente como seria uma conversa (Deleuze, 1977). O autor busca idéias em outro domínio e a criação se dá em um espaço ‘entre’ dois.

A filosofia de Deleuze é de uma imensa complexidade e não é sem risco que podemos nos aproximar das suas articulações com outras disciplinas. O perigo mais evidente é a redução dos conceitos aos usos e efeitos, desconsiderando os problemas a que eles estão vinculados (Bouaniche, 2007). Procurando contextualizar a relação de

⁵³ No movimento da pop-art há uma crítica política a noção de propriedade e de criação. Coloca-se em questão o princípio de originalidade da obra de arte. Justamente as obras da pop-art são construídas em série evocando a idéia de produto efêmero, descartável - um consumo de massa. Há uma denúncia do clichê e da influência da publicidade. O artista expoente do movimento, Andy Warhol vem da publicidade e trabalha a partir da fotografia P/B que ele colore e reproduz. No livro *O que é filosofia?*, Deleuze retoma esta idéia repensando a relação entre o que faz o filósofo, o artista e a cientista. Trata-se de uma interrogação sobre a heterogeneidade e sobre as aproximações entre estes discursos.

Deleuze com a psicanálise, podemos destacar que a ressonância deste encontro se conecta a duas questões centrais no projeto filosófico deleuziano: a questão da linguagem (da escritura) e a questão da subjetividade. Estas questões estão associadas entre si: a interrogação sobre a escritura é decorrente de uma crise na referência de identidade.

Fortemente inspirado na filosofia nietzschiana, Deleuze encontra um espaço de crítica da filosofia da representação e constituição de uma filosofia da diferença. Procura pensar a diferença em si mesma, como pura determinação, e não a partir da identidade.⁵⁴ Sua filosofia propõe um pensamento não-representacional que irá romper, radicalmente, com as concepções filosóficas universalizante e identitária sobre o sujeito, dirigindo um questionamento sobre a perspectiva psicanalítica centrada no modelo da representação.

Através do registro da linguagem e da intensidade, Deleuze apresenta uma nova leitura sobre a categoria de sujeito e nos convida a pensar a subjetivação numa outra lógica, trans-pessoal, trans-identitária, diferente do modelo clássico de sujeito individual. Questionando a condição de sujeito pensada a partir do enunciado e da enunciação, a linguagem aparece como uma possibilidade de expressão de uma subjetividade no registro impessoal das intensidades. Vejamos como esta questão produz seus ecos na ‘conversa’ com a psicanálise.

⁵⁴ Os impasses de uma leitura da subjetividade centrada na categoria de representação foi um forte foco de preocupação da filosofia contemporânea. Neste contexto, destaca-se a filosofia de Nietzsche que ao pensar a problemática da subjetividade a partir de um campo de forças promoveu uma superação da dicotomia metafísica.

4.4.1 Um mapa de intensidades ou um álbum de fotos de família? ⁵⁵

O diálogo mais intenso da filosofia deleuziana com a psicanálise se concentra no período da sua produção considerada ‘política’. Segundo a proposta de Bouaniche, podemos distinguir três períodos na filosofia deleuziana, muito embora eles se misturem. O primeiro é definido pelo pensamento que percorre a história da filosofia até o livro *Lógica do sentido* (1969). Em seguida, temos o período nomeado de político caracterizado pela tentativa de ‘fazer uma filosofia escrita a quatro mãos’ em parceria com Felix Guattari. Por último, temos o período dedicado a estética, em que se concentram os estudos da arte (Bouaniche, 2007). Dentro do período político, o exercício de ‘pensar com’ a psicanálise é marcado por grande polêmica e Deleuze chega a se posicionar como seu adversário teórico.

Em 1975, no texto “Quatro proposições sobre a psicanálise” a crítica à psicanálise é apresentada de modo muito direto e sintético.⁵⁶ Segundo Deleuze, o maior problema da psicanálise consiste no fato de sua prática terapêutica se fundamentar em uma *máquina de interpretação* - que supõe uma tradução de linguagem - e uma *máquina de subjetivação* - apoiada sobre a concepção de sujeito centrado da noção de ‘eu’. Além de denunciar a relação da psicanálise com a ideologia burguesa, o filósofo aponta os problemas conceituais da prática clínica sustentada sob uma concepção de sujeito ‘pessoal’, que separa a noção de inconsciente da noção de força (Deleuze, 2003).

A polêmica discussão da filosofia de Deleuze com a psicanálise tem seu ápice no trabalho em conjunto com o psicanalista Félix Guattari, que se concretiza em 1972 com a publicação de *Anti-Édipo* chegando até 1980 com a publicação de *Mil Platôs*. O encontro de Deleuze com Guattari ocorre em um contexto histórico francês bastante preciso. Entre a década de 60 e 70, o pensamento estruturalista francês e a psicanálise

⁵⁵ É assim que Deleuze e Guattari sinalizam o ‘engano’ que a psicanálise teria cometido ao conceber o construção da subjetividade centrada no Édipo. Substituindo “um mapa mundial de intensidades por fotos de família” (Deleuze&Guattari, 1980b: 28). O termo ‘mapa’ se opõe a decalque. Enquanto o primeiro sinaliza a produção de diferença, o segundo, se refere a uma reprodução do mesmo. “O mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre ‘ao mesmo’” (Deleuze&Guattari, 1980a: 22).

⁵⁶ O texto “Quatro proposições sobre a psicanálise” foi publicado recentemente numa coletânea de escritos de Deleuze no livro *Dois regimes de loucos*.

lacaniana estavam em plena efervescência. Concomitantemente a este fato, crescia o movimento de reforma institucional psiquiátrica, que questionava, entre outros aspectos, o modelo da clínica restrita a relação médico-paciente e a sua abordagem essencialmente individual. Esta posição estratégica da psicanálise, e sua vinculação ao estruturalismo, é que se torna alvo de crítica sistemática no trabalho de Deleuze (Birman, 2000a).

A motivação de Deleuze e Guattari ao escrever o *Anti-Édipo* é questionar o modelo estruturalista lacaniano e sua concepção de inconsciente estruturado como uma linguagem, bem como seu discurso familiarista e individual, que excluem o campo social. Trata-se, sem dúvida, de uma visada política da concepção de sujeito. A crítica a técnica e a doutrina da psicanálise busca apontar a ligação entre a idéia de inconsciente pessoal e a prática da interpretação que se encadeia logicamente na recusa do simbolismo dos sistemas estruturais. Nesta perspectiva, Deleuze e Guattari repensam o modelo psicanalítico colocando em pauta duas teses. Em primeiro lugar, criticam a assertiva que o inconsciente funciona como uma representação teatral de uma cena privada das figuras parentais. Em seguida, propõem uma formulação do inconsciente mais próxima a idéia de uma usina que produz realmente, e não fantasmagoricamente, as subjetivações sociais. Não se restringindo as formas de representação do drama familiar, o desejo se estende sobre toda diversidade histórica do campo social, o que é definido com a expressão ‘máquina desejante’ (Sauvagnargues, 2006).

O conceito de máquina desejante é criado a partir da transformação do conceito de inconsciente e uma associação ao conceito guattariano de máquina. O inconsciente é formulado segundo o modelo de máquina de produção social, e não da estrutura ideal simbólica.⁵⁷ O conceito de máquina social produz tipos de subjetivação determinados pelo inconsciente produtivo e coletivo que equivocam a lógica lacaniana do significante. A questão é repensar a idéia de inconsciente considerando os fluxos de desejo colocados pelas instituições sociais. Apesar do conceito de máquina desejante dirigir uma crítica a

⁵⁷ Conforme sinaliza Sauvagnargues (2006), a concepção de máquina de produção tem uma confluência com o conceito de dispositivo proposto por Foucault. Em *Vigiar e Punir*, é proposta a idéia de dispositivo como uma prisão que é um ‘maquinário’, social e técnico. Mas, contudo, uma máquina é sempre social antes de ser técnica.

estrutura significativa, Deleuze reconhece que, neste momento, ainda havia uma certa conformidade com a teoria lacaniana. Pois, quando Guattari formula o conceito de máquina desejante, mesmo que fundado no modelo do inconsciente máquina e do inconsciente esquizofrênico, ainda se falava em termos de estrutura, significante e falo. Assim conclui Deleuze: “é claro que devemos tanto mais a Lacan quando renunciamos a noções como as de estrutura, simbólico ou significante, totalmente impróprias, e que Lacan mesmo sempre soube revirar para mostrar seu avesso”(1990: 23-4).⁵⁸

Através da idéia das máquinas desejantes se faz uma radicalização ostensiva dos conceitos de pulsão enquanto força e pulsão de morte. Deleuze e Guattari reconhecem que Freud afirma a produção desejante do inconsciente, mas na medida em que o Édipo é colocado no lugar do inconsciente, este perde sua potência de usina e se transforma em um teatro antigo de representações. Neste sentido, o Édipo suprimiria a produção, trocando um inconsciente produtivo por um inconsciente como mito (Deleuze, 1972: 41). Por se contrapor à concepção de inconsciente atrelado à representação e submetido à lógica do desejo como falta, os autores propõem uma concepção pulsional do inconsciente que funciona sob a lógica dos fluxos definidos pelo grau de intensidade. Conforme ressalta Birman (2000a), a idéia de economia nesta formulação é fundamental, tanto a economia política, como também, a economia desejante são reenviadas ao campo social. Deleuze evoca a questão das pulsões e o registro econômico da metapsicologia freudiana que o discurso lacaniano teria nitidamente excluído. Na análise deleuziana, o Édipo concentra algumas das posições da teoria psicanalítica que comprometem sua prática. O ponto crítico pode ser sintetizado no fato de que a estrutura edipiana associada a uma superposição do modelo lingüístico desconsidera a concepção pulsional do inconsciente.

A proposta de pensar a subjetividade como ‘máquina de produção desejante’ pretende desconstruir o modelo edipiano e formular uma outra leitura para o

⁵⁸ Em 1967, poucos anos antes da publicação do *Anti-Édipo*, Deleuze escreve o texto “Como reconhecer o estruturalismo?”. Neste texto é analisada a concepção lacaniana de signo e se destaca a forma pela qual a função simbólica do falo se inscreve numa estrutura. Nesta reflexão sobre significante lacaniano, Deleuze reconhece a proximidade desta idéia com o seu próprio pensamento. O significante sendo definido sobre o modo serial como um diferencial permite estabelecer uma singularidade impessoal, um transcendental sem sujeito (Sauvagnargues, 2006).

inconsciente que escape da alienação do contexto familiar. Os processos de subjetivação são concebidos a partir das sínteses de um inconsciente produtivo que sempre está ligado ao coletivo, demarcando, desta forma, sua exterioridade a si mesmo.⁵⁹ Para Deleuze e Guattari o enquadre edípiano é a tradução de uma concepção neurótica do mundo, da qual a psicanálise não deveria se reduzir. Não é o Édipo que explica a neurose, mas inversamente é a neurose que explica o Édipo. O problema se coloca em relação à subordinação ao Édipo - seja compreendido como complexo ou estrutura – pois tal conceitualização vincula o desejo à representação, à falta assim como circunscreve a subjetividade a uma identificação centrada na personalização do ‘eu’.

A crítica ao modelo da clínica centrada na individualidade pessoal dirige um questionamento contundente à teoria lacaniana. Segundo os autores, apesar do percurso teórico de Lacan, a partir de 1953, se fundamentar em uma crítica sistemática à psicologia norte-americana centrada no ‘eu’, a concepção do Édipo estrutural acaba reconduzindo-o a uma leitura do sujeito centrada na pessoa. Contrapondo a essa idéia, Deleuze compreende que o sujeito se inscreve enquanto singularidade impessoal. Neste caso, a singularidade não se identifica à idéia de unidade, na medida em que o traço unitário se apaga diante das idéias de múltiplo e da dispersão (Birman, 2000a).⁶⁰

Em suma, em torno do Édipo se concentra uma série de problemáticas: o lugar do falo, a ligação entre sexualidade e fantasma, a redução dos objetos de desejo aos personagens do romance familiar e a normatização da clínica psicanalítica. Para desalojar a posição estratégica do Édipo em relação ao sujeito e descrever a intensidade que desfaz toda e qualquer organização de sentido e de linguagem, Deleuze se apropria da categoria criada por Artaud: ‘o corpo sem órgãos’. O corpo sem órgãos (CsO) é uma maneira de repensar o conceito de pulsão. Ele pertence ao regime das quantidades e só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Trata-se de uma matriz intensiva, uma intensidade = 0, mas um zero que não indica negativo: “não é uma cena, um lugar, nem

⁵⁹ Em *Mil platôs*, Deleuze e Guattari voltam a reafirmar esta hipótese. “Não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação. O inconsciente está ligado ao coletivo” (Deleuze&Guattari,1980a: 51)

⁶⁰ É decorrente desta questão o interesse de Deleuze pela esquizofrenia. A atenção à lógica esquizofrênica não significa, contudo, o reconhecimento da sua palavra como estatuto de um discurso verdadeiro. A valorização da esquizofrenia se refere a sua irredutibilidade ao Édipo que supõe uma experiência de dissolução da subjetividade e escapa ao lugar identitário.

mesmo suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com fantasma, nada a interpretar” (Deleuze&Guattari,1980b: 13). Birman (2000a) acredita que o CsO vem ocupar posições fundamentais na filosofia deleuziana de modo que as noções de intensidade e de excesso passam a definir o ser do inconsciente .⁶¹

Em *Anti-Édipo*, inegavelmente, é questionada a base teórica da psicanálise para sustentação de uma prática clínica. Além de levantar alguns problemas para o campo da psicanálise, o livro também representa, por si mesmo, uma polêmica. Por um lado, o *Anti-Édipo* apresenta uma crítica radical à psicanálise, sugerindo uma ruptura com a mesma. Pois, como observa Bouaniche (2007), o livro indica como os conceitos da psicanálise impedem a atividade do pensamento, sugerindo inclusive que seria preciso se liberar de sua influência para pensar. Outro ponto polêmico é o argumento de que, a partir do momento em que Deleuze e Guattari se interessam pela vida social, teriam enfraquecido a psicanálise como referência para o pensamento (Sauvagnagues,2006). Deleuze declara que o seu encontro com Guattari, ao contrário das evidências, não o insere na psicanálise, mas o afasta dela. Em *Conversações*, o filósofo comenta que antes do trabalho conjunto com Guattari seus textos dialogavam com a psicanálise (como o livro *A lógica do sentido* e a análise sobre Masoch), mesmo sem estar em conformidade com a psicanálise podiam, contudo, se conciliar com ela. Porém, o mesmo não acontece com o *Anti-Édipo*, uma vez que teria promovido uma ruptura com a psicanálise.

Por outro lado, não há como desconsiderar que toda a crítica de Deleuze à psicanálise se apóia nos próprios conceitos psicanalíticos. Roberto Machado (1990) pondera que mesmo que o *Anti-Édipo* dirija uma nítida crítica a psicanálise, isto não faz com que o livro represente uma rejeição ou uma crítica radical a psicanálise, uma vez que grande parte do aparelho conceitual da sua análise é feita justamente a partir de noções psicanalíticas. Conforme assinala Birman (2000a) é através das concepções freudianas das pulsões, do corpo erógeno, dos objetos parciais que Deleuze questiona o

⁶¹ Não cabe, neste momento, trazer a complexa discussão sobre o conceito de corpo sem órgãos. Pretendemos apenas ressaltar a importância do conceito que aparece pela primeira vez em 1969 no livro *A lógica da sensação*. Segundo José Gil (2000), a idéia de corpo sem órgãos como superfície de intensidades é uma noção essencial, pois trata-se de uma experiência que ultrapassa todo sujeito e toda consciência.

modelo lacaniano de inconsciente. Trata-se de uma perspectiva que procura radicalizar os enunciados freudianos e ‘ser freudiano contra Freud’. De certa forma, podemos acrescentar que a leitura de Deleuze sobre a psicanálise freudiana parece bastante comprometida por um olhar lacaniano, o que promove uma homogeneização na sua leitura em relação à questão falo-logocêntrica em Freud e Lacan. Segundo David-Ménard (2005), Deleuze fez parte de filósofos e psicanalistas que leram Freud através de Lacan, ou seja, através da referência a concepção do desejo como falta, não percebendo, contudo, que Freud era menos normativo que Lacan.

Segundo Machado (1990), a relação da filosofia deleuziana com a psicanálise só pode ser esclarecida a partir da relação que Deleuze estabelece com a própria filosofia, ou, mais especificamente, com a história da filosofia. Por exemplo, a proposição da concepção do desejo como processo de produção contém uma indagação muito mais ampla. Ela permite criticar não apenas a posição psicanalítica, mas até mesmo as concepções filosóficas do desejo como falta – de Platão e de Hegel. A conexão da filosofia deleuziana com a psicanálise se situa na crítica ao sujeito da representação e na formalização do estruturalismo. Acreditamos, contudo, que a leitura deleuziana não consiste numa sobreposição filosófica sobre a psicanálise, mas em uma possibilidade de reenviar alguns temas psicanalíticos a um novo plano conceitual (Orlandi, 2002).⁶²

⁶² Esta é uma posição essencial no pensamento deleuziano: não sobrepor conceitos ou opor um conceito a outro, mas poder capturá-los sob um novo plano. Neste sentido é ilustrativa uma passagem presente no texto ‘Resposta a uma questão sobre o sujeito’. Comentando sobre a perda de interesse na noção de sujeito em proveito da singularidade pré-individual e individualidades não-pessoais, Deleuze afirma: “não é suficiente opor conceitos um em relação aos outros para saber qual é o melhor, é preciso confrontar os campos de problemas aos quais eles respondem, para descobrir sob quais forças os problemas se transformam e passam a exigir eles mesmos a constituição de novos conceitos” (Deleuze, 2003:26).

4.4.2 *Devir linguagem*

... não haveria em mim uma existência central,
pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado?
Então, o que se me fingia de um suposto eu, não era
mais que, sobre a persistência do animal, um pouco
de herança, de soltos instintos, energia passional
estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o
mais que na impermanência se indefine?
Guimarães Rosa

Na década de 80, Deleuze, em parceria com Guattari, publica o livro *Mil Platôs*, que como o próprio subtítulo indica ('capitalismo e esquizofrenia') é uma continuação do projeto iniciado em *Anti-Édipo*. No entanto, segundo Bouaniche (2007), o novo intento apresenta um livro menos crítico, mais afirmativo e criador. No prefácio de *Mil Platôs*, os autores avaliam o fracasso do 'sonho de acabar com o Édipo' e, no artigo sobre o Homem dos Lobos, registram seu 'adeus' à psicanálise. Em contrapartida, é ambíguo este 'desligamento', pois no suposto 'distanciamento' da psicanálise, Deleuze coloca questões fundamentais à prática psicanalítica.

Podemos começar a análise das questões dirigidas à psicanálise e, principalmente, a questão da função da linguagem, a partir da própria concepção de livro, proposta em *Mil Platôs*. A formatação do livro já evidencia uma ruptura com a concepção tradicional do livro filosófico e distancia-se inclusive do *Anti-Édipo*. Ao invés de seguir a clássica organização por capítulos, o livro é concebido a partir de platôs, numa tentativa de inventar novas formas de expressão filosófica.⁶³ Sem se vincular a dualidades metafísicas como fora-dentro, sujeito-objeto, representante-representado etc., que poderiam conferir uma totalização e unidade ao livro, a proposta de Deleuze e Guattari é pensá-lo de forma fragmentada, de maneira que se oponha a versão tradicional de livro como uma imitação do mundo. A função do livro é revisada e procurando 'quantificar a escrita' propõe, como princípio, a idéia de que "não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito"

⁶³ Uma característica do platô é que ele está sempre no meio, nem no início e nem no fim. O termo é tomado de empréstimo de Gregory Bateson que o define como "algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda a orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior" (Deleuze, 1980a:33)

(Deleuze&Guattari, 1980a:12). O livro se associa a uma experiência, mas, sobretudo, a uma experiência impessoal. A originalidade proposta para a escrita do livro é apresentada no primeiro capítulo: “um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes” (Deleuze&Guattari, 1980a:11). Deleuze e Guattari introduzem a idéia de livro como um dispositivo, não como uma versão simbólica do mundo, mas como um novo protocolo de experiência, um campo intensivo de individuação. O livro deixa de ser um operador de verdade e saber passando a funcionar como uma ferramenta de intervenção no real (Bouaniche, 2007).

“Há duas maneiras de ler um livro. Uma buscando o significante, outra maneira é quando consideramos o livro como uma pequena máquina a-significante, o único problema é: isso funciona e como é que isso funciona? É uma leitura de intensidade, algo passa ou não passa. Não há como explicar nada a compreender, nada a interpretar. É do tipo ligação elétrica” (Deleuze, 1990:16-7).

A questão da intensidade é central na construção da concepção de linguagem deleuziana e, através do conceito de devir, esta problemática ganha novos contornos.⁶⁴ O conceito de devir condensa algumas proposições fundamentais da filosofia de Deleuze que interpelam a leitura do conceito psicanalítico de pulsão. David-Ménard (2005) avalia que se o ‘corpo sem órgãos’ é o trampolim para Deleuze se separar da psicanálise, já os devires explicitam tudo o que é preciso pensar de diferente para poder fazê-lo. Porém, se por um lado, a filosofia dos devires parece afastar Deleuze do debate com a psicanálise, por outro, coloca em prova a clínica psicanalítica.

Os devires impõem uma reorganização do pensamento, na medida em que ligam termos distintos de suas combinações e colocam em causa as séries. Esta reorganização oferece um novo plano conceitual que reavalia a questão da estrutura e questiona, por exemplo, a ligação entre a pulsão e os objetos. O devir escapa as correspondências estruturais entre a cultura e natureza e, no caso das pulsões perde o sentido estabelecer uma diferença entre as pulsões e suas transformações. O fundamental da noção de devir

⁶⁴ O conceito de devir é citado em *Anti-Édipo*, mas somente ganha um conteúdo específico nos livros *Kafka, por uma literatura menor* e em *Mil Platôs*.

é que ela sustenta uma crítica ao estruturalismo. Tal análise se encontra na própria definição de devir: não é uma correspondência de relações, não é progredir nem regredir segundo uma série. Em *Mil Platôs*, encontramos a seguinte afirmação: “ora, é evidente que o estruturalismo não dá conta desses devires, porque ele é feito precisamente para negar ou ao menos para desvalorizar sua existência: uma correspondência de relações não faz um devir” (Deleuze&Guattari,1980c: 17-8). Portanto, o conceito de devir se opõe à estrutura. Pois, por princípio, a estrutura supõe uma correspondência de relações, e seus termos são definidos e produzidos mutuamente nesta relação. O conceito de devir propõe uma formulação mais radical. Sem se restringir a uma correspondência de relações, nem mesmo a uma semelhança ou a uma imitação, o devir implica em uma nova teoria da linguagem (David-Ménard, 2005).

Através do conceito de devir dirige-se uma crítica ao empobrecimento da leitura das pulsões, restrita aos seus representantes psíquicos. Para discutir esta questão, Deleuze e Guattari colocam em cena o encaminhamento de Freud no tratamento do Homem dos Lobos, ‘seria um ou vários lobos’? Segundo os autores, Freud reconhece a multiplicidade das correntes libidinais existentes, mas todo o problema aparece quando esta multiplicidade é reduzida à castração e a interpretação é capturada inteiramente sob a moldura edipiana, deixando de lado a relação de intensidade com a multiplicidade.⁶⁵ Deleuze procura destacar como Freud acaba remetendo as multiplicidades intensivas que povoam o inconsciente a unidades significantes.

Com a noção de multiplicidade, pretende-se ultrapassar a distinção entre consciência e inconsciente, entre natureza e história, entre corpo e alma. As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades

⁶⁵ A multiplicidade não se define por quantidade de elementos ou por conjuntos de elementos, mas pela conjugação ‘e’ como algo que tem lugar ‘entre’ os elementos ou entre os conjuntos (Deleuze, 1977). Ela não designa uma combinação do múltiplo e do Um. O múltiplo não passa de um adjetivo ou acidente do Um. A multiplicidade é apresentada pela fórmula (n-1), as possibilidades subtraídas da unidade. Em *Mil platôs* os autores esclarecem que usa o termo multiplicidade “para escapar a oposição abstrata entre o múltiplo e o uno, para escapar a dialética, para chegar a pensar o múltiplo em estado puro, para deixar de fazer dele o fragmento numérico de uma Unidade ou Totalidade perdidas ou, ao contrário, o elemento orgânico de uma unidade ou totalidade por vir” (Deleuze &Guattari, 1980a:46).

(Deleuze&Guattari, 1980a). Procurando retornar a unidade, a identidade da pessoa ou do objeto supostamente perdido se reduz toda a história: o lobo torna-se um cão edipianizado ou um lobo-pai castrado e castrador. É evidente que a leitura do caso poderia tomar caminhos completamente diferentes, caso fosse considerada a dimensão da intensidade. Uma coisa é pensar o lobo como representação, representar-se como um lobo, a outra é pensar o lobo como intensidades, velocidades, temperaturas, distancias variáveis indecomponíveis, ou até mesmo, diz o autor, como ‘um formigamento, uma inflamação’. O sonho do Homem dos lobos da árvore empoleirada de lobos poderia ser uma casa, um cômodo da casa, tantas coisas ainda, qualquer coisa (Deleuze&Guattari,1980a). Neste sentido, em *Conversações*, Deleuze afirma que o texto sobre Homem dos Lobos serve para mostrar “como a psicanálise é incapaz de pensar o plural, o múltiplo. A psicanálise parecia um fantástico empreendimento para arrastar o desejo a impasses, e para impedir as pessoas de dizerem o que tinham a dizer” (1990:180).

Segundo Deleuze (1993), a psicanálise perdeu a relação do inconsciente com as forças, esquecendo que a imagem não é só um trajeto, mas um devir. O desdobramento dessa afirmação significa que quando a psicanálise se depara, por exemplo, com o devir-animal no homem, o animal se torna apenas um representante das pulsões ou uma representação dos pais. “Não vêm a realidade de um devir animal, como ele é o afecto em si mesmo, a pulsão em pessoa, e não representa nada. Não há outras pulsões que não os próprios agenciamentos” (Deleuze&Guattari,1980c:45).⁶⁶ Encontramos no discurso deleuziano uma radicalização da pulsão como força, opondo-se a uma leitura da psicanálise que teria reduzido as pulsões a objetos e significados. Para Deleuze, a psicanálise reduziu o conceito da pulsão, pois os psicanalistas reportam as pulsões aos objetos, e os objetos às pessoas, massacrando o devir. O devir consiste em um fazer: “um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a parecer, nem ser, nem equivaler” (Deleuze&Guattari,1980c:19).

⁶⁶ É interessante ressaltar que apesar de Deleuze não conferir um privilégio entre os devires, há uma importância relativa no devir animal. Isto se deve ao fato que o tema da animalidade serve para liberar a falsa distinção entre natureza e cultura e visa recolocar as pulsões através dos afetos impessoais como a emergência de acontecimentos (David-Ménard, 2005).

Um ponto fundamental na discussão sobre os devires é seu caráter de impessoalidade. O devir propõe uma relação entre ordens de realidades distintas, em que a problemática do sujeito é analisada como um campo de forças sem nenhuma permanência. A subjetividade se define na economia das intensidades, como um mapa intensivo que se refaz a todo o momento. Ao impessoal, ao indefinido, nada carece. Ele é a própria determinação do devir. Na filosofia de Deleuze, a concepção de subjetividade está centrada na idéia de singularidade, mas trata-se de uma singularidade que não diz respeito ao individual ou ao pessoal, mas a impessoalidade. É somente através de uma singularidade impessoal que se poderia pensar na multiplicidade da produção desejante. Neste sentido, a potência do impessoal na produção de subjetividade não seria uma generalidade, e sim um alto grau de singularidade.

O caráter impessoal é utilizado para definir o humano sem qualidades, sem particularidades. Na literatura, Deleuze encontra em *Bartleby* de Melville um modelo da singularidade impessoal. Em *Crítica e Clínica*, o personagem Bartleby é apresentado como um personagem conceitual.⁶⁷ O original, na sua repetitiva fórmula ‘eu prefiro não’, não corresponde a uma ausência de vontade ou a uma recusa, mas a uma potência desagregadora que aparece como singularidade absoluta, um original, um puro devir (Bouaniche, 2007).

O caráter de impessoalidade demanda uma outra noção de linguagem diferente dos lingüistas e semiólogos. Deleuze chama a atenção para a oposição entre uma concepção lingüística que encontra a condição de enunciação nas duas primeiras pessoas (eu e tu) e a enunciação sob o registro do impessoal. O prejuízo de considerar apenas o registro pessoal é demonstrado na leitura do texto freudiano ‘Bate-se numa criança’. A interpretação dada ao texto logo se transformou em ‘meu pai me bateu’. Um caso em que o fantasma se apresenta como o indefinido, mas somente como máscara de um pronome pessoal ou de um possessivo (Deleuze, 1993). Os excessos de enquadres

⁶⁷ Em *Abecedário* os grandes personagens da literatura são comparados a grandes pensadores. “Eu acabo de reler vários livros de Melville. Está claro que o Capitão Ahab é um grande pensador, que *Bartleby é um pensador*. É um outro tipo de pensador, mas, mesmo assim, é um pensador. Eles nos fazem pensar. De maneira tal que uma obra literária tanto traça conceitos, de forma implícita, quanto traça perceptos. O filósofo cria conceitos. Mas acontece que estes transmitem muito, porque *o conceito, sob alguns aspectos, é um personagem. E o personagem tem a dimensão de um conceito*. Pelo menos, eu acho. O que há de comum entre as duas atividades, a grande filosofia e a grande literatura, é que ambas testemunham em favor da vida” (Deleuze, 1988-9:67, *grifos nossos*).

possessivos são também examinados na leitura do caso Hans. “Para a psicanálise, trata-se sempre de meu pai, de mim, de meu corpo. É um furor possessivo e pessoal, e a interpretação consiste em reconhecer pessoas e posses” (1993: 77). Este problema aparece, por exemplo, quando Freud dá uma ênfase à identificação do pai ao cavalo, excluindo de sua leitura a força animal que impulsiona o desejo. Um caminho que parece mais interessante, para Deleuze, é o investimento libidinal, recaindo sobre algo que se apresenta como um artigo indefinido, que neste caso poderia ser: ‘um cavalo’. O artigo indefinido pode mostrar os trajetos e percursos que desenharam um mapa intensivo e remete a algo que se situa no limite do fora da linguagem. Como algo indeterminado ou indiferenciado, o artigo indefinido exprime pura determinação de intensidade, a diferença intensiva. Ele seria comparado ao condutor de desejo, sendo que nada falta a ele (Deleuze&Guattari,1980b).

A pontuação sobre a identidade subjetiva representa um verdadeiro problema na psicanálise, na medida em que a formulação da impessoalidade dos fantasmas requer uma nova noção de linguagem e uma outra determinação da categoria de sujeito (David-Ménard, 2007).

4.4.3 A escrita e a clínica

Daí a literatura poder constituir uma experiência que, ilusória ou não, aparece como um meio de descoberta e de um esforço, não para expressar o que sabemos mas para sentir o que não sabemos.
Maurice Blanchot.

Deleuze encontra nos registros da escrita e da literatura um campo privilegiado para repensar a questão da clínica e do sujeito, na sua vertente de singularidade impessoal. No livro *Crítica e Clínica* (1993) o ‘problema da escrita’ é analisado e se propõe, a partir de uma reflexão sobre a literatura, uma clínica da experimentação.⁶⁸ No entanto, conforme assinala Mengue (1996), o título do livro (*Crítica e Clínica*) não traz um tema inédito na filosofia deleuziana, mas designa, antes de tudo, um projeto que acompanha toda a sua obra.

A implicação entre crítica e clínica aparece muito nitidamente, em 1967, na *Apresentação de Sacher-Masoch*. A relação entre clínica (no sentido médico) e crítica (no sentido literário) é utilizada para denunciar os preconceitos presentes no julgamento médico. Deleuze demonstra a relação entre clínica e crítica na perspicácia do artista que questiona a normatividade do fundamento etiológico. Sade e Masoch são apresentados como grandes clínicos, na medida em que propõem um comportamento inédito, um modo de existência, criam novas maneiras de sentir e pensar, como também, uma nova linguagem (Deleuze, 1967:16). Neste caso, a literatura não seria uma testemunha imaginária de uma perversidade real. A escrita de Sacher-Masoch não descreve um tipo clínico, mas inventa o ‘efeito masoquista’ (Sauvagnargues, 2006). A clínica, sob esta perspectiva, não reenvia à patologia, ela se relaciona a uma prática positiva de descrição do diagnóstico que é nomeada como sintomatologia. Sade e Masoch são considerados grandes escritores, ao mesmo tempo, grandes sintomatologistas, razão pela qual se

⁶⁸ O interesse pela literatura perpassa por toda a obra deleuziana. Inicia-se em 1947, com a publicação em *La Religieuse* de Diderot e, em seguida, através da literatura de Marcel Proust (1964), Sacher-Masoch (1967) e Franz Kafka (1975) problematiza alguns conceitos filosóficos. Além destes estudos, Deleuze escreveu o posfácio do livro *Sexta-feira ou Os Limbos do Pacífico* de Michel Tournier e também o texto *L'épuié* editado no livro *Quad* de Samuel Beckett.

tornam prodigiosos exemplos da eficácia da literatura (Deleuze, 1967). No texto ‘Mística e masoquismo’⁶⁹, a sintomatologia é comparada a um ponto limite entre a arte e a medicina.

“Talvez haja três atos medicinais muito diferentes: a sintomatologia ou estudo dos signos; a etiologia ou procura das causas; a terapêutica ou procura e aplicação de um tratamento. Enquanto a etiologia e a terapêutica são partes integrantes da medicina, a sintomatologia recorre a uma espécie de ponto neutro, de ponto-limite, pré-medicinal ou sub-medicinal, pertencendo tanto à arte quanto à medicina: trata-se de erigir um ‘quadro’. A obra de arte é portadora de sintomas, tal como o corpo ou a alma, embora de uma maneira bem diferente. Neste sentido, tanto quanto o melhor médico, o artista e o escritor podem ser grandes sintomatologistas, como o foram Sade e Masoch” (Deleuze, 2006: 150).

A leitura deleuziana de Sacher-Masoch destaca a função da arte como uma sintomatologia crítica e a relação entre terapêutica e literatura. A posição clínica é imediatamente crítica - descritiva e não normativa.⁷⁰ De forma complementar, a clínica confere uma função positiva de diagnóstico e a crítica ganha um sentido afirmativo, como correlato de um ato criador. Deleuze compreende a crítica como uma atividade que propõe a criação de valores, uma experiência de outras maneiras de sentir novas possibilidades de vida ou de existência. A crítica não se refere a um julgamento, mas a exposição de um complexo de forças. Em Sacher-Masoch é o escritor que soube, através da exibição de seus sintomas, capturar e tornar visível as forças. A idéia de arte como captura de forças inéditas e produção de novas formas é tributária da óptica

⁶⁹ O texto ‘Mística e masoquismo’ foi resultado de uma entrevista em abril de 1967 a propósito da publicação da *Apresentação de Sacher-Masoch*. Encontra-se publicado no livro *A ilha deserta e outros textos* (2006).

⁷⁰ Algumas influências são muito marcantes na conceptualização de clínica em Deleuze. Há, nos parece, uma aproximação da questão de clínica no sentido foucaultiano. Foucault se interessa particularmente pela criação literária nos anos 60-65 e compreende a experimentação nas margens da razão em ligação com seu trabalho sobre a história da loucura e sobre a epistemologia da clínica médica. O modelo de experiência literária serve para pensar outras experiências tais como a de exclusão, do saber, da punição ou da sexualidade. É esta descrição do papel clínico e político da literatura que interessa especialmente Deleuze. Outras influências são também destacáveis: a perspectiva nietzschiana que faz da doença um ponto de vista sobre a saúde e a relativização das categorias de normal e patológico proposta por Canguilhem (Sauvagnargues, 2006).

nietzschiana de propor a sintomatologia como um processo de subjetivação (Sauvagnargues, 2006).

A teoria da escrita (ou dos signos) de Deleuze encontra seu eixo principal em algumas idéias associadas à noção de sintomatologia, tais como a proximidade entre arte e vida, a associação entre literatura e saúde e a função política desta experiência.

I - A relação entre arte e vida está presente no duplo ponto de vista da clínica e da crítica. A arte se faz clínica da experimentação e a clínica se estende a um discurso crítico sobre a obra que diagnostica os devires. Na linguagem, encontram-se as idéias fundamentais da filosofia de Deleuze, a vida e os devires (Mengue, 1994). A escrita “é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (Deleuze, 1993:11).

II - A associação entre literatura e saúde está rerepresentada em *Crítica e Clínica*, na idéia do artista-médico, médico de si mesmo e do mundo. Os artistas não são doentes, mas médicos ou sintomatologistas. Esta posição nietzschiana faz do artista um médico da civilização. O artista é o médico e não o doente dos sintomas que ele descreve. Se Masoch dá seu nome a uma perversão, não é porque ele sofre, mas porque ele renova os sintomas. Neste sentido, “não se escreve com as próprias neuroses”, mas ao contrário, a arte é um processo de saúde e “a literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde” (Deleuze, 1993:13-4).

III - O destaque da função política da experimentação é inspirado na leitura nietzschiana da arte como sintomatologia. O artista ‘médico da civilização’ não é somente o especialista que diagnostica as patologias das civilizações, mas um operador que permite fazer aparecer novos complexos de forças e de sintomas em uma cultura. É capaz, portanto, de atuar como um agente de transformações e um crítico das condições atuais. A clínica, para Deleuze, se associa a questão de saber como as forças produzem signos e formas. Assim, a partir da ‘sintomatologia nietzschiana’ se esboça uma teoria intensiva e diferencial. A sintomatologia consiste na captura do signo e, por sua vez, o signo se define como um agrupamento de forças ou um modo de afecção: o signo é a

força, tanto que ele não é para interpretar, mas para experimentar (Sauvagnargues, 2006).

Entre arte, vida e política, o destaque à literatura se dá em função da sua possibilidade de captação de forças, de seu potencial de criação e da sua experiência propriamente impessoal. Neste sentido, através da literatura, Deleuze propõe uma clínica da experiência que se contrapõe à clínica da interpretação. Como vimos o termo ‘clínica’ aparece associado à noção de crítica. Deleuze chega a afirmar que os dois termos deveriam se confundir estritamente: “a crítica, arte das conjugações e a clínica, arte das declinações” (Deleuze, 1977:144). Trata-se de uma noção de clínica muito particular que vai ser igualada à noção de crítica, ambas relacionadas à obra literária. Para Mengue (1996), a junção entre clínica e crítica foi completamente absorvida pela crítica. No livro *Clínica e Crítica*, por exemplo, há uma crítica dos textos e de seus procedimentos literários sem clínica, quer dizer sem qualquer referência ao estabelecimento de processos ou estruturas patológicas. Realmente Deleuze não está preocupado com qualquer referência à doença mental; a doença é definida como uma interrupção no processo criativo, “quando o delírio recai no *estado clínico*, as palavras em nada mais desembocam, já não se ouve nem se vê coisa alguma através delas, exceto uma noite que perdeu sua história, suas cores e seus cantos” (Deleuze, 1993:9, *grifos nossos*). O sentido de clínica, para o autor, consiste essencialmente em capturar os signos que são considerados como expressão de forças.

A proposta de Deleuze, explicitada em *Diálogos*, é fazer uma *clínica* sem psicanálise nem interpretação e uma *crítica* sem lingüística nem significância. Desta maneira, sua intenção é pensar o regime de signos de forma que a enunciação seja determinada por intensidades e não distinga conteúdo e expressão. A linguagem aparece como um recurso para a enunciação essencialmente impessoal que contradiz a concepção lingüística fundada nas duas primeiras pessoas (eu e tu). A recusa à clínica da psicanálise se dá por sua associação ao pensamento representacional que, por sua vez, se vincula ao modelo da interpretação. Quando Deleuze se contrapõe a técnica da interpretação psicanalítica, ele sugere uma clínica da experimentação, tomando como modelo a arte. A literatura e a arte recebem uma função social de desligamento da referência edípica e torna possível uma experimentação intensiva. A partir dos anos 70,

a arte ganha uma função de experimentação do impessoal e marca um abandono da postura interpretativa.⁷¹ Sauvagnargues (2006) avalia que são duas as conseqüências da recusa da interpretação: a tomada política da crítica e o estatuto da arte como experimentação, sendo que o conceito de intensidade assume uma posição contra o sentido e a interpretação. O que nos cabe interrogar é como a concepção de uma clínica da arte pode dialogar com a prática psicanalítica?

A problemática da interpretação traz como pano de fundo uma questão central no manejo da clínica psicanalítica: a tensão entre o eixo discursivo e não-discursivo da linguagem. A proposta deleuziana de pensar numa linguagem ela mesmo afetada, traz uma crítica a concepção de linguagem como representação apoiada na gramaticalidade. Em *Kafka: por uma literatura menor* é sugerido o movimento de ‘ressecar’ o vocabulário para fazê-lo vibrar em intensidade. Deleuze procura pensar no uso da linguagem puramente intensivo e a-significante, onde não exista sujeito da enunciação e sujeito do enunciado, mas um circuito de estados que formam um devir mútuo.

Em *Crítica e Clínica* são distinguidos três aspectos da criação literária: o trabalho de decomposição da língua materna, tendo como exemplo o exercício de Proust de fazer sua própria língua. O segundo aspecto concerne ao resultado desta primeira operação, o surgimento de uma singularidade que marca a aparição de algo novo, estrangeiro, como qualquer coisa de novo na língua, no interior da língua mediante a criação de sintaxe. E, finalmente, o limite da linguagem como o elemento que engendra a linguagem e que não é da linguagem, mas consiste em visões ou audições. A questão da escrita, portanto, seria inseparável da questão do ver e do ouvir (Deleuze, 1993). Estes três aspectos se relacionam entre si, pois a invenção de uma nova língua, possibilita novas potências gramaticais e sintáticas para a produção de uma língua estrangeira. Deste modo, ao se criar uma língua no interior da língua, a linguagem

⁷¹ O exercício da literatura implica numa experiência de apagamento do ‘eu’, ou seja, ela só expressa sua singularidade quando perde provisoriamente seu poder de dizer ‘eu’ (Deleuze, 1993:13). Um outro trabalho de referência nesta questão é o livro *O que é o autor?* de Michel Foucault. A discussão sobre a função do autor é característico de um modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior da sociedade. É uma versão política que se coloca nos anos 60 e 70 sobre a noção de propriedade.

inteira tenderia para um limite assintótico, agramatical, que se comunica com a experiência do limite da linguagem.

“O limite não está fora da linguagem, ele é o seu fora: é feito de visões e audições não-linguageiras, mas que só a linguagem torna possíveis. Por isso há uma pintura e uma música próprias da escrita, como efeitos de cores e de sonoridades que se elevam acima das palavras. É através das palavras, entre as palavras, que se vê e se ouve” (Deleuze, 1993: 9)

A radicalidade da escrita está na sua capacidade de se situar no limite e fora da linguagem, nas audições e visões não-linguageiras. A sensorialidade das palavras, seus efeitos da visão e da audição comunicam com o seu fora.⁷² Não se trata de um acesso a uma realidade que seria pretensamente capturada fora de toda linguagem, no fora dela, mas de definir a linguagem por seu inverso, no seu próprio fora que lhe torna possível (Mengue, 1994).⁷³

O poder da linguagem de criar uma nova língua está associado a uma torção da própria língua que encontra seu limite. Esta potência da criação é comparada a idéia de levar a linguagem ao ‘delírio’. “É o delírio que a inventa, como processo que arrasta as palavras de um extremo a outro do universo. São acontecimentos na fronteira da linguagem” (Deleuze, 1993:9). O trabalho de Kafka, um escritor tcheco que escreve em

⁷² Parece-nos precioso trazer uma passagem de uma carta de Guimarães Rosa a sua tradutora norte-americana Harriet Onís na qual descreve seu interesse, enquanto escritor, pela dimensão sensível da escrita. “A meu ver, o texto literário precisa ter gosto, sabor próprio - como na boa poesia. O leitor deve receber sempre uma pequena sensação de surpresa – isto é, de vida (...). *Acho, também, que as palavras devem fornecer mais do que o que significam. As palavras devem funcionar também por sua forma gráfica. Sugestiva e sua sonoridade, contribuindo para criar uma espécie de ‘música subjacente’.* (...) Não procuro uma linguagem transparente. Ao contrário, o leitor tem de ser chocado, despertado de sua inércia mental, da preguiça e dos hábitos. Tem de tomar consciência viva do escrito, a todo momento. *Tem quase de aprender novas maneiras de sentir e pensar.*” (Rosa, 1959, texto inédito)

⁷³ Nesta mesma direção, José Gil destaca a análise das sensações e das pequenas percepções no seu estudo sobre Fernando Pessoa, indicando como a invenção poética dá lugar a um enunciado pelas sensações. A experiência do sentir pode não estar vinculada a uma questão identitária do eu, mas a uma intensidade. É possível se transformar em qualquer coisa, na medida em que, “não sou eu que sinto: pelo contrário, cada sensação tornou-se intensidade, quer dizer energia metamorfose. Caracterizando-se pela sua impessoalidade e pela sua plasticidade” (Gil, 1987:70).

alemão e de Beckett, um irlandês que escreve em francês, servem para evidenciar que a criação de uma nova língua não se refere a uma situação de bilingüismo ou de multilingüismo. Estes escritores não misturam uma língua à outra, mas “talham na sua língua uma língua estrangeira que não preexiste. Fazer a língua gritar, gaguejar, balbuciar, murmurar em si mesma” (Deleuze, 1993:125).

Deleuze propõe uma concepção de linguagem afetiva e intensiva. Em *Crítica e Clínica*, o filósofo aprofunda a concepção de regime de signos e desenvolve o modo de ser intensivo do conceito e da linguagem (Mingue, 1994). A literatura registra os devires e, neste processo, a própria língua é afetada, e isto consiste em certo tratamento da língua, como uma língua estrangeira. Através da literatura, o autor procura demonstrar que a linguagem intensiva não se produz por uma afecção daquele que fala. Pois, como se pode notar, para marcar as entonações, os romancistas trocam o ‘disse’ por expressões como ‘gritou’, ‘gaguejou’, no entanto, há outra possibilidade de expressão, quando o ‘dizer é fazer’. A gagueira não está nas palavras em si, mas nas palavras afetadas por ela. “Não é mais o personagem que é gago de fala, é o escritor que se torna gago da língua: ele faz gaguejar a língua enquanto tal” (Deleuze, 1993:122). A questão se é possível fazer a língua ‘gaguejar’ sem confundi-la com a fala, serve para demarcar a diferença da concepção da língua em relação à lingüística. Esta última toma a língua como um sistema homogêneo, em equilíbrio, ou pelo menos próximo ao equilíbrio, definido por relações constantes. No entanto, Deleuze propõe pensar a língua como um sistema em desequilíbrio permanente, como uma zona de variação contínua que permite a própria língua vibrar, gaguejar sem se confundir com a fala (Deleuze, 1993). Enquanto em um sistema em equilíbrio, as disjunções são necessariamente exclusivas, sendo necessário escolher uma palavra na medida em que não se pode dizer várias palavras ao mesmo tempo, para Deleuze a linguagem deve permitir que as disjunções tornem-se inclusas.

“É como se a língua inteira se pusesse em movimento, à direita e à esquerda, e balouçasse, para trás e para a frente: as duas gagueiras. Se a fala de Guerasim Luca é tão eminentemente poética, é porque faz da gagueira um afeto da língua, não uma afecção da fala. A língua inteira desliza e varia a fim de desprender um bloco sonoro último, um único sopro no limite do grito Je t’aime passionément” (1993:125, grifos nossos).

Há uma correlação entre a tensão da língua e o limite da linguagem. O limite da linguagem tensiona toda a língua, uma linha de variação ou de modulação tensionada que conduz a língua a esse limite. Assim como a nova língua não é exterior à língua, tampouco o limite assintático é exterior à linguagem: ele é o fora da linguagem, não está fora dela.

“É uma pintura ou uma música, mas uma música de palavras, uma pintura com palavras, um silêncio nas palavras, como se as palavras agora regurgitassem seu conteúdo, visão grandiosa ou audição sublime. O específico nos desenhos e pinturas dos grandes escritores (Hugo, Michaux...) não é que essas obras sejam literárias, pois não o são em absoluto; elas chegam a puras visões, que não obstante referem-se ainda à linguagem na medida em que dela constituem a finalidade última, um fora, um avesso, um reverso, mancha de tinta ou escrita ilegível. As palavras pintam e cantam, mas no limite do caminho que traçam dividem-se e se compõem. As palavras fazem silêncio” (Deleuze, 1993:128).

Ao reconhecer a intensidade na linguagem, Deleuze aproxima a literatura ao eixo não-discursivo e traz uma nova concepção da literatura, mais próxima ao mundo de intensidades puras para além das formas, gêneros ou de reinos. Neste panorama, destacamos os exemplos citados por Deleuze, como o trabalho de Michaux, pintor e poeta que demonstra a passagem do literário ao pictural e a intenção do trabalho de Kerouac, quando sua escrita toma como modelo a linha do desenho-poema chinês (Deleuze, 1980c). No artigo ‘A pintura inflama a escrita’, Deleuze (2003) afirma que se pode imaginar um mundo comum ou comparável entre pintores e escritores. É precisamente um jogo de caligrafia, destacando a consideração da grafia ou da escrita sobre o plano corporal e o plano das intensidades.

Considerações finais

Procuramos, no percurso da nossa investigação, analisar como a dimensão intensiva da linguagem comparece no discurso freudiano, demonstrando a associação vital entre linguagem e clínica.

O ponto central da discussão sobre a linguagem é decorrente da originalidade freudiana em considerar sua implicação corporal e afetiva. É através da palavra que se inaugura, na clínica da histeria, o tratamento psíquico para os ‘afetos retidos’. A linguagem permite o trânsito entre psíquico e somático, funcionando como um prolongamento de um registro a outro. Mas, a tentativa de articular corpo, afeto e linguagem é de grande complexidade. O texto freudiano é marcado por diversos planos conceituais e oferece uma abertura a diferentes leituras sobre o universo da linguagem.

Procurando traçar um panorama geral sobre o entrelaçamento da questão linguagem e clínica, ao longo da obra freudiana, recorreremos à teoria das pulsões. As duas perspectivas do discurso das pulsões sinalizam diferentes posições em relação ao exercício da prática clínica, como também, a concepção de linguagem correspondente.

Um primeiro plano encontra-se na formulação das pulsões, proposta em 1905, que valoriza, especialmente, seu aspecto qualitativo. A pulsão é inscrita no registro das representações, onde se constitui um circuito pulsional ordenado. Este enfoque sustenta a formulação de uma clínica voltada, essencialmente, para a produção de sentido. Assim, o trabalho analítico consistiria em promover o domínio das representações e torná-las conscientes, através da técnica da interpretação. O ponto chave desta argumentação sustenta-se na compreensão que o processo de tornar consciente está associado à verbalização. A linguagem é concebida como uma atividade representativa e verbal, profundamente comprometida, por sua vez, à lógica metafísica das representações. O plano das intensidades, apesar de considerado, não é determinante no processo ‘principal’ de produzir sentido a partir do fluxo das representações. Neste caso, a linguagem se define como o ‘meio’ através do qual se produz a significação do afeto. Nesta perspectiva de associar o processo de tornar consciente à verbalização, o corpo e afeto tornam-se, praticamente, elementos passivos no processo. Procuramos demarcar

que, colocar em cena a problemática da linguagem insistindo no enfoque da dicotomia representação/afeto - procurando assegurar a legitimidade do afeto ou da representação - não avança a discussão sobre a problemática abordada. Nosso intuito foi, principalmente, sinalizar os impasses clínicos e as impossibilidades de escuta quando se restringe o psiquismo ao campo da racionalização e da simbolização.

A dimensão semântica e significativa da linguagem é questionada por Freud de diversas maneiras. A própria abordagem de linguagem incorpora a original formulação da noção de representação: a linguagem é caracterizada pela heterogeneidade dos dois registros de representação (palavra e coisa) e o efeito de significação é produzido através de um complexo de associações, formado por vários elementos. Embora, na metapsicologia, Freud proponha um modelo de linguagem associada ao processo secundário – o acesso à consciência é decorrente de uma ligação com a representação de palavra – a lógica dos sonhos e dos psicóticos revela que a ‘palavra’ também pode ser tratada como ‘coisa’, abalando a aparente ‘garantia’ da associação entre linguagem, verbalização e consciência.

Em diferentes perspectivas e momentos da construção teórica da psicanálise é evidente a preocupação freudiana em contemplar o aspecto afetivo e intensivo da linguagem. No mecanismo de negação, por exemplo, é considerada a junção da função intelectual e da função afetiva no processo de pensamento. Esta hipótese é interessante por considerar que o processo de pensamento está vinculado aos impulsos pulsionais primários. Outro aspecto relevante, encontra-se na clínica da histeria quando a linguagem é comparada a uma ação corporal, admitindo, desta forma, seu aspecto ‘motor’ conjuntamente a sua veiculação na produção de sentido. Pela escuta clínica também é descoberta a importância do aspecto ‘sensorial’ das palavras, onde a dimensão da expressão tem prioridade sobre a significação. Todos estes pontos aparecem como deslocamentos da compreensão da linguagem do inconsciente como representantes fixos. Apesar da proposta de decifrar o sonho, a própria hipótese de tradução do inconsciente é questionada por Freud. Portanto, a linguagem do inconsciente não se mostra como representantes à espera de decifração. A questão do sentido é, em parte, deslocada quando se considera que a interpretação é construída pelo contexto, em comparação com os demais elementos, de forma que o sentido é

construído e não ‘revelado’. Assim, a lógica do inconsciente promove alguns ‘desajustes’ em relação à lógica determinista das representações. A pergunta que impõe é como estes deslocamentos são contemplados no âmbito da clínica.

Um segundo plano, fundamental na articulação linguagem-clínica, é verificado na reformulação teórica das pulsões, realizada em 1920. A proposta de conceber uma modalidade pulsional como força - pura intensidade sem representação - reflete alguns impasses clínicos. A mudança significativa, nesta retomada teórica, é sua ruptura com a suposição de um plano organizado, exclusivamente, pelo campo das representações. A pulsão de morte insiste em intensidade sem possibilidade de simbolização o que exige considerar um trabalho anterior ao circuito ordenado do campo das representações: as ‘primeiras ligações’ antes da instauração do princípio do prazer. Conforme sinalizamos, tal problema implica em um questionamento sobre os caminhos do circuito pulsional. Por um lado, encontramos no pensamento de Freud a definição de que o trabalho da pulsão é o de simbolização e o ato analítico é o de constituir caminhos possíveis de satisfação para as forças pulsionais. No entanto, é preciso também ressaltar que a inscrição da pulsão, no registro da simbolização, pode ou não se realizar. A força pulsional não é totalmente absorvida pelo universo da representação, o que nos leva a considerar que o trabalho pulsional implica em diversos processos de subjetivação, entre eles, o de simbolização. A novidade nesta perspectiva é que somos levados a admitir a presença de registros psíquicos não pertencentes ao circuito das representações inconscientes o que implica em considerar que os processos subjetivos podem se constituir independentemente do recalque. Neste sentido, a clínica se confronta com aspectos sensíveis que não são regidos pela lógica dos representantes. Cabe a interrogação sobre que plano se passa a clínica: na dimensão do inconsciente ou do Id? Qual concepção de linguagem exige esta dimensão?

Nosso trabalho de pesquisa procurou ressaltar de que forma a consideração da dimensão intensiva da linguagem pode servir como um importante elemento para repensar a realidade da clínica psicanalítica. A partir da perspectiva da pulsão de morte, torna-se clara a diferença entre admitir o poder de afetação da linguagem e considerar a intensidade como parte integrante da linguagem.

Sem a pretensão de responder a esta questão, mas sinalizar caminhos que possam ampliar e dar continuidade à discussão, buscamos a filosofia de Derrida e Deleuze pela valiosa contribuição nos questionamentos apresentados sobre a abordagem da linguagem no campo psicanalítico.

Derrida aborda a questão da linguagem distinguindo dois modelos: da fonética e da escrita. Advertindo sobre o vínculo entre a fonética e o logocentrismo, o autor sinaliza a ‘diferença’ no modelo da escrita. Apesar de reconhecer a influência da tradição filosófica da metafísica nas instâncias metapsicológicas, o autor encontra no discurso freudiano um potencial de desconstrução da concepção de linguagem associada a uma atividade representativa verbal. O elemento fundamental de sua argumentação é a insistente escolha de Freud por representar o psiquismo através de modelos metafóricos de escrita. Alguns apontamentos da sua análise são fundamentais para nossa discussão. Primeiro, o esforço de Freud em procurar definir uma concepção mais abrangente de linguagem, sem se restringir apenas a expressão do pensamento em palavras, como é o caso da linguagem gestual das histéricas e da linguagem pictórica e sensorial dos sonhos. Uma segunda característica é sinalizada no conceito de ‘texto psíquico’. O inconsciente é concebido como uma escrita permanente produzida sobre a economia das palavras e não pelo sentido das mesmas. Demonstrando a irredutibilidade do texto psíquico à palavra, a linguagem se aproxima da produção e da criação. A dificuldade de tradução (interpretação) do texto inconsciente evidencia o fato que ele não se compõe exclusivamente de representantes. Sob este prisma, reconhecer a determinação da linguagem a partir representação verbal se sustenta na tradição metafísica da consciência que separa força e sentido. Derrida procura demonstrar, a partir no modelo da escrita, uma abordagem de linguagem atravessada por intensidades.

Os argumentos de Deleuze se aproximam, em parte, da proposta de Derrida no sentido de sinalizar a importância da dimensão intensiva da linguagem não restrita a ordem da representação. Deleuze adverte para uma questão crucial na clínica: o empobrecimento da psicanálise ao desconsiderar a dimensão pulsional do inconsciente. No entanto, apesar de utilizar os próprios conceitos freudianos para construir sua crítica contra a psicanálise, o autor não potencializa o discurso freudiano.

O questionamento de Deleuze à psicanálise se focaliza no modelo de interpretação, devido a sua associação ao pensamento representacional. Procuramos ressaltar que a problemática da interpretação traz como pano de fundo uma questão central no manejo da clínica psicanalítica: a tensão entre o eixo discursivo e não-discursivo da linguagem.

Deleuze formula uma concepção de linguagem que renova a concepção de clínica e questiona a categoria de sujeito. Questionando a identidade subjetiva, a linguagem é concebida como uma experiência singular impessoal. Na sua proposta de clínica da experimentação, tomando como modelo a arte, se constrói uma concepção de linguagem intensiva e afetiva que abarca o plano discursivo e não-discursivo. A linguagem inclui os registros da audição e da visão, e tende a uma sensorialidade que a força a um limite assintótico. A proposta de Deleuze em pensar a linguagem ela mesma afetada, é uma maneira de dirigir uma crítica a concepção de linguagem como representação apoiada na gramaticalidade. Nesta radicalidade da concepção deleuziana de linguagem, encontra-se alguns elementos decisivos para formulação de uma linguagem intensiva que pode contribuir na reflexão sobre como trabalhar com forças não passíveis de representação no âmbito da clínica. É uma perspectiva que aproxima a clínica à estética, na medida em que, a experiência do sujeito aparece como resultado de possibilidades pulsionais e não apenas como interpretação de representações.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola (org.)

(2000) *Dicionário de Filosofia*. SP: Martins Fontes

ALFANDARY, Isabelle

(2001) "E.E. Cummings/Gilles Deleuze: écriture et affect". Em: *Deleuze-chantier*, Théorie, Littérature, Enseignement, automne, Paris: PUV, Saint-Denis.

ANDRADE, Claudia Braga

(2003a) "Desejo: um grande sertão". Em: *Veredas de Rosa II*. BH: Editora PUC-Minas, p.123-128.

(2003b) "A 'natureza' do corpo: origem ou destino?". Em: *Cadernos de Psicanálise SPCRJ*. Vol. 19, n.22, RJ: Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, p.97-112.

(2004) "A 'natureza' do corpo: origem ou destino? Uma leitura sobre a concepção de corpo na obra freudiana". Dissertação de mestrado em Teoria Psicanalítica – Instituto de Psicologia – UFRJ.

ANDRÉ, Jacques

(2002) "Introduction: La vie sensorielle". Em: *La vie sensorielle. La clinique à l'éprouve des sens*. Paris: PUF, p.9-18.

ANZIEU, Annie e ANZIEU, Didier

(2003) *Psychanalyse et langage – du corps à la parole*. Paris: Dunod.

ARAÚJO, Saulo F.

(2003) "O conceito freudiano de representação no texto Zur Auffassung der Aphasien". Em: *Revista Olhar (CECH/UFSCar)*, Ano 5, nº. 8, Jan-Jun.

ASSOUN, Paul-Laurent

(1983) *Introdução à epistemologia freudiana*. RJ: Imago.

(1995) *Metapsicologia freudiana*. RJ: Jorge Zahar Editora.

(1996) *Littérature et psychanalyse*. Paris: Ellipses.

BARTHES, Roland

(1999) *O prazer do texto*. SP: Ed. Perspectiva.

BARTHES, R & COMPAGNON, A.

(1987) "A leitura". Em: *Enciclopédia Einaudi*. Vol.11. Lisboa: Imprensa Nacional, p.184-187.

BIRMAN, Joel

(1993) "A linguagem na constituição da psicanálise". Em: *Ensaio de teoria psicanalítica*. Parte I. RJ: Jorge Zahar Editora.

(1996) *Por uma estilística da existência*. SP: Ed. 34.

(1999) *Cartografias do feminino*. SP: Ed. 34.

- (1997) *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. SP: Ed. 34.
- (2000a) “Os signos e seus excessos. A clínica em Deleuze”. Em: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. SP: Editora 34, p.463-478.
- (2000b) *Entre Cuidado e Saber de Si*. RJ: Relume Dumará.
- (2000c) “A psicanálise e a crítica da modernidade”. Em: HERZOG R. (org) *A psicanálise e o pensamento moderno*. RJ:Contracapa, p.109-130.
- (2001a) *O mal-estar na atualidade*. RJ: Civilização Brasileira.
- (2001b) *Gramáticas do erotismo*. RJ: Civilização Brasileira.
- (2001c) *Corpos e formas de subjetivação em psicanálise*.
<<http://www.estadosgerais.org>>
- (2001d) “O sentido da retórica: sobre o corpo, o afeto e a linguagem em psicanálise”. Em: BEZERRA JR, B. & PLASTINO, C.A. (org) *Corpo afeto linguagem*. RJ: Marca d’Água, p.173-198.
- (2002a) “Nas bordas da transgressão”. Em: PLASTINO, C.A. (org) *Transgressões*. RJ: Contra capa, p.43-62.
- (2002b) “O Cuidado de si no futuro da psicanálise”. Em: ALONSO, A. e ARAUJO, R. (org) *O Futuro da psicanálise*. RJ: Contra capa, p.47-68.
- (2003) *Freud e a filosofia*. Coleção Filosofia - Passo a passo. RJ: Jorge Zahar Editor.
- (2004) “Excesso e Ruptura de Sentido na Subjetividade Hipermoderna”. Em: *Cadernos de psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 175-195.
- (2005) “O Mal-estar na modernidade e a psicanálise”. Em: *PHYSIS Revista de Saúde Coletiva*, IMS/UERJ, v. 15, p. 203-223.
- (2006) *Arquivos do mal-estar e da resistência*. RJ: Civilização Brasileira.
- (2007) “Derrida e a psicanálise”. Em: *Revista Cult*. São Paulo, no.117, Ano 10, p.56-9.

DAVID-MÉNARD, Monique

- (1994) “Identificação e histeria”. Em: ROITMAN, A. (org) *As identificações*. RJ: Relume Dumará, pp. 69-92.
- (1998) “Singularité, détermination, répétition”. Em: *Rue Descartes*. Collège International de Philosophie. Décembre. Paris: PUF
- (2000a) *A histérica entre Freud e Lacan*. SP: Escuta.
- (2000b) *Tout le plaisir est pour moi*. Paris: Littératures.
- (2002) “Les pulsions caractérisées par leurs destins: Freud s’éloigne-t-il du concept philosophique de trieb?”. Em: *Revue Germanique Internationale*, No. 18. Paris: PUF.
- (2005) *Deleuze et la psychanalyse*. Paris:PUF.
- (2007) “L’impersonnel et l’altérité selon”. Em *Autour De Pierre Fédida*. Paris:PUF.

DAYAN, M.

- (1973) “Freud et la trace”. Em: *Topique revue freudienne*. N. 11-12. Oct. Paris: PUF

DELEUZE, Gilles

- (1964) *Proust et les signes*. Paris: PUF.
- (1967) *Presentation de Sacher Masoch*. Paris: Minuit.
- (1969) *A lógica do sentido*. SP: Ed. Perspectiva, 2003.
- (1981) *Francis Bacon – Lógica da sensação*. RJ:Zahar, 2007.
- (1968) *Diferença e repetição*. SP: Graal, 1988.

- (1988-9) *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Acesso em novembro 2005. Disponível em <http://www.guaikuru.blogger.com.br>
- (1990) *Conversações*. RJ: Editora 34, 1992.
- (1991) *O que é a filosofia?* RJ: Editora 34, 1992.
- (1993) *Crítica e Clínica*. RJ: Editora 34, 1997.
- (2003) *Deux régimes de fous*. Org. Lapoujade, David. Paris: Minuit.
- (2006) *A Ilha deserta e outros textos*. Org. Lapoujade, David. SP: Iluminuras.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix

- (1972) *O anti-Édipo*, RJ: Imago.
- (1975) *Kafka, pour une littérature mineure*. Paris: Minuit.
- (1980a) *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 1. RJ: Editora 34, 1995.
- (1980b) *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3. RJ: Editora 34, 1996.
- (1980c) *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 4. RJ: Editora 34, 1997.
- (1991) *O que é a filosofia?* RJ: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire

- (1977) *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

DERRIDA, Jacques

- (1967a) *A escritura e a diferença*. SP: Perspectiva, 2005.
- (1967b) *Gramatologia*. SP: Perspectiva, 2006.
- (1995) *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. RJ: Relume Dumará, 2001.
- (1972) *Posições: Jacques Derrida*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, Jacques & ROUDINESCO, Elisabeth

- (2004) *De que amanhã. Diálogos de Derrida e Roudinesco*. RJ: Jorge Zahar Editor.

DOSSE, François

- (1993) *História do Estruturalismo*. SP: Ed. Unicamp.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César

- (2007) “Desconstrução e incondicional responsabilidade”. Em: *Revista Cult*. São Paulo, no.117, Ano 10, p.53-5.

FEDIDA, Pierre

- (2005) “Le Philosophe et sa peau”. Em: *Gilles Deleuze. Collectif-Essai*. Paris: Editions Inculte, p.159-176.

FORTES, Maria Isabel

- (2003) “É possível pensar em uma clínica psicanalítica nietzschiana?”. Em: *Cadernos do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 19-24.

FORRESTER, John

- (1980) *Le langage aux origines de la psychanalyse*. Paris: Ed. Gallimard.
- (1990) *As seduções da psicanálise*. SP: Papirius.

FOUCAULT, Michel

(1963) *O Nascimento da Clínica*. RJ: Forense-Universitária, 1980.

(1966) *As palavras e as coisas*. SP: Martins Fontes, 1995.

(1967) “Freud, Nietzsche e Marx”. Em: *Coleção Ditos e escritos I*. RJ: Forense Universitária, 2001, p.40-55.

(1983) *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992.

FREUD, Sigmund

(1987) *Contribution à la conception des aphasies*. Paris:PUF.

Obras Completas. RJ: Imago Editora, 1976.

(1892-7) “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”, vol. I.

(1893a) “Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas”, vol. I.

(1893b) “Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos: uma conferência”, vol. III.

(1893-5) “Estudos sobre a histeria”, vol. II.

(1894) “As neuropsicoses de defesa”, vol. III.

(1895) “Projeto para uma psicologia científica”, vol. I.

(1900) “Interpretação de sonhos”, v. IV,V.

(1901) “A psicopatologia da vida cotidiana”, v. VI.

(1903) “O método psicanalítico de Freud”, v.VII.

(1905a) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, vol. VII.

(1905b) “Tratamento psíquico”, vol. VII.

(1905c) “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, vol. VIII.

(1907a) “Escritores criativos e devaneio”, vol. IX.

(1907b) “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen”, vol. IX.

(1909) “Algumas observações gerais sobre ataques histéricos”, vol. IX.

(1910a) “Cinco lições de psicanálise”, vol. XI.

(1910b) “A significação antitética das palavras primitivas”, vol. XI.

(1911) “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, vol. XII.

(1914a) “Sobre o narcisismo: uma introdução”, vol. XIV.

(1915a) “Os instintos e suas vicissitudes”, vol. XIV.

(1915b) “Recalque”, vol. XIV.

(1915c) “O inconsciente”, vol. XIV.

(1915d) “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”, vol. XIV.

(1915-6) “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, vol. XV.

(1916-7) “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, vol. XVI.

(1919) “O estranho”, vol. XVII.

(1920) “Além do princípio do prazer”, vol. XVIII.

(1922) “Dois verbetes de enciclopédia”, vol. XVIII.

(1923) “O ego e o id”, vol. XIX.

(1924a) “A perda da realidade na neurose e na psicose”, vol. XIX.

(1924b) “Um estudo autobiográfico”, vol. XX.

(1925a) “A negativa”, vol. XIX.

(1925b) “Uma nota sobre o ‘bloco mágico’”, vol. XIX.

(1932) “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise”, vol. XXII.

(1937a) “Análise terminável interminável”, vol. XXIII.

- (1937b) “Construções em análise”, vol. XXIII.
(1938a) “Esboço de psicanálise”, vol. XXIII.
(1938b) “Algumas lições elementares de psicanálise”, vol. XXIII.
(1938c) “Moisés e o monoteísmo”, vol. XXIII.

GARCIA-ROZA, L.A.

- (1991a) *Introdução à metapsicologia freudiana*. vol.1. RJ: Jorge Zahar Editora.
(1991b) *Introdução à metapsicologia freudiana*. vol. 2. RJ: Jorge Zahar Editora.
(1995) *Introdução à metapsicologia freudiana*. vol. 3. RJ: Jorge Zahar Editora.

GIL, José

- (2000) “Uma reviravolta no pensamento de Deleuze”. Em: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. SP: Editora 34, p.65-84.
(2002) “O corpo paradoxal”. Em: *Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo*. RJ: Relume Dumará, p.131-148.

GREEN, André

- (1973) *Le discours vivant*. Paris : PUF, 2004.
(1985) “Sur la discrimination et l’indiscrimination affect-représentation”. Em : *Revue Française de Psychanalyse*. Le statu de la representation dans la theorie psychanalytique. Vol. 49, No 3. Paris: PUF, p.217-271.
(1999) “Reflexions libres sur la représentation de l’affect” Em : *Revue Française de Psychanalyse*. ‘L’affect et sa perversion’. Vol. 63, No 1. Paris: PUF, p.773-788.

HANS, Luiz

- (1996) *Dicionário comentado do alemão de Freud*. RJ: Imago.

HARDT, Michael

- (1996) *Gilles Deleuze uma vida filosofia*. SP: 34.

HENRY, Michel

- (1985) *Généalogie de la psychanalyse*. Paris: PUF.

HERZOG, Regina

- (1995) “Pensamento e realidade em Freud: aproximações”. Em : *Psicologia & Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 15-31.
(2003) “O estatuto da Bindung na contemporaneidade”. Em ; *Interações - estudos e pesquisa em psicologia*, São Paulo, v. VIII, n. 16, p. 35-55.

KATZ, Chaim Samuel

- (1994) *Freud e as psicoses*. RJ:Xenon.
(2003) “Para os 100 anos de Lacan”. Em:
http://www.estadosgerais.org/gruposvirtuais/katz_chaim-100_anos_lacan.shtml

KAUFMANN, Pierre (org.)

- (1996) *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. RJ: Jorge Zahar Editor.

KRISTEVA, Julia

(2000) *Sentido e contra-senso da revolta*. RJ: Ed. Rocco.

KUHN, Roland

(1983) “Préface”. Em: *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF.

LACAN, Jacques

(1953) “Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise”. Em: *Escritos*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

(1954) “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud”. Em: *Escritos*. RJ: JZE, 1998.

(1957) “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud”. Em: *Escritos*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

LAPLANCHE J. & PONTALIS J.B.

(1986) *Dicionário de psicanálise*. SP: Ed. Martins Fontes.

LECLAIRE, Serge

(1992) *O corpo erógeno*. SP: Escuta.

LECHTE, John

(2003) *Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais do estruturalismo à pós-modernidade*. RJ: Ed. Bertrand.

LEJARRAGA, A.L.

(1996) *O trauma e seus destinos*. RJ: Ed. Revinter.

LINS, Daniel & GADELHA, Sylvio(org).

(2002) *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. RJ: Relume Dumará.

LONG, Olivier

(2004) “Immanence de l’hystérie. Une ‘théorie’ du signe”. Em: *Revue D’Esthétique – Ce que l’art fait à la philosophie*. Le cas Deleuze, no. 45, p.33-42.

MACHADO, Roberto

(1982) *Ciência e saber*. RJ: Graal.

(1990) *Deleuze e a filosofia*. RJ: Graal.

(2000) *Foucault, a filosofia e a literatura*. RJ: Jorge Zahar Editor.

MAJOR, René

(2002) *Lacan com Derrida*. RJ: Civilização Brasileira.

MENGUE, Philippe

(1994) *Gilles Deleuze ou le système du multiple*. Paris: Éditions Kimé.

(1996) “Les concepts de ‘clinique’ dans l’oeuvre de Gilles Deleuze”. Em: *Les papiers du Collège International de Philosophie*, no. 29, maio, p.7-18.

MUZAN, Michel

(1977a) 'Écrire, Psychanalyser, Écrire'. Em: Nouvelle Revue de Psychanalyse, Écrire la psychanalyse, No. 16, Automme. Paris : Gallimard, p.5-26.

(1977b) *De l'art à la mort: Itinéraire psychanalytique*. Paris : Gallimard.

NANCY, Jean-Luc

(2005) 'Les différences parallèles Deleuze et Derrida'. Em: *Deleuze Épars*. Paris: Hermann, p.7-19.

NASCIMENTO, Evando

(1999) *Derrida e a literatura*. RJ: EdUF.

(2004) *Derrida*. Coleção Filosofia - Passo a passo. RJ: Jorge Zahar Editor.

NASSIF, J.

(1977) *Freud – L'inconscient*. Paris: Galilée.

NERI, Regina Alice

(2003) "Anti-Édipo – psicanálise um debate atual". Em: *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, vol.VI, nº 1, janeiro-junho. RJ: Contra-Capa, p.21-43

(2005) *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. RJ: Civilização Brasileira.

ORLANDI, Luis

(2002) Corporeidades em minidesfile (mimeo).

POLACK, Jean-Claude

(2006) *Épreuves de la folie*. Paris: Ed. Érès.

REIS, Eliana Schueler

(2004) *De corpos e afetos*. RJ: Contra Capa.

REGO, Cláudia de Moraes

(2006) *Traço, letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan*. RJ: 7 Letras.

RICOEUR, Paul

(1965) *De l'interprétation – essais sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil.

ROSA, João Guimarães

(1959) *Carta a Harriet de Onís*. Manuscrito inédito. Arquivo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel

(1998) *Dicionário de psicanálise*. RJ: Jorge Zahar Editor.

RUDGE, Ana Maria

(1998) *Pulsão e linguagem*, RJ: Zahar.

SAUSSURE, Ferdinand

(1980) *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot.

SAUVAGNARGUES, Anne

(2004) “Deleuze, De l’animal à l’art”. Em: *La philosophie de Deleuze*. Paris: PUF, p.117-228.

(2006) *Deleuze et l’art*. Paris: PUF.

SIMANKE, Richard Theisen

(2006) “Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em Sobre a concepção das afasias”. Em: *Discurso: Revista do Departamento de filosofia da USP*, n.36. São Paulo.

SCHNEIDER, Monique

(1987) “La conscience investie”. Em: *Études Freudiennes*, avril, No. 29, Paris.

(1988) *Le trauma et la filiation paradoxale*. Paris: Ramsay.

(1992) “Entre nature et culture, le cri”. Em: *Études Freudiennes*, No. 33, Paris: Édition études freudiennes.

(1994) *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. SP: Escuta.

(1999) “L’émotion selon Freud. L’interruption du corps étranger”. Em: *Revue Phenomenologique*, no. 7 p. 213-232.

TORT, Michel

(1966) “A propos du concept freudien de représentant”. Em: *Cahier pour l’analyse*. Paris.

TRILLARD, Etienne

(1991) *História da histeria*, SP: Escuta Editora.

VIDAL, Eduardo A.

(2000) “Heterogeneidade Deleuze-Lacan”. Em: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. SP: Editora 34, p.479-494.

VIEIRA, Marcus André

(2001) *A ética da paixão*. RJ: Jorge Zahar Editor.

VILLA, François

(2007) “Le corps sans organe et l’organe hypocondriaque”. Em: *Champ Psychosomatique. Corps Machine*. Paris: L’esprit du temps, p.33-45.

WIDLÖCHER, Daniel

(1986) *Métapsychologie du sens*. Paris: PUF.

(1992) “L’inconscient entre dire et faire”. Em: *Études freudiennes*, n.33, avril. Paris: Édition études freudiennes.

ZOURABICHVILI, François

(2004) *O vocabulário de Deleuze*. RJ: Relume Dumará.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)